

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

JULIANA MARTINS FONSECA

**PAISAGENS E IMAGENS AMAZÔNICAS:
OS CAMINHOS DO IMAGINAR, OLHAR E SENTIR**

BELO HORIZONTE

2016

F676p Fonseca, Juliana Martins.
2016 Paisagens amazônicas [manuscrito] : os caminhos do imaginar, olhar e sentir / Juliana Martins Fonseca. – 2016.
x,127 f., enc.: il. (principalmente color.)

Orientadora: Maria Aparecida dos Santos Tubaldini.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Geografia, 2016.

Área de concentração: Organização do Espaço.

Bibliografia: f. 120-127.

1. Fenomenologia – Teses. 2. Paisagens – Amazônia – Teses. 3. Comportamento espacial – Teses. I. Tubaldini, Maria Aparecida dos Santos. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Geografia. III. Título.

CDU: 165.62(811.1)

Ficha catalográfica elaborada por Graciane A. de Paula – CRB6 3404

Juliana Martins Fonseca

***PAISAGENS E IMAGENS AMAZÔNICAS:
OS CAMINHOS DO IMAGINAR, OLHAR E SENTIR***

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para obtenção de título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Organização do Espaço.

Orientador (a): Prof. Dra. Maria Aparecida dos Santos Tubaldini

BELO HORIZONTE

2016

Dissertação intitulada Paisagens e imagens amazônicas: os caminhos do imaginar, olhar e sentir, de autoria da mestranda Juliana Martins Fonseca apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia do Instituto de Geociências da UFMG como requisito a obtenção do título de mestre em Geografia.

Área de Concentração: Organização do Espaço.

Aprovada pela banca examinadora constituída dos seguintes professores:

Prof.a Dra. Maria Aparecida dos Santos Tubaldini
Departamento de Geografia - IGC/ UFMG
Orientadora

Prof.a Dra. Letícia Carolina Teixeira Pádua
Departamento Interdisciplinar em Humanidades- FIH/ UFVJM

Prof. Dr. José Antônio Souza de Deus
Departamento de Geografia - IGC/ UFMG

Prof.a Dra. Virgínia de Lima Palhares
Departamento de Geografia - IGC/ UFMG

Belo Horizonte, 29 de setembro de 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, Deuses e Deusas e as boas energias do Universo por me darem força e coragem para sempre conquistar os meus objetivos e sonhos.

Obrigada pai por ser um ser de luz e força no meu mundo! Você me deu a oportunidade de viver uma vida linda e plena! Serei sempre grata pelos seus sacrifícios e gritarias. Nunca vou me esquecer que todo compromisso firmado deve ser honrado. Todas as minhas conquistas são suas! Te amo no infinito e além!

Obrigada mãe por me amar e trazer tanta sensibilidade para o meu mundo. O meu gosto por estudar e pela leitura sempre foram incentivados por você. Obrigada por me ensinar a viajar e a conhecer tantos mundos pelos papéis. Os mundos que eu vi e senti com o meu corpo foram também vistos e sentidos por você. O nosso tempo mesmo que seja pouco, sempre será o melhor. Te amo no infinito e além!

A Prof. Maria Aparecida dos Santo Tubaldini que ofereceu a grande oportunidade de conhecer esse cantinho do Brasil agora tão amado.

A Prof. Virgínia Palhares por me permitir partilhar saberes, sabores e prosas durante os últimos anos e que me apresentou o oceano de possibilidades da Geografia Humanista.

Aos membros da banca pela disponibilidade em ler o texto e pelas observações e provocações para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos amigos da Geografia que me ajudaram a enfrentar e ultrapassar as adversidades durante o curso e conhecer um pouco mais da nossa ciência e papel no mundo.

A todos os membros, professores, alunos da graduação, mestrado e doutorado dos grupos Terra & Sociedade e do NPGEOH. Obrigada pelas provocações e partilhar e prostrar sobre as angústias da Geografia e da vida. Vocês me fazem ser todos os dias uma estudante, pesquisadora e mulher melhor.

A CAPES pelo financiamento da pesquisa durante todo o período do mestrado.

Aos homens e mulheres de Rondônia que me ensinaram que lutar é sempre o melhor caminho e que nunca devemos ter medos dos desafios. Como diz Guimarães Rosa “Quem elegeu a busca não pode recusar a travessia.”

Obrigada a todos por me permitir transbordar!

RESUMO

O homem elabora imagens do mundo que o cerca revestidas de significações e valores que se expressam e referem à paisagem. O resgate dessas imagens é um fator importante para que o homem cultive sua existência, vivencie o seu espaço e construa a sua história. Desenvolvido na perspectiva da fenomenologia, a pesquisa apresenta um caráter exploratório e descritivo. Ela busca analisar e descrever as imagens oriundas do ato de experienciar e conhecer a Amazônia. A paisagem é concebida como expressão do mundo da vida, ou de ser-no-mundo, visto que é o encontro, o acontecer simultâneo de um local, um olhar e uma imagem. A pesquisa bibliográfica, o levantamento de dados por entrevistas e o trabalho de campo compreendem os procedimentos metodológicos. Os relatos obtidos não oferecem um esquema de experiências comuns, mas um campo de possibilidade, reais ou imaginárias sobre a Amazônia. As imagens que as pessoas elaboram da porção do espaço onde residem, vivificam e edificam os saberes locais e possibilitam que o estranho, se torne próximo. A pesquisa possui como foco a região Central de Rondônia, mais especificamente o município de Cacoal, alvo de diversos projetos de colonização e frentes de expansão agropecuária, logo uma das frentes pioneiras mais dinâmicas da Amazônia brasileira. A paisagem é o ponto de partida para reflexões mais amplas, visto que, antes de tudo, experimentamos a paisagem para poder percebê-la e utilizamos da memória para poder melhor compreendê-la. O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser no futuro.

PALAVRAS-CHAVE: imagem, paisagem, fronteira, Amazônia, fenomenologia.

ABSTRACT

Man elaborates images of the world that have meanings and values. The rescue of the images is important so that the man knows its existence, to experience its space and to construct the history. Based on the phenomenological method, the research has an exploratory and descriptive character. Seek to analyze and describe the images derived from the proposal to know the Amazon. The landscape is conceived as an expression of the world of life, or of being-in-the-world, since it is the encounter of a look and an image. Bibliographic research, data collection by interviews and fieldwork are methodological procedures. The images that people make of the place where they reside strengthen the local knowledge and allow the stranger to become close. The research focus is the Central region of Rondônia, dynamic area of the Brazilian Amazon. The landscape is the starting point for broader reflections because it is more than I see. This category is a result of perception, imagination and experience. The process of remembering is one of the main ways of identifying ourselves when we tell a story and a landscape. In this process, we think of the past, what exists in the present, and the desires for the future.

KEYWORDS: image, landscape, frontier, Amazon, phenomenology.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Rodovia do Café – Cacoal/ Rondônia.....	92
Figura 02 – Estradas na área rural de Cacoal/ Rondônia.....	92
Figura 03 – Pastos na área rural de Rondônia/ Brasil.....	94
Figura 04 – O sol da loucura em Rondônia/ Brasil	95
Figura 05 – Travessia no rio Machado. Rondônia/ Brasil.....	96
Figura 06 – Casa adaptada ao ritmo das águas no Rio Machado.....	96
Figura 07 – Rio Machado e igarapé em Rondônia/ Brasil	97
Figura 08 – Céu nublado na área rural de Cacoal/ Rondônia.....	98
Figura 09 – Árvores da floresta amazônica em Rondônia/ Brasil.....	99

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Paisagens da Experiência em Cacoal – Rondônia - Brasil	91
Mapa 02 – Terras Indígenas na Amazônia Legal Brasileira.	103

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1 – Caracterização das PICs.....	59
Gráfico 1 – Local de Origem dos Entrevistados.....	61

LISTA DE SIGLAS

BR - Rodovia Brasileira

CF - Constituição Federal

CIMI - Conselho Indigenista Missionário

EFMM- Estrada de Ferro Madeira Mamoré

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

FUNASA - Fundação Nacional da Saúde

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

ISA - Instituto Socioambiental

NC - Núcleo de Colonização

ONG - Organização Não Governamental

PA - Projeto de Assentamento

PAC - Programa de Aceleração da Amazônia

PAD - Projeto de Assentamento Dirigido

PAR - Projeto de Assentamento Rápido

PC - Projeto de Colonização

PEA - Projeto Especial de Assentamento

PEC - Projeto Especial de Colonização

PIC - Projeto Integrado de Colonização

PIN - Projeto de Integração Nacional

PND - Projeto Nacional de Desenvolvimento

SUDAM - Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia

SUDENE - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

TI - Território Indígena

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
PARTE I – A primeira travessia.....	17
1.1. O contexto	17
1.2. Método e metodologia.....	19
1.3. Fenomenologia e Geografia.....	26
1.4. Essência de estudo.....	30
1.5. Imaginação, imaginário e imagens.....	37
PARTE II - A história oficial da colonização da Amazônia.....	44
2.1. As fronteiras como possibilidades e “entre-lugares”	45
2.2. Rondônia e a colonização	49
PARTE III - As paisagens e imagens amazônicas.....	66
3.1. As imagens e paisagens da imaginação e do olhar	67
3.2. As imagens e paisagens sentidas na pele	82
3.3. A <i>geograficidade</i> de Dardel	107
3.4. A construção da identidade através da memória	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS.....	120

INTRODUÇÃO

*Viver é muito perigoso... Querer o bem com demais
força, de incerto jeito, pode já
estar sendo se querendo o mal, por principiar.
Esses homens! Todos puxavam o mundo
para si, para o concertar concertado. Mas cada um
só vê e entende as coisas dum seu modo.
(Guimarães Rosa)*

A região amazônica é caracterizada por zonas com crescimento demográfico rápido que se incorporam ao mercado nacional e internacional através de frentes de expansão. Essas frentes atraíram e atraem migrantes e capitais para exploração dos recursos naturais e são apoiadas por incentivos fiscais e políticos fornecidos pelo Estado brasileiro. A expansão da fronteira, a partir da década de 1960, possuía um caráter de projeto de dinamização econômica, visando o progresso e desenvolvimento da região amazônica através dos projetos de colonização e frentes agropecuárias. As políticas e medidas representavam, por um lado uma alternativa ao excedente populacional oriundo da mecanização do campo e; por outro atendia as demandas dos centros urbanos dos demais estados brasileiros.

Tem-se nesse processo um movimento duplo de ocupação e apropriação das terras através das políticas de colonização. Por um lado, há a força do capital sobre o espaço promovendo uma reorganização das atividades econômicas e das infraestruturas incentivando os processos migratórios, acompanhado, por outro processo de intensa pressão sobre os povos e culturas tribais e tradicionais residentes nesse local. A ocupação desse território por migrantes constrói um complexo de interesses elaborados por distintas mentalidades e representações culturais do meio, resultado das formas peculiares de perceber e de se relacionar com a natureza.

Durante o processo de ocupação ocorreram intensas mudanças na estética da paisagem que, por sua vez, refletem as mudanças econômicas e de concepções de organização do espaço. A ideia de progresso, para os imigrantes, esteve associada à abertura de áreas agrícolas nas regiões de florestas nativas. As ações sobre a floresta descaracterizaram a paisagem original e colocaram em evidência um modelo de produção e reprodução tanto social quanto econômico. Os manejos adotados resultaram em crescimento e dinamismo econômico e ao mesmo tempo numa sequência de resultados negativos para a natureza.

A pesquisa possui como foco a região Central de Rondônia, mais especificamente o município de Cacoal, alvo de diversos projetos de colonização e frentes de expansão agropecuária. Essa área é considerada uma das frentes pioneiras mais dinâmicas da Amazônia brasileira e guarda em si uma complexidade de mentalidades e interesses, por sua vez, expressos na paisagem conforme descrito em Calvente (1980); Coy (1988) e; Teixeira e Fonseca (1998). Nesse sentido, o estado possui em sua paisagem as marcas de diversos ciclos econômicos.

O homem¹ é um ser simbólico, logo, sua relação com o mundo, trabalho, lazer e turismo é sempre revestida de significações e valorizações. O primeiro contato com o mundo ocorre através da sensação captada pelos órgãos dos sentidos. A sensação leva à percepção. Pela percepção formam-se imagens que têm significados diferentes para quem as capta, dependendo de sua cultura e tempo histórico.

A construção destas percepções ocorre e se expressa no espaço na essência geográfica paisagem, que por sua vez, baliza o desenvolvimento da pesquisa. A paisagem, nos trabalhos desenvolvidos nos séculos XIX e XIX, é considerada uma “categoria-chave” na geografia pelo fato de articular o saber sobre a natureza com o saber sobre o homem. As paisagens apresentam as dinâmicas e relações que se desdobram em uma cultura e da mesma com o seu meio, sendo, portanto, fruto do trabalho, das experiências e percepções dos indivíduos. A apropriação do mundo produz modos de vida e paisagens distintos, que, por sua vez, são histórica e geograficamente específicas e resultado da articulação entre as esferas da crença, do conhecimento e das práticas dos homens.

Epistemologicamente, a paisagem é compreendida tanto como arte, como conceito científico e também como expressão do mundo da vida. Estas noções recobrem as possibilidades da estética, da razão e da intuição todos concorrendo para atribuição do sentido. Na pesquisa ela é interpretada através da fenomenologia, ou seja, são considerados aspectos e elementos para além da sua materialidade, considerando-a também como construção simbólica.

A fenomenologia concebe cada paisagem como real-concreto e como uma “aparição” única e particular de um real-abstrato infinito de possibilidades e aparições. Na pesquisa, a paisagem é concebida como expressão do mundo da vida, ou de ser-no-mundo, visto que é o

¹ Refiro-me ao homem enquanto espécie humana e ser humano em uma unidade e totalidade. Questões de gênero serão desconsideradas na pesquisa, porque não pretendo realizar uma discussão de cunho sociológico.

encontro, o acontecer simultâneo de um local, um olhar e uma imagem. Ela é, portanto, construída pela mente e pelos sentidos.

Desde a antiguidade grega a utilização dos elementos imagem/imaginário e razão são tomadas como base para a busca da verdade e do conhecimento. A verdade, segundo filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles, só seria possível a partir da experiência dos fatos. A partir do século XVI os racionalistas e iluministas acreditavam que a imaginação construiria fontes de falseamento, logo, não poderia ser objeto de reflexão. Nessa fase, filósofos e estudiosos buscavam tradicionalmente a desvalorização da imagem e da imaginação atribuindo a essas designações os termos de "fomentadora de erros e falsidades".

No século XIX as críticas aos excessos do mecanicismo e materialismo cartesiano ganham força e as noções de imagem se alteram. A partir do século XX o imaginário é tratado como denominador fundamental onde se encontram as criações do pensamento humano, pois nele se constroem as concepções de homem, mundo² e sociedade. O imaginário permite uma construção não necessariamente voltada para o aspecto da realidade, mas, possuirá alguma conexão com ela.

Não podemos excluir a razão do imaginário, visto que, como função e produto da imaginação ele incorpora e reconstrói o real e media a realidade. Gaston Bachelard (1884-1962) acrescenta novas perspectivas à discussão, porque em suas obras evidencia os sentimentos envolvidos na construção imaginária e simbólica dos locais de nossa vida. O imaginário transcende e ordena todas as atividades da consciência e do pensamento humanos. Permite a busca por novos caminhos e auxilia na compreensão da realidade.

Na perspectiva fenomenológica a imagem assume algumas características. A primeira responde pelo fato da imagem se apresentar como uma consciência. A segunda aponta que o objeto imaginado, que é dado imediatamente, difere do saber perceptível, que ocorre de forma lenta. A terceira característica é a discussão sobre a consciência imaginante em que concebemos o objeto como um nada. Por fim a última característica da imagem é a sua espontaneidade.

O objetivo da pesquisa é apresentar e refletir sobre as imagens e paisagens amazônicas formadas pelos homens considerando a razão, a imaginação e a percepção. A questão central

² A definição de mundo adotada será: "O mundo é definido como um conjunto de possibilidades, concernentes mais às ações práticas cotidianas que às escolhas morais e políticas. Um mundo é também o conjunto das direções da ação e do pensamento que determinam uma época específica da história." (DARDEL, 2011, p. 125)

que move a pesquisa é: Quais são as paisagens e imagens amazônicas construídas e constituídas de ideias, valores, vontades, valores e memórias?

Como objetivos específicos busco:

- i) Refletir sobre as experiências individuais e coletivas oriundas do movimento de ocupação do estado de Rondônia;
- ii) Verificar a relação entre objeto imaginado e objeto real;
- iii) Elucidar a relação entre memória e identidade que aproximam as essências lugar e paisagem.

A pesquisa é desenvolvida na perspectiva da fenomenologia e apresenta um caráter exploratório e descritivo. A fenomenologia é a descrição de todos os fenômenos ou eidos e da significação de todas essas realidades. Ela é o campo de análise da essência dos fenômenos, tanto materiais (naturais) quanto imateriais (culturais e ideias). Os principais teóricos utilizados serão Jean Paul Sartre, Gaston Bachelard e Eric Dardel.

Os dados não são possíveis de serem quantificáveis por estarem diretamente relacionados à subjetividade dos homens, uma vez que são consideradas as percepções, via memória e atuais, dos sujeitos envolvidos na expansão da fronteira agrícola, e o empírico fruto das atividades em campo fundamentais para o entendimento da dinâmica atual de ocupação do território. Portanto, os mesmos serão analisados indutivamente. A pesquisa bibliográfica, o levantamento de dados por entrevistas e o trabalho de campo compreendem os procedimentos metodológicos.

Nos caminhos e descaminhos pela floresta, a integração dos conhecimentos, habilidades e os elementos do meio permitiram a elaboração de uma realidade para os colonizadores. O saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo e contingente. A experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, logo, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. Ela se apodera do sujeito e possui uma capacidade de transformação e formação.

Essa dissertação busca conhecer essas experiências, saberes das experiências, ou seja, os mundos amazônicos construídos pela razão, imaginação e percepção e não apenas pela materialidade do meio físico-natural. Os relatos obtidos em campo constroem realidades, logo, o objetivo não é refletir sobre a forma que as narrativas são construídas, mas como elas são um instrumento mental de elaboração da realidade.

A organização do texto se apresenta em três partes. A primeira abarca o primeiro desafio da travessia e o embasamento teórico-metodológico. Corresponde ao ponto inicial em que angústias, conceitos e autores foram estudados e selecionados por mim para melhor compreender a realidade do local da pesquisa. A segunda não foi escrita por mim, mas por outros saberes e vozes e corresponde a um apanhado bibliográfico história oficial de Rondônia e sua colonização. Essa parte foi fundamental a pesquisa, porque apresenta a perspectiva ideológica de uso e apropriação desse espaço construída pelo Outro.

Antes de iniciar as pesquisas em campo e ouvir e sentir a Amazônia, o meu primeiro esforço repousou em conhecer através de outros olhos a região. A última parte abrangerá os depoimentos e registros sobre as diversas imagens e paisagens amazônicas na voz dos chegantes e minha. Nesse capítulo são resgatadas as experiências oriundas do imaginar, perceber e sentir a Amazônia. Por fim, ele também irá apresentar uma reflexão sobre o entrelaçamento entre lugar e paisagem a partir das noções de memória e identidade que estão presentes tanto na história oficial, como nos saberes da experiência.

Os chegantes envolvidos na pesquisa são os agricultores, indígenas, seringueiros, madeireiros, e extrativistas que participaram dos projetos de colonização desenvolvidos a partir de 1970 e permanecem no Estado. A escolha desse período se justifica pela intensa dinâmica de ocupação do Estado, conforme apresenta Becker (1990, 2001, 2006). Os sujeitos não são meros informantes de fatos e dados, mas são reconhecidos como autores da história de Rondônia.

Espera-se que a pesquisa revele os diversos mundos dos homens da colonização por meio da pluralidade de suas expressões, sejam estas vividas ou interpretadas. Complexos fatores históricos e geográficos moldam a população da região, suas articulações e a organização de seus interesses. Logo, as diferentes percepções não representam a desigualdade ou juízos de valor, mas revelam a complexidade do nosso mundo, tanto vivido como percebido.

Ao refletir sobre o conceito de imagem e consciência nas obras de Sartre não pretendo esmiuçar as concepções e propósitos do filósofo, mas realizar uma apropriação de seus apontamentos para refletir sobre a essência maior desse trabalho: a paisagem. Os teóricos da paisagem na Geografia geralmente a conceituam como “o que está ao alcance do olhar”. Contudo, apoiado nos conceitos de Sartre, Dardel e Bachelard busco apontar que paisagem é

experiência e vivência. Ela também é o que sinto, escuto, ouço e cheiro. No movimento do meu corpo no mundo os meus sentidos elaboram e constroem a paisagem.

Têm-se na região, não somente uma “Amazônia”, mas várias “Amazônias”, “povos amazônicos”, “culturas amazônicas” que se diferenciam por sua trajetória histórica, por suas interrelações étnicas e pela definição de suas estratégias de sobrevivência e modos de produção. Em Rondônia as visões e interpretações do mundo são impregnadas de ideologias formadas por distintas culturas e carregadas de valores que permitem que os lugares possuam sentidos. As imagens coletivas são reconstruídas no decorrer da história por chegantes e populações tradicionais com pensamentos, concepções e significações diferenciados da floresta amazônica.

PARTE I

A paisagem é um componente do espaço geográfico e, portanto, expressão da geograficidade e, como tal, a essência da realidade geográfica. Ela não é um círculo fechado, mas um desdobramento que se abre para além do olhar. Assim, a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social.
(Eric Dardel)

Todo texto precisa de um início e nesse capítulo discorro sobre a forma como a pesquisa surgiu aos meus olhos, corpo e mente. Apresento as motivações, o método, a metodologia e evidencio o campo da Geografia que norteou as discussões e reflexões: a Geografia Humanista. O método fenomenológico valoriza os fenômenos e suas essências originados na série de aparições de um objeto à consciência. A perspectiva fenomenológica na Geografia deixa de priorizar a descrição do mundo físico e humano para descrever o mundo vivido, porque o espaço não pode ser unicamente exterior, pois ele é sentido, imaginado e recordado interiormente. Para resgatar essa perspectiva me apoio nas paisagens e imagens. A paisagem é a geograficidade humana. Ela conjuga o passado, o presente e nos aponta o futuro em uma convivência de diferentes temporalidades que faz de cada uma delas única. As imagens por sua vez, não são uma coisa ou uma exterioridade, mas um ato intencional da consciência. As imagens, se combinam para dar nascimento aos conceitos, ao juízo e ao raciocínio, e assim, a construção de pensamentos. A paisagem está em constante movimento, por isso, elas se recriam, multiplicam e superpõem em um processo que parece não ter fim.

1.1. O contexto

Durante minha graduação estive envolvida em trabalhos e discussões sobre a Geografia Agrária e do Rural, com destaque aos temas: povos tribais brasileiros; agricultura familiar e camponesa; desenvolvimento rural local sustentável e agroecologia. Sempre me preocupei com as comunidades e práticas tradicionais que representavam possibilidades ao modelo de vida e de (re) produção dominante da grande sociedade capitalista industrial.

Desenvolvi bolsas de iniciação científica³ no grupo de pesquisa **Terra e Sociedade**⁴ no Instituto de Geociências- UFMG que abrangiam a implementação de programas de parceria público-privada para a superação das adversidades e conquista do desenvolvimento local de moradores de áreas rurais na Amazônia e em um segundo momento a reconstrução da história de ocupação da fronteira agrícola através de uma metodologia que prezava pelo uso de registros iconográficos. Também participei de projetos de extensão no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, em que muito aprendi sobre o uso consciente e reaproveitamento de águas em climas de semiárido e manejos tradicionais.

Ao final do percurso da graduação acabei por me deparar com questões, temas e leituras da Geografia Humanista incentivada por disciplinas cursadas e as atividades do **Núcleo de Pesquisa em Geografia Humanista**⁵. As discussões acabaram por me sensibilizar frente as dinâmicas e pessoas de minhas pesquisas, em especial, aos seus modos de vida e identidades. Ao finalizar o curso de graduação elaborei um trabalho sobre as diferentes percepções da sociedade envolvente sobre a tribo indígena Suruí Paiter. Nesse trabalho, surgiu a inquietação que é norteadora dessa pesquisa.

No último trabalho de campo surgiram diversos depoimentos emocionantes acerca dos primeiros contatos e experiências dos colonizadores com a paisagem amazônica. Após o registro das informações e dados para a pesquisa inicialmente proposta, nas conversas acompanhadas por um café ou suco de cupuaçu, os entrevistados revelavam seus primeiros anos de trabalho com a terra que representava para eles a oportunidade de mudança de vida, e suas surpresas e dificuldades de adaptação ao novo ambiente.

Inicialmente essas conversas expunham histórias carregadas de sentimentos de medo e dúvidas sobre a nova realidade que se apresentava. Contudo, ao alongar a prosa observei que os primeiros contatos com a fauna, flora e as comunidades que já residiam em Rondônia -

³ As pesquisas desenvolvidas no grupo ocorreram entre os anos de 2011 e 2013 com orientação da Prof. Dra. Maria Aparecida dos Santos Tubaldini e foram intituladas: *Agricultura agroecológica como estratégia para manutenção de agricultores familiares no território central de Rondônia* e *Imagens fotográficas na reconstrução da geohistória da abertura da fronteira agrícola entre de Ji-Paraná, Cacoal e Jarú*.

⁴ O Laboratório de Geografia Agrária, agricultura familiar e cultura camponesa é ligado institucionalmente ao Departamento de Geografia do Instituto de Geociências - IGC da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e atualmente contempla o Núcleo Terra & Sociedade.

⁵ O NPGEOH – UFMG dedica-se a conhecer, compreender e aprofundar o conhecimento apoiado na fenomenologia e investigar aspectos sob a perspectiva fenomenológica. O Núcleo busca sua consolidação através de leituras e encontros dialógicos e congrega discentes e docentes das Ciências Humanas. Espera disseminar ideias, sentimentos e vivências fundadas nos princípios da geografia humanista tanto no meio acadêmico como fora dele.

como seringueiros, indígenas e ribeirinhos- significou para esses agricultores uma transformação acerca da percepção sobre o nosso Brasil e suas próprias vidas. Após refletir sobre os limites das pesquisas anteriores, surgiu a proposta de apresentar e desenvolver no mestrado as diferentes imagens e experiências com a paisagem amazônica pela narrativa dos homens envolvidos na colonização do estado e também o meu encantamento com essa porção do país.

Mais do que revelar histórias sobre seus anos iniciais de fixação no novo espaço os entrevistados relataram as transformações da paisagem resultantes dos diferentes trabalhos. Após o desmatamento, e com as práticas atuais de reflorestamento, as plantas e animais nativos estão retornando contribuindo para reavivar as memórias da colonização. Nessas narrativas, se evidencia um homem que possui experiências e emoções agradáveis e desagradáveis com o mundo, pois já dizia Merleau-Ponty (1999) “o mundo é não aquilo que penso, mas aquilo que eu vivo.” Ao som de muitas risadas e casos trágicos, descobri uma nova Amazônia no olhar desses chegantes, que se antes eram estrangeiros e “de fora” agora se consideravam homens dessa terra.

1.2. Método e metodologia

A pesquisa convencional com base no paradigma positivista não fornece descrições para essa pesquisa sobre a experiência do indivíduo, porque separa pessoa e mundo. Outros métodos são necessários para elucidação da percepção⁶ dos sujeitos, pois os mesmos podem ser a chave para o entendimento dos complexos processos cognitivos que resultam da tensão entre percepção e cognição, vivência e experiência, espaços concebidos e espaços vividos no mundo contemporâneo (Kozel *et. al*, 2007). Desenvolvo uma pesquisa qualitativa em que é adotada a perspectiva fenomenológica, devido seu caráter exploratório e descritivo e sua capacidade de promover o verdadeiro acesso ao mundo e a paisagem em sua experiência e vivência.

⁶ Há diversos esforços para a definição do conceito de percepção que abrangem paradigmas e instrumentos da área de psicologia, filosofia e da própria geografia. Todavia, é importante salientar que em ambas as áreas a percepção é concebida como o processo que diz respeito aos sentidos humanos e a forma como a nossa consciência se relaciona com o mundo. Para esse trabalho uso a definição de percepção de Tuan (1980) que a coloca como resposta aos estímulos externos que nos estremecem, produzindo um fenômeno seletivo de exclusão de fragmentos selecionados de experiências de espaço e, ao mesmo tempo, selecionando criteriosamente outras experiências de espaço-tempo, que serão integradas como parte da máquina da memória humana.

Edmundo Husserl (1859-1938) foi o criador da escola da fenomenologia e líder do movimento que atingiria boa parte da filosofia do século XX que se estendendo mais tarde a todas as áreas das ciências humanas. O método criado por Husserl repousa na análise da essência do fenômeno. Influenciou filósofos importantes que seguiram percursos autônomos, entre os quais Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre, Jacques Derrida, Max Scheler, Emmanuel Lévinas e Edith Stein.

Husserl compreende por fenomenologia o processo pelo qual se examina o fluxo da consciência, ao mesmo tempo em que se é capaz de representar um objeto fora si. Partiu de uma crítica da metafísica e do positivismo, para construir uma abordagem epistemológica e uma ontologia fundamentadas na própria vivência da consciência pré-reflexiva do sujeito. Buscava a consciência da essência pura a partir da transcendência a possíveis prejulgamentos. O objetivo era romper com postulados a priori que as ciências possuem. Para tanto, propunha que o homem voltasse para dentro de si, se reconhecendo como um sujeito intencional. A fenomenologia se ocupa dos fenômenos vividos da consciência a partir do conceito da consciência intencional, visto que, a consciência é sempre “consciência de alguma coisa” e está dirigida para um objeto.

A preocupação da fenomenologia são os fenômenos e suas essências que se encontram na série de aparições de um objeto à consciência. O significado do termo fenômeno deve incluir tanto aquilo que se mostra como aquilo que aparece. Esclarece-se que os fenômenos nunca são manifestações, porque é a manifestação que depende de um fenômeno, logo, manifestar-se não é mostrar-se. Para que o fenômeno se mostre devemos nos debruçar sobre o mesmo em busca de sua essência. O fenômeno não indica, como se apontasse por trás do seu ombro, um ser verdadeiro que fosse ele sim, o absoluto. Tudo está em ato⁷. Por trás do ato não há nem potência, nem “hexis”, nem virtude. A aparência não esconde a essência, mas a revela (Sartre, 2008).

A proposta da fenomenologia é segundo, Heidegger, 2009, p. 74, “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo.” O método fenomenológico se mostra eficaz pela sua capacidade de remontar até as origens dos fenômenos e, portanto, não somente descrevê-los na sua manifestação exterior, mas também

⁷ Os atos são as vivências. Há diversos tipos: ato de perceber, ato de recordar, ato de imaginar ou fantasiar, dentre outros. Porém, todos estão relacionados ao corpo, à psique e ao espírito/moral. Esses grupos da vivência devem nortear uma análise fenomenológica de modo que se possa compreenda a própria vivência, ou seja, o ato em si.

evidenciar as fontes que os produziram. É o ser humano que deve ser investigado como produtor das manifestações que foram observadas

Descrever fenomenologicamente o mundo⁸ significa mostrar e fixar numa categoria conceitual o ser dos entes que simplesmente se dão dentro do mundo. Os entes dentro do mundo são as coisas, as coisas naturais e as coisas “dotadas de valor”. Portanto, ela possui como princípio norteador analisar a essência dos fenômenos através de uma consciência intencional. A ideia de intencionalidade⁹, a situação original ou o fato primitivo, é central no estudo fenomenológico para produzir uma crítica aos paradigmas modernos que excluem a subjetividade nas produções científicas.

A fenomenologia possui como área temática as vivências conscientes do homem que conhece, age e valora. Seu âmbito de pesquisa seria o da estrutura dos atos vivenciados e dos objetos vivenciados nos atos. Caracterizada como uma corrente de pensamento que em linhas gerais investiga um domínio em especial: a experiência, ou seja, as formas como vemos e percebemos o mundo. O primeiro contato do homem ocorre através da sensação captada pelos órgãos dos sentidos. Por sua vez, a sensação leva à percepção e, por fim, formam-se imagens que possuem significados diferentes para os indivíduos que as captam.

A experiência é constituída pelas percepções, sentimentos, impressões e imaginário dos grupos e indivíduos acerca do mundo – ou dos mundos - que o cerca, tanto no sentido da sua apresentação e da sua materialização física, como também do seu desdobramento a partir da consciência do indivíduo. Todos os tipos de experiências, desde as mais estreitamente ligadas com o nosso mundo cotidiano até as situadas a considerável distância, contribuem para compor o nosso quadro individual da realidade.

A pessoa não é uma coisa, uma substância, um objeto. Em todo caso, uma pessoa só é, na medida em que executa atos intencionais ligados pela unidade de um sentido. A

⁸ A percepção é sempre percepção da coisa total, compreendida num campo mais amplo, o qual por sua vez, é abrangido em um horizonte de significados. O conjunto desse complicado sistema de sempre mutáveis significados 'próximos' e 'longínquos' ligados aos sempre mutáveis momentos de atualidade e potencialidade da percepção, é o que se chama 'mundo' na fenomenologia. (Luijpen, 1973).

⁹ A intencionalidade é citada como um dos fundamentos fenomenológicos e significaria “dirigir-se para”; “visar a alguma coisa”. Na pesquisa, ela é a forma como a consciência se relaciona com o mundo. Essa perspectiva rompe com a ideia do sujeito isolado do mundo porque postula que toda consciência é intencional por sempre visar a algo fora de si. Segundo Holzer, 1992, p. 21, “a intencionalidade coloca a consciência e o objeto não como duas entidades separadas por natureza, mas que se definem por sua correlação.” O princípio da intencionalidade não separa o sujeito do objeto ou o ser do mundo. O mundo é incluído na consciência e passa a existir a partir da inserção do homem nele, como “ser-no-mundo”.

fenomenologia concebe a consciência como ligada a uma experiência de significação a partir da qual a essência do real é acessada por uma intuição iluminada pela doação de um sentido. Cada ato consciente dirige atenção para um real, por sua vez, compreendido como um horizonte de sentido.

A fenomenologia é um estudo científico e não crítico da consciência. O seu procedimento essencial é a intuição, que por sua vez, coloca-nos na presença da coisa. A consciência se define essencialmente em termos de intenção voltada para um objeto (Husserl, 1996). Perceber não é receber sensações na psique, porque não é possível separar o fenômeno e a coisa em si. Toda consciência é a consciência de alguma coisa. Segundo Merleau-Ponty (1999) a consciência é composta por um agregado de impressões sensoriais. Para Sartre (1968), a consciência é um eterno movimento para fora de si, para além de si que permite nos apossar do mundo que nos cerca. Na reflexão me apoio em Sartre.

O encontro de Sartre (1905-1980)¹⁰ com a fenomenologia aconteceu em um café em Paris, em 1933, em um encontro com Simone de Beauvoir e Raymond Aron. Nesse encontro Sartre tem contato com as ideias de Husserl e abre sua mente para as possibilidades de uma filosofia concreta. Sartre no seu encontro com a fenomenologia parte da intencionalidade como pressuposto fundamental para uma concepção de consciência que foge a noções substancializadas. Ele buscava uma filosofia que admitia a concretude do mundo, onde seria possível descrever as coisas como ele as via, tocava e apareciam para sua consciência. Logo, o fenômeno é conhecido diretamente, sem intermediários, porque ele é objeto de uma intuição originariamente doadora.

Os trabalhos de Sartre tratam o homem como um ser situado no mundo: o homem primeiramente existe, descobre-se e surge no mundo. Só depois se define. A cada instante ele faz escolhas e os seus valores mudam constantemente. A liberdade é a escolha de mim mesmo no mundo e, ao mesmo tempo, é a descoberta do mundo. Através da liberdade o homem escolhe o que há de ser. As escolhas que ele faz permite que se defronte e crie seus valores.

A liberdade é constitutiva da consciência, por isso, a consciência, para Sartre, significa um projeto de retomada e de transformação. A consciência não é uma coisa, uma entidade, ou

¹⁰ Sartre é conhecido como um "filósofo existencialista", contudo, em sua obra **A Imaginação** sua postura existencialista não se faz presente com força. Não irei discorrer profundamente sobre o existencialismo sartriano e tampouco sobre a ideia de liberdade nesse trabalho, porque a pesquisa se pauta principalmente na obra **A imaginação**.

um “ser”, mas uma propriedade do ser, a saber, a propriedade do ser de se revelar. Ao afirmar que “a existência precede a essência” Sartre pretende dizer que o homem é livre para construir sua essência através de suas escolhas. Assim, o homem é um ser que escapa a todo determinismo. Todavia, ressalto que esse princípio somente é aplicado ao homem, porque ele é o único ser que dá sentido a tal prioridade e não é predeterminado.

O homem é um ser complexo e ambíguo que está inserido no mundo e condenado a liberdade. A liberdade de Sartre não se refere a conseguir o que se quer, mas determinar por si próprio a querer. Consiste em sempre se poder projetar algo, mudar alguma coisa. A liberdade significa autonomia de decisão, porque estamos perpetuamente comprometidos a escolha, e perpetuamente conscientes de que nós mesmos podemos abruptamente inverter essa escolha e mudar o rumo. Contudo, o homem não pode ignorar que ele somente é livre porque possui uma consciência.

A consciência não é somente o resultado de eventos físico-fisiológicos ocorridos no cérebro e no sistema nervoso. Ultrapassa as barreiras do material e transcende o que é observável, pois é um fluxo imanente de vivências. Sartre nega a presença de algo anterior à consciência, pois a consciência (de) si não deve ser considerada uma nova consciência, mas o único modo de existência possível para uma consciência de alguma coisa. A intencionalidade está, portanto, no centro da consciência.

O conceito de intencionalidade de Husserl altera a visão que se possuía até o momento sobre imagem e consciência. Segundo Husserl (1996) as coisas são assimiladas às ideias e sua materialidade é dissolvida no espírito. A consciência é intencional, porque ela é esse movimento para fora de si, para as coisas e para o mundo, logo, possui um mundo fora dela.

A discussão sobre consciência e imagens dessa pesquisa balizada em Sartre apresentará as seguintes ideias: i) a imagem é uma consciência do objeto intencionado; ii) observamos os objetos a partir de perfis, por isso, as paisagens de Rondônia são oriundas de uma quase-observação; iii) toda consciência é consciência de algo estranho a ela própria, assim, a consciência imaginante propõe seu objeto como um nada e por fim; iv) a consciência imaginante é espontânea.

A consciência é absoluta em si mesma, transparente a si mesma e ao mesmo tempo é tudo na medida em que se refere a tudo o pudermos captar como existente. A imagem é obra da imaginação absoluta, por isso a imagem é pura e um fenômeno em si mesma. Toda situação concreta e real da consciência no mundo está impregnada de imaginário.

A consciência é visa um ser, um objeto, com o qual jamais poderá coincidir. O objeto é uma existência *em si*, enquanto consciência é uma existência *para si*. A consciência é, na verdade, presença a si, no sentido de ser um desgarramento do ser em relação a si mesmo, e só se dá na medida em que se realiza (Sartre, 1997). A consciência foi trabalhada por muitos autores com um sentido de passividade e inércia, porém, com Sartre ela adquire outra perspectiva.

A consciência só existe como desejante, emotiva, imaginante, pensante ou perceptiva. A consciência o é sempre de alguma coisa, sendo, diferente daquilo que ela intenciona, porque é o lançar-se para o mundo e essa impossibilidade de ser substância. Para começar a criar, é necessária a consciência imaginativa. O objeto percebido existe tanto para alguém como para os outros que o veem, a imaginação, porém, é dada somente àquele alguém. A consciência imaginativa possui a função de criar outro mundo no irreal. O fundamental para uma consciência imaginar é estar em relação ao mundo, pois é o fato da consciência estar no mundo que faz dela algo concreto e situado. Ressalta-se que na base da produção da imagem há uma experiência espontânea: a percepção.

Na percepção estamos lidando com o real, portanto, ela é um tipo de consciência em relação a um objeto existente e presente. Percepção é tanto a resposta dos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a nossa sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações. Ao deixar de perceber um objeto, ele perde o seu significado, mas não perde a existência.

A pesquisa não se trata de uma análise minuciosa da filosofia de Sartre, Dardel ou Bachelard, visto que, esse projeto seria inviável devido à riqueza dos trabalhos, mas de uma reflexão sobre as imagens e paisagens da Amazônia a partir das minhas experiências e dos relatos obtidos dos moradores dessa Terra¹¹ balizadas nas discussões desses autores. Os autores com seus diferentes conceitos e discussões contribuíram para o produto final do meu ciclo de estudos e vivências. A partir da história e registros oficiais da ocupação de Rondônia ao caminhar e ouvir os homens dessa terra eu me deparei com a realidade concreta.

Houve um esforço para que fossem evidenciadas as diversas experiências e histórias sobre os desafios para garantia a posse das terras e buscas por melhores condições de vida dos

¹¹ A Terra é definida como solo fundamental. A origem a partir da qual todo conhecimento e toda existência podem se elevar e tomar sentido. É para cada um de nós nossa própria possibilidade. Ela é a morada do homem e o fundo obscuro a partir de onde o mundo pode se desenvolver (Dardel, 2011).

chegantes. Respeitar e valorizar a alteridade cultural, de visão de mundo e de modo de viver é enriquecer a experiência do cotidiano. A pesquisa se iniciou em bibliotecas em busca de registros etnográficos e históricos sobre os temas pertinentes que permitisse uma visão mais ampla dos tempos e das dinâmicas que se desdobravam nesse espaço.

Ao longo da pesquisa optei por transmitir também o que aprendi. Meu relacionamento com as pessoas não possuía a pretensa neutralidade necessária às pesquisas positivistas modernas, porque estabeleci como os homens dessa terra um relacionamento de duas mãos e de troca. Durante quatro anos estive envolvida na pesquisa e trabalhos de campo. Os campos escolhidos para essa reflexão foram o primeiro e o último. A escolha responde pela riqueza de dados e fortes encantamentos e experiências resultantes dos mesmos. O primeiro campo aconteceu no ano de 2011 e responde pelo meu primeiro contato com as paisagens. O segundo ocorreu em 2013 e se refere ao meu contato com os homens. Em ambos, experimentei a real aproximação com a Amazônia, em todas as suas nuances, diversidades e transformações.

A escolha dos entrevistados é aleatória, porque se escolhe os indivíduos a partir da possibilidade de informações que podiam apresentar a pesquisa. As entrevistas selecionadas foram realizadas no segundo campo e compreendem dez relatos realizados com homens, mulheres e crianças. Além das entrevistas gravadas, há as conversas informais que foram registradas em uma caderneta de campo, que por sua vez, também apresenta informações e impressões pertinentes à discussão. Não é o objetivo apresentar detalhadamente os registros dessa caderneta, tampouco das entrevistas, visto que, a riqueza das informações e dados apresentados não poderão ser fielmente apresentados e foram absorvidos pela minha consciência de uma forma impossível de ser objetivada em uma dissertação de mestrado. Portanto, escolhi exibir e refletir algumas das memórias e trechos mais marcantes das experiências e que contribuem para a discussão a que me proponho.

Os procedimentos do trabalho respondem por: entrevistas semiestruturadas; coleta de dados com GPS; coleta de registros fotográficos; caderneta de campo e; visita as paisagens da colonização. As entrevistas semiestruturadas continham perguntas abertas e acabaram por criar verdadeiras narrativas sobre o movimento de colonização e experiência com a paisagem. Mesmo com perguntas norteadoras, o relato dos entrevistados sempre evidenciou detalhes do cotidiano e a constituição de imagens e paisagens da memória e do imaginário.

O GPS permitiu o mapeamento dos locais de coleta de testemunhos e dos trajetos percorridos e os registros fotográficos serviram como ilustração para algumas temáticas

abordadas. As fotografias são narrativas escritas, porque são o resultado de um encontro, mas também de uma busca. A foto captura emoções, registra momentos e omite palavras, porque uma fotografia é não só uma imagem (ou uma interpretação do real, mas são também um vestígio diretamente calcado sobre o real (Sontag, 2004). As fotografias registram, perpetuam e eternizam a realidade. Todavia, ela não é somente uma substituição do que está ausente, mas pressupõe uma elaboração na qual uma nova realidade é criada.

1.3. Fenomenologia e Geografia

O embasamento da pesquisa na fenomenologia evidenciou um campo da Geografia: a Geografia Humanista. A Geografia Humanista mantém relações estreitas com a fenomenologia, em particular com as correntes fenomenológicas que se desenvolvem no meio das ciências sociais. Ela encontrou na filosofia teorias e métodos que lhe permitiram renovar seus objetos, seus discursos e suas práticas (Besse, 2006).

A fenomenologia vem sendo utilizada como aporte teórico-conceitual na geografia desde a década de 1920, em especial nos estudos da Geografia Cultural e da Geografia da Percepção e se constitui como base teórica e metodológica para alguns geógrafos importantes em diversas gerações. Apareceu nos estudos geográficos como efeito de uma série de indagações sobre os objetos e os métodos da disciplina que estavam se limitando à análise espacial e física das relações e fenômenos que se desdobravam no espaço. Permitiu aos estudos geográficos uma atitude aberta e flexível na definição de métodos e objetos e suscitou o interesse pelas percepções e atitudes diante do espaço (Besse, 2006).

Dois concepções se destacam na Geografia até o século XIX: uma primeira, que buscava por meio de seus métodos o entendimento das relações entre a natureza e a sociedade, e uma segunda, que tinha como preocupação o papel dos espaços no funcionamento dos grupos. As duas linhas possuíam em comum a convicção sobre a existência de uma realidade global e a adoção de métodos e técnicas caracterizadas como positivistas (Amorim Filho, 1998).

Essa dualidade permanece entre o século XIX até a metade do século XX. A Geografia na perspectiva positivista, marcada entre os anos de 1950 e 1960, se prendeu e cristalizou o conceito de espaço. Ela se tornou uma ciência que estudava as distribuições, estruturas, circulações e comportamentos espaciais de atores supostamente racionais e,

portanto, modelizáveis. O espaço nesse período se dobra aos estudos na busca incessante por respostas à dinâmica de ocupação e relação entre os indivíduos. Contudo, o espaço geográfico é adjetivado e essa abordagem acaba por limitar as possibilidades de estudos e entendimento da relação do homem com o meio imediato. O espaço geográfico é, de início, um espaço concreto, espaço praticado, vivido e percebido, um espaço da vida.

Apesar de Sauer (1889-1975), em 1925, nos Estados Unidos da América, inaugurar a Geografia Cultural com algumas categorias fenomenológicas, somente no ano de 1952 a fenomenologia ganha real destaque como norteadora dos estudos geográficos na obra **Le Homme et la terre- nature de la réalité géographique**¹² de Eric Dardel (1899-1967). A obra indica uma mudança na orientação dos estudos do período. Ela postula que nossa experiência no mundo enquanto seres humanos está calcada, em grande parte nas relações que travamos no e com o espaço. Ademais, os indivíduos possuem diferentes formas de perceber, pensar e refletir e sobre os fenômenos socioespaciais. É preciso retornar ao mundo vivido aquém do mundo objetivo para que possamos compreender a essência do nosso ser.

As bases da Geografia Humanista foram lançadas nos Estados Unidos por um grupo de geógrafos que se mostrava descontente com o princípio lógico e do *optimum* econômico na condução das ações humanas e de sua relação espacial. As influências e aporte teórico estão na Psicologia, Antropologia, História e a própria Filosofia (Marandola & Gratão, 2003). No Brasil, a partir da década de 1970 são introduzidos os estudos na ciência geográfica com foco nos fenômenos imateriais.

Enquanto nos Estados Unidos a Geografia Humanista surge no mesmo movimento de orientação crítica, ou seja, na busca de ruptura com o modelo quantitativo e cientificista, no Brasil, ela fica à margem e ofuscada pela oposição que acaba sendo conhecida como Física X Humana (Marandola & Gratão, 2003). Embora a Geografia Cultural mantenha uma individualidade em relação à Geografia Humanista, suas raízes são claramente as mesmas e há uma coexistência profícua e íntima entre as disciplinas.

Martin Heidegger, Merleau-Ponty, Jean-Paul Sartre, Emmanuel Lévitás, Paul Ricouer, entre outros, foram alguns dos pensadores que se permitiram afetar pelo movimento cujo eixo central é a dimensão contemplativa do homem. Os geógrafos humanistas apesar de não terem

¹² A obra *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica* é um referencial para a Geografia de base fenomenológica, porque apresenta a Geografia voltada para os problemas da existência, além, de sua contribuição para a própria história da ciência. Nela é elaborado e elucidado o conceito de *geograficidade* que se refere a um relacionamento que liga o homem à terra.

como fundamentação filosófica a fenomenologia, contribuíram durante toda a década de 1970, 1980 e 1990 com trabalhos reflexivos e provocativos da relação do homem com o meio. A obra de Dardel permanece muito tempo esquecida, e no Brasil, ganha destaque somente a partir da década de 1990.

A perspectiva fenomenológica na Geografia deixa de priorizar a descrição do mundo físico e humano, para descrever o mundo vivido, onde o físico e o humano são elementos percebidos e interpretados pelos diversos homens que os experienciam. A Geografia é uma experiência, um reencontro do ser com a natureza, é uma fenomenologia do espaço, entre os espaços material, telúrico, aquático, aéreo e o construído (Dardel, 2011). Ela não considera a natureza em si, mas a relação dos homens com a natureza, uma relação existencial, que é às vezes teórica, prática, afetiva e simbólica.

(...) a geografia, entendida fenomenologicamente, não está á procura de significações ocultas por *detrás* dos fenômenos terrestres, ela não é tampouco o simples levantamento de significações que o sujeito projeta sobre a Terra, mas ela é uma experiência da vida vivida pelo homem comum no encontro consigo mesmo, no contato com o mundo terrestre na orla, por assim dizer, das formas e dos símbolos que nascem, e este esboço de sentido ressoa em nós como um acontecimento, que é o da nossa presença no mundo (BESSE, 2006, p. 89).

A mudança na concepção do espaço incentiva os trabalhos, ditos geográficos, a partir da década de 1960. O início da década de 60 é marcado por uma renovação da Geografia, a partir das discussões de John K. Wright (1891-1969). Outro expoente é David Lowenthal (1923- *) que lança trabalhos que discutem o fato de que a Geografia deveria abarcar os vários modos de observação, o consciente e o inconsciente, o objetivo e o subjetivo, o fortuito e o deliberado, o literal e o esquemático (Holzer, 1996). Essa Geografia foi denominada de muitos nomes: cultural, da percepção, humanística, fenomenológica ou simplesmente de Geografia Humanista, e é o aporte norteador dessa pesquisa.

Relph (1979) foi o primeiro autor a relacionar uma série de possibilidades de utilização da fenomenologia pela Geografia, porque considerava a fenomenologia como um procedimento útil na descrição do mundo cotidiano e da experiência humana devido sua proposta de buscar a volta as coisas mesmas. A fenomenologia surge como abordagem capaz de permear a complexidade do mundo vivido sem destruir seus significados. Yi-Fu Tuan (1930 - *) foi outro pioneiro na discussão sobre a utilização da perspectiva fenomenológica. Nesse período, o método fenomenológico não era visto como um conjunto de postulados a serem sempre utilizados, mas permitia análises variadas (Holzer, 2010).

Destaca-se que nos estudos que adotam essa abordagem são fundamentais duas noções: as atitudes e as visões de mundo. As atitudes são inicialmente uma postura cultural e implicam a experiência. Elas têm maior estabilidade do que a percepção e são formadas de uma longa sucessão de percepções. Por turno, a visão de mundo é a experiência conceitualizada e resultado de uma atitude ou um sistema de crenças (Tuan, 1980).

A perspectiva fenomenológica busca o estudo dos fenômenos, daquilo que aparece à consciência, para posteriormente buscar explorá-los. Os agentes envolvidos na colonização possuem um movimento contínuo e dinâmico de ocupação. Eles experimentaram, viveram, se deslocaram, perceberam e valorizaram os elementos físico-naturais do espaço buscando atribuir-lhes significados na consciência (Rocha, 2007). Dessa forma, as narrativas coletadas evidenciam a importância das experiências vividas, apelando por descrições mais concretas da paisagem e de seus significados na vida diária.

Segundo Tuan (1982) a Geografia Humanista se preocupa com o estudo das relações das pessoas com a natureza e dos seus sentimentos e ideias sobre os espaços, paisagens e lugares, portanto, ela reflete sobre os fenômenos geográficos a fim de melhor entender o homem e sua condição. O enfoque são os aspectos do homem mais distintamente humanos: significações, valores, metas e propósitos, por isso há uma preocupação em compreender o espaço geográfico como espaço de vivência.

A Geografia Humanista contrapõe as visões reducionistas atreladas à economia neoclássica. Ela sugere que os indivíduos não agem como homens econômicos, porque sendo seres complexos, sua percepção ambiental nem sempre corresponde à realidade objetiva. Está intrinsecamente relacionada à fenomenologia, que postula que “cada imagem e ideia sobre o mundo são compostas, da experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória” (DEL RIO e OLIVEIRA, 1999, p. 97).

A valorização da percepção e das atitudes permite que se verifiquem os gostos, as preferências, as características e as particularidades das paisagens. Portanto, procuro um entendimento do mundo humano através da análise das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar (Tuan, 1982). Os estudos das percepções são fundamentais para compreendermos melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas expectativas, julgamentos e condutas (Del Rio e Oliveira, 1999).

Os seres humanos possuem duas visões: uma externa que compreende o mundo concebido e uma interna que se refere ao mundo percebido. A percepção é a forma como, através dos sentidos e das experiências, o mundo natural chega à consciência. A percepção é a relação entre nós e o mundo e o mundo e nós. Logo,

A percepção é uma atividade mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que ocorre através de mecanismos perceptivos (visão, audição, tato, olfato e paladar) e cognitivos (que envolvem a inteligência, incluindo como motivações, humores, conhecimentos prévios, valores, expectativas) (ROCHA, 2007, p. 24).

Como propõe CHAUI, 1995, p. 236, a percepção é “um modo de nossa consciência relacionar-se com o mundo exterior pela mediação de nosso corpo (...) é um certo modo de a consciência relacionar-se com as coisas, quando as toma como realidades qualitativas, é uma vivência.” A preocupação da pesquisa é revelar quais são as percepções dos colonos, ou seja, suas vivências, e não descobrir como elas ocorrem. A percepção se orienta em direção a uma verdade em si em que se encontra na razão de todas as aparências (Merleau-Ponty, 2004).

Essas percepções são as formas que os homens veem o mundo que os cerca e permite que os mesmos se localizem e criem relações. A percepção é, por conseguinte, responsável pela forma como se vê o mundo. Há tantos mundos quantas forem as percepções, pois cada um vê o seu entorno e o mais além, a partir de referenciais, de informações e de conhecimentos adquiridos ao longo da vida. É a percepção que vai determinar a forma de o indivíduo ver, interpretar e interferir em seu meio (Rocha, 2003).

Na construção do espaço geográfico o homem envolve as dimensões do vivido, percebido e imaginado. O espaço é composto por muitas essências: lugar, território, paisagem, região dentre outras. A pesquisa se debruçou sobre a paisagem, porque ela é ambiente, mas não círculo fechado. Ela é desdobramento e fundamentalmente um horizonte que se abre.

A paisagem é expressão, e, mais precisamente, a expressão da existência. Também é portadora de um sentido, porque é a marca espacial do encontro entre a Terra e o projeto humano (Besse, 2006). A construção das paisagens, que apresentam as dinâmicas e relações que se desdobram em uma cultura e da mesma com o seu meio, são fruto do trabalho e das experiências, percepções e imaginações dos indivíduos. Desse modo, podemos inferir que elas são constituídas de memória, individuais e coletivas; e das vontades dos homens em determinado contexto temporal.

1.4. Essência de estudo

O uso da palavra paisagem surgiu na China, aproximadamente no século IV. A sua origem provém etimologicamente do latim *pagensis*, fazendo referência à campestre, que habita o campo. A noção tradicional de paisagem, pelo menos desde o século XVIII, esteve associada ao belo e é identificada como a fisionomia de uma dada área em sua expressão visível. No ocidente, o conceito ganhou força com o Renascimento em um momento propício a inovações tecnológicas e atrelado a um novo sistema de representação do espaço (Holzer, 1992).

Deve sua origem não a qualquer escopo científico, mas às Artes. A descoberta da paisagem feita através da pintura no ocidente revela um novo interesse pela natureza, um posicionamento diferente das pessoas face ao seu ambiente (Salgueiro, 2001). As paisagens representadas pelas pinturas eram idealizadas e o belo correspondia ao perfeito. “Surgiu neste período, sobretudo nas atuais Holanda e Itália, uma escola de pintura que se baseava na representação de um recorte espacial – quase sempre natural – da realidade, que pudesse ser “enquadrado” delimitando, então, a paisagem” (BARROS & PÁDUA, 2014, p. 3).

O surgimento da paisagem como forma de pintura é uma das consequências da revolução que o uso da perspectiva introduz. Anteriormente, ela não existia como representação. É a partir do século XVI que a noção de paisagem emerge das novas técnicas de pintura e se expande para a literatura. Após a invenção do daguerreótipo em 1838, é a fotografia que dá continuidade à produção de imagens da paisagem. A transição da pintura para a fotografia na representação de paisagens envolve uma mudança na maneira de olhar. A busca por captar o instantâneo e registrar as mudanças que estavam ocorrendo faz com que as Artes também se preocupem em registrar a transitoriedade da vida moderna.

A paisagem na concepção moderna está ligada à dicotomia estabelecida na modernidade entre sujeito cognoscente e objeto, sendo o primeiro o homem racional e o segundo a natureza (Marandola Jr., 2014). A relação homem e natureza foi pensada a partir de Descartes como tendo dois polos, sendo um (o homem) o senhor e possuidor do outro (a natureza), ou seja, haveria uma dualidade consciência e mundo.

A filosofia cartesiana foi a grande representante da modernidade e tinha duas características principais: o pragmatismo e o antropocentrismo. O homem era posicionado como isolado à natureza e muitas vezes, superior a ela. As análises deviam se centrar no tangível e qualquer dogma, crença ou fé, enquanto metafísico, era não científico.

A paisagem nesse período é associada à natureza, entendida através da composição dos elementos naturais. Consolidava-se como uma realidade espaço-visual até o final do século XVIII sendo concebida como objeto a ser apropriado e transformado. Natureza e homem são separados e o foco da paisagem são seus elementos naturais, pois “a natureza, que no seu ser e no seu sentido profundo nada sabe da individualidade, graças ao olhar humano que a divide e constitui unidades particulares, é reorganizada para ser a individualidade respectiva que apelidamos de paisagem” (SIMMEL, 1996, p. 7).

Aparece identificada, pelo menos desde o século XVIII, como a fisionomia de dada área, ou seja, a expressão visível da natureza. A moda das viagens e a grande divulgação dada aos relatos no século XIX favoreceram a associação da paisagem às características de um dado território. Alexander von Humboldt (1769-1859) se destaca nessa fase por suas famosas e eloquentes descrições de paisagens e por enfatizar a necessidade de praticar observações e descrições cuidadosas e precisas das formas visíveis do espaço.

Uma grande contribuição foi realizada por Paul Vidal de La Blache (1845- 1918) da escola francesa quando postulou que a paisagem é aquilo que “o olho abarca com o olhar”. A definição de La Blache focava as características expressas nos atributos físico-naturais e humanos e o estudo das interações dos fenômenos a partir do método corológico. Estudos no final do século XIX e início do século XX da Geografia clássica francesa consideravam a diversidade dos meios para explicar a diversidade dos gêneros de vida. É elaborado o conceito de *paysage* que remete a área de ação de um grupo humano específico e é objeto de contemplação valorizado por razões estéticas. O seu caráter renascentista torna o termo em francês *paysage* não correspondente as discussões atuais sobre essa essência, portanto, foram nos estudos alemães que herdamos a definição mais apropriada.

Na Geografia alemã ela passou a ser analisada como uma associação de formas físicas e culturais que possuíam um padrão identificável e uma individualidade somente reconhecível quando comparada a outras paisagens. A paisagem não é simplesmente a cena vista por um observador. [Ela] é uma generalização derivada da observação de cenas individuais (Holzer, 1992). Ocupa lugar proeminente quando esta se constitui como disciplina científica na Alemanha, no século XIX através do conceito de *landschaft*. O conceito tanto significava uma porção limitada da superfície da terra que possuía um ou mais elementos que davam unidade, como a aparência da terra tal como era percebida por um observador.

Na dimensão visível ou morfológica a paisagem tende a ser definida como um conjunto de formas naturais e culturais existentes e associados em uma dada área (Corrêa & Rosendahl, 1998). Considera-se que é uma fisionomia caracterizada por formas e o seu estudo recorre basicamente ao método morfológico em que o foco está nas comparações e identificação de padrões de ocorrência obtidos através da observação.

Após a Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945) há uma queda dos estudos sobre a paisagem, justificada, pelo esgotamento dos temas e pela preocupação com a reconstrução da Europa. Somente no final do século XX há o renascer da temática acompanhada do crescimento do número de publicações, seminários e colóquios nos trabalhos biogeográficos. A paisagem ressurgiu com um conceito integrador, pois traduzia as interações entre os elementos do mundo físico e entre estes e os grupos humanos numa dada área (Salgueiro, 2001). O que se destaca nos estudos dessa fase é a diversidade de abordagens: da pintura de paisagens; do paisagismo; para os estudos de cinema, e também para o turismo e a literatura.

O percurso mais dinâmico para o seu entendimento reside na forma de interpretá-la, a partir da observação e análise das relações e conjunções de elementos naturais e tecnificados, socioeconômicos e culturais que a compõe. A paisagem já se configura como processo, uma forma de ver o mundo e é resultado da construção simbólica de um modo de ver produzida pelos modos e pelas relações de produção. Nesse período, ela é definida como um sistema de criação de signos que envolvem leituras construídas por aqueles que vivenciam ou não o lugar ou lugares. Essas leituras são dotadas de crenças, valores e explicações do senso comum (Duncan, 2004).

Claval (2001) postula que a paisagem traz a marca da atividade produtiva dos homens e de seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o às suas necessidades. Ela é marcada pelas técnicas materiais que a sociedade domina e é moldada para responder às convicções religiosas, às paixões ideológicas ou aos gostos estéticos dos grupos. Constitui desta maneira um documento-chave para compreender as culturas e o único que subsiste frequentemente para as sociedades do passado.

A corrente crítica da Geografia, fundamentada na teoria marxista, considera que a paisagem possui antes de tudo uma significação social e econômica. A visão tradicional do homem como fator constituinte da paisagem é descartada; por isso, o espaço torna-se o objeto central de estudo dos seguidores dessa corrente, enquanto que a paisagem é relegada a um valor meramente material. Diversos autores a consideram como um artefato, dado que, a

paisagem é evidentemente uma produção humana, se caracterizando como um conjunto de elementos e ou objetos interligados. É também uma riqueza, pois existirem paisagens que podem melhor favorecer a produção de bens, bem como uma ideologia, posto que ela pode exprimir e condicionar um conjunto de crenças e ideias.

Raffestin (1980) propõe a definição da paisagem como um depósito de história, ou seja, ela seria o produto da prática entre indivíduos, da realidade material e cristalizaria momentos e períodos históricos. Somente em 1907, com o trabalho de Otto Schlüter (1872-1959), a paisagem se torna objeto da Geografia Humanista. Ela renasce e é evidenciada a sua dimensão imaterial.

Na Geografia Humanista ela é concebida como o mundo exterior mediatizado pela experiência dos homens, portanto, pode ser definida como um modo de ver o mundo ou uma imagem construída pela mente e pelos sentidos. A relação homem e meio analisada de maneira integrada deve considerar não apenas os aspectos físicos e biológicos de um e de outro, mas também a relação imaterial existente entre ambos. A partir da década de 1980 ganha força na fenomenologia o "fenômeno da paisagem." Nos trabalhos, são enfatizados os aspectos simbólicos e em especial a ideia da consciência que experimenta a paisagem.

A paisagem não é um simples objeto ou tampouco o que o olho observa, porque ela é também uma construção mental oriunda da percepção e vivência do mundo pelo Ser. Reações variadas na alma humana produzem a própria paisagem. "A paisagem só surge quando a vida pulsando na intuição e no sentimento é em geral arrancada à unicidade da natureza e o produto particular assim criado, é transferido para um estrato inteiramente novo" (SIMMEL, 1996, p. 8).

A discussão acerca da paisagem é fundamental à Geografia, porque ela é uma essência espacial, que emerge da relação homem-meio, fruto, portanto, de uma determinada experiência, captada e produzida por meio de uma apreensão específica dos sentidos, representando um modo de ser-no-mundo (Pádua, 2013). As paisagens refletem crenças e valores da sociedade, traduzem sentimentos, valores e fantasias face ao ambiente, sendo assim, uma herança intelectual e espiritual.

Na Geografia de base fenomenológica encontramos uma mudança no sentido de paisagem, porque o conhecimento não depende apenas da dimensão científica, mas incorpora a experiência vivida e os sentimentos. Portanto, essa pesquisa possui como cerne evidenciar

as paisagens marcadas, construídas e constituídas de vontades, valores e memórias, as quais são baseadas em experiências do mundo, referências sociais e redes de interação.

As paisagens refletem gostos, valores, aspirações e medos e emergem na análise geográfica carregada de simbolismo. Elas são responsáveis pela constituição do imaginário social que atua na condução da ação dos atores sociais (Barros & Pádua, 2014). Sua interpretação permite que sejam identificadas:

- Formas de produção do espaço;
- Ideologias dominantes;
- O modo como se organiza a exploração dos recursos naturais e por fim;
- Os elementos e valores atribuídos pela sociedade no indivíduo.

É importante destacar que há uma diferença entre aquilo que se vê (a realidade) e o modo como é visto. A paisagem durante muitos anos implicou no afastamento entre o sujeito e o objeto, contudo, na Geografia Humanista ela ultrapassa a ideia de mera parte da superfície da Terra, pois há um aspecto subjetivo elaborado pela mente na sua construção (Salgueiro, 2001). Foca-se no indivíduo, nas suas práticas e percepções elaboradas no e do mundo, as quais condicionam, o comportamento e atitudes frente a esse mesmo mundo.

A paisagem é origem da percepção, da concepção e da ação, porque as sociedades organizam seus ambientes em função da percepção que elas têm deles e, reciprocamente, parece que elas os percebem em função da organização que dão a eles (Claval, 2004). A paisagem é dinâmica porque resulta sempre de um mosaico de tempos e objetos visíveis e invisíveis.

A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade (SERPA, 2007, p.15).

O homem, desde a sua tenra idade é moldado por sua cultura e mesmo adulto sofre suas influências. O indivíduo vive numa sociedade e utiliza um vocabulário de formas e de cores que predeterminam o que sente e como percebe o mundo através dos padrões de leitura que recebeu. Assim o que o homem lê o mundo e a sociedade o que aprendeu a ver (Pereira, 2010). Compreendemos os objetos porque temos conosco o “esboço estrutural” que desenha o “modo” dele vir a nós.

A paisagem conjuga o passado, o presente e nos aponta o futuro em uma convivência de diferentes temporalidades que faz de cada uma delas única. Entendida como um produto social e histórico retrata as sociedades que a construíram e a constroem. As histórias que as pessoas narram sobre a paisagem em que residem, podem também revelar os traços de sua experiência com ele. Tudo isso compõe a narrativa, que sempre nasce da memória (Meihy, 2005). Atualmente há diversos estudos que visam repensar o papel da memória enquanto ferramenta de movimento dentro de uma produção de conhecimento sobre o espaço, o lugar e a paisagem. Mesmo no passado, a narrativa detém uma continuidade com o presente.

Através de uma consciência intencional o homem observa e analisa a paisagem. A paisagem possui uma dimensão sensível e simbólica, e não é meramente o mundo que nós vemos, mas uma construção desse mundo. Enquanto mediação do homem com a natureza ela nos leva a compreensão do sentido do mundo, isso porque pode ser tratada como a ligação do indivíduo com os objetos vivenciados por ele. Deriva do encontro do indivíduo com o mundo da experiência (Barros & Pádua, 2014). Portanto, é expressão do habitar, deste Ser terrestre, da relação homem e terra e de sua existência, porque não existe por si, mas é parte do ambiente, é passado e presente, carregando as perspectivas do futuro, e também da organização espacial.

A paisagem se constrói à medida que a percepção e a imaginação concatenam os sentidos e as características do visível e do não visível. O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas. A memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que se poderia falar de uma vida de sentimento como se fala de uma vida de pensamento.

O que porventura abrangemos com um olhar ou dentro do nosso horizonte momentâneo não é ainda a paisagem, mas, quando muito, o material para ela. A paisagem é um estado psíquico e habita no reflexo afetivo do observador e em sua consciência, por isso “a paisagem é uma fusão de diferentes perspectivas, é natureza e cultura, ambiente e percepção, objetiva e subjetiva, funcional e estética. É o esforço da imaginação que deve agregar essas possibilidades em só sentido” (PÁDUA, 2013, p. 76).

A paisagem é também associada ao pensamento, quando parto da percepção como apreensão do meio, mesmo que não racional, mas ainda assim um pensamento do corpo que intui e percebe o mundo. As paisagens, que podem ser percebidas com a utilização dos cinco sentidos, constituem uma categoria muito dinâmica, pois são a expressão das práticas

humanas e das ocorrências naturais e da história, aparente e oculta, de uma determinada porção do espaço. É o resultado da percepção que chega aos sentidos, ou seja, “a paisagem se define como espaço ao alcance do olhar, mas também à disposição do corpo; ela se reveste de significados ligados a todos os comportamentos possíveis do sujeito” (COLLOT, 1990, p. 27).

A paisagem chega a nós originariamente como sentir. Temos revelados na paisagem o sentir, o querer, o conhecer e o pensar: a totalidade do ser humano e da natureza (Marandola Jr., 2014). Precisamos habitar a paisagem para poder ouvir o seu saber; precisamos senti-la para sermos invadidos por ela. Logo, a paisagem é o espaço do sentir, ou seja, o foco original de todo o encontro como o mundo.

As paisagens não são somente conteúdo e substância, mas também cenários significantes das experiências diárias e excepcionais. Cada uma detém seu próprio conjunto e significados específicos. Possuem similaridades com outras, pois além dos atributos e formas, vemo-la com os olhos e preconceitos dados pelo coletivo (Relph, 1979). A paisagem não é composta somente por aquilo que se coloca a frente dos nossos sentidos, mas também do que se esconde em nossas mentes. Ela seria a forma e a imagem visível que aproxima à realidade do indivíduo. Valorizar a paisagem em toda sua dinamicidade se torna hoje uma necessidade se temos o intuito de construir novas possibilidades de habitar este mundo. Afinal,

A verdade da paisagem, caso exista, não se dá num “altar” ou numa vista congelada. A paisagem também não é acumulação de memórias, depósito de signos, patrimônio constituído, nostalgicamente consultável. Ela é evento, ela é passagem, incompleta (BESSE, 2006, p. 100).

Ela é oferecida a nossa percepção e ao mesmo tempo produto de nossas experiências. O estudo da paisagem pela perspectiva da fenomenologia permite que eu a enxergue, sinta, cheire e ouça numa perspectiva que vai além da organização estrutural. A paisagem se materializa aos nossos olhos por meio de um suporte e uma base de sustentação. Elas se desdobram e influem nas imagens construídas na mente. O próximo tópico discorrerá sobre a formação de imagens no nosso imaginário e consciência.

1.5. Imaginação, imaginário e imagens

Os conceitos de imaginação e das imagens começaram a me angustiar após a leitura de **A Imaginação (1967)** de Jean-Paul Charles Aymard Sartre. Sartre evidencia na obra que o homem se define no mundo através da ação. A nossa ação no mundo não é definida somente pela certeza da liberdade, mas também pelos nossos medos, angústias, curiosidades. Por isso a

pesquisa também irá se apoiar em Gaston Bachelard (1884-1962) e em sua obra **A Poética do Espaço (1998)**.

Imaginação e imaginário são noções distintas. A imaginação é uma das formas possíveis de consciência, ou seja, uma das formas do homem se relacionar com o mundo. Todavia, o imaginário é um processo antropológico e sociológico, através do qual o homem transcende o animal comum. O imaginário é o estabelecimento de um campo de possibilidades de Ser do sujeito humano. O imaginário constitui-se enquanto uma atitude global do sujeito frente ao mundo, que adquire um sentido específico (Sartre, 1997).

A reflexão de Sartre se inicia com o exemplo da folha branca que não seria apenas uma folha, porque o autor deposita no objeto sua imaginação, sua observação e suas ideias. Ela não existiria de fato, mas em imagem, ou seja, em uma cópia de alguma coisa. Após esse exemplo, surge a seguinte inquietação: Como se produzem e reproduzem imagens? O intuito de Sartre é determinar o que é a imagem como imagem, ou seja, a imagem nela mesma, pelos seus conteúdos e essências.

Toda uma tradição filosófica se funda concebendo a imagem pejorativamente, como cópia, perecível e, portanto, não confiável. A imagem é considerada como um duplicado da percepção, que mobília o espírito com ‘miniaturas’ mentais que não passam de cópias das coisas objetivas e a imaginação como, no máximo, uma forma de pensamento infantilizado, ou seja, ela é o reflexo do mundo produzido por e em nossa mente. Nessa perspectiva elas podem possuir diferentes características:

- Imagem- símbolo: imagens-coisas que nos transportam a um sentimento passado e até mesmo a sensações que nos projetemos para um futuro imaginário;
- Imagem-índice: fascina e guarda um sentido religioso;
- Imagem-ícone: representada pela arte, inspira prazer e é semelhante ao objeto. (Debray 1993).

Sartre (1967) inova na concepção de imagem quando propõe que ela não é uma coisa ou uma exterioridade, mas um ato intencional da consciência. As imagens se combinam para dar nascimento aos conceitos, ao juízo e ao raciocínio, e assim, a construção de pensamentos. Não há pensamentos sem imagens, visto que, o pensamento é um ato inconsciente do espírito que para se tornar consciente tem necessidade de imagens e palavras. Adicionalmente, a imagem não nega o racional, mas não necessita da razão para se impor como realidade. Ela é

mais do que reflexo do mundo "objetivo", pois guarda em si uma subjetividade histórica.

A imagem é a forma cognitiva com a qual o homem representa a essência do objeto a fim de apossá-lo e com ele operar relações, como por exemplo, construir teorias e agregar valores e significados. A paisagem é uma imagem da essência do espaço apropriado e produzido como existência. Ao descrevê-la e analisá-la ela não é presente e presença, logo não existe de fato, mas em imagem. As imagens possuem uma identidade de essência com a paisagem original. Essência essa que remete a sua estrutura e individualidade. Contudo, essa identidade de essência, não é acompanhada por uma identidade de existência.

O dualismo entre interior e exterior é inexistente. A aparência não esconde a essência, mas a revela: ela é a essência. A diferenciação entre o imagético e o idealizado, está em seu grau de clareza fornecida pelo próprio cérebro. As imagens e as imaginações sobre a paisagem amazônica são definidas a partir das vivências e experiências do Ser que nela caminha. Logo, o objeto em imagem e o objeto em realidade são uma única e mesma coisa, mas que estão em planos diferentes de existência.

A imagem apresentará uma paisagem que movimenta saberes e possibilita conexões. Considerando a imagem como uma forma de conhecer a realidade, os chegantes são produtores de suas versões da realidade, questionando e movimentando seus saberes. As imagens têm o poder de transcender suas representações (Debray, 1993). Elas projetam nossa visão para o passado e para o futuro, substituindo o presente. Por fim, elas permitem que se olhe e perceba mudanças e transformações da paisagem.

As imagens têm o poder de produzir efeitos e modificar condutas, da mesma forma que as palavras. Apesar do que há de comum, as imagens não vinculam todos a todos, visto que, apesar de datada em sua fabricação e recepção, jamais estará ultrapassada. Ela abre uma passagem entre o invisível e o visível.

Ao se deparar com o meio, os chegantes e eu observamos a natureza em suas formas, conteúdos, cheiros e sons. Essas diferentes qualidades têm características comuns: em primeiro lugar, elas se dão ao meu olhar como existências que apenas posso constatar e não dependem de forma alguma do meu capricho. Elas são para mim, não são eu. Mas também não são outrem, isto é, não dependem de nenhuma espontaneidade, nem da minha, nem da de outra consciência. São, ao mesmo tempo, presentes e inertes. Essa inércia do conteúdo sensível, frequentemente descrita, é a existência em si (Sartre, 1997).

A natureza independe da nossa consciência para existir, pois existe em si mesma. Contudo, a consciência permite que nós tomemos posse do meio que nos cerca, e nesse processo, a paisagem aparece como pura espontaneidade. O mundo é uma combinação de objetos em si, com qualidade e densidade próprias. A consciência - por si - os visa, conferindo-lhes ordem, valor e instrumentalidade. Isto significa que a consciência contribui para que o mundo exista.

A consciência é um eterno movimento para fora de si e para além de si. Há a necessidade de existir como consciência de outra coisa que não ela mesma (Sartre, 1967). Nunca pode ser confundida com o objeto, porque não possui a mesma natureza. Ela é um fluxo contínuo em direção ao mundo que não possui interior e se recusa a ser substância. Espontaneidade pura que encontra sua fonte em si mesma.

A apreensão de um objeto é dada pelo indivíduo através de perfis, ou seja, cada lado de uma vez. Na imagem, eu tenho o oposto, visto que ela se dá por inteiro na medida em que a consciência imaginante, ao imaginar o objeto, o faz baseada no conhecimento do que ele é.

A consciência imaginante é espontânea e criadora. Ela se sustenta e mantém através de uma criação contínua das qualidades sensíveis de seu objeto. Para Sartre (1997) ser não é conhecer, ser é existir. E essa existência se pauta através das experiências. Através dos relatos e da memória dos chegantes, é possível conceber imagens das paisagens amazônicas existentes nas mentes dos homens. Destaco que a imagem não está alojada na consciência, como guardada em uma caixa. A consciência que imagina é um movimento de recriação de um objeto ausente e presente constante.

Para refletir sobre outra perspectiva de compreensão da imagem me volto para a questão que permeia o trabalho de Gaston Bachelard (1884-1962), em sua obra **A poética do espaço (1998)**: “Como uma imagem por vezes muito singular pode revelar-se como uma concentração de todo o psiquismo?” Durante o texto o autor se debruça no exame das simples imagens desencadeadas a partir de diferentes espaços como a casa, o porão, o sótão, a cabana dentre outros. Ele busca através de uma fenomenologia da imaginação conhecer a imagem em sua origem, em sua essência e pureza.

Bachelard (1998) inicia sua reflexão propondo que o espaço será utilizado como um instrumento de análise para a alma humana. No caso, o seu espaço foco é a casa. A obra configura-se como um tratado poético sobre as imagens desencadeadas a partir de diferentes espaços recorrentes na literatura: casa, porão, gaveta, concha, cofre, dentre outros. Ao

transportar a obra para a realidade do local de pesquisa, nos caminhos pela floresta os chegantes vivenciaram experiências intensas, marcantes e traumáticas. Ao reavivar as memórias desses tempos eles apresentam suas experiências e imagens da Amazônia.

A imagem não é o empobrecido do real. Ela não é reflexo, não é mimese, mas é criação, afinal, o mundo é a minha imaginação (Bachelard, 1998). Pelos princípios da fenomenologia se estuda a imagem a partir da consciência individual. Só a fenomenologia - isto é, a perspectiva que considera imagem em uma consciência individual - pode ajudar-nos a restituir a subjetividade, a medir a amplitude, a força e o sentido da transubjetividade das imagens. Contudo, todas essas subjetividades e transubjetividades não podem ser determinadas definitivamente (Bachelard, 1998), pois se alteram no processo de lembrar.

A imagem existe antes do pensamento e não precisa de um saber, pois é elaborada em uma consciência ingênua. Ela é um ser próprio, com um dinamismo próprio. “A imagem se transforma num ser novo de nossa linguagem, exprime-nos fazendo-nos o que ela exprime, ou seja, ela é ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir de nosso ser” (BACHELARD, 1998, p.188). De forma individual o homem apreende o mundo que o cerca e cria a partir da experiência do seu corpo com esse mundo imagens.

Para cada homem, ou até cada grupo, existe uma imagem diferente do espaço, e esta imagem não é fantasia, é apreendida a partir do que ele percebe do mundo que o rodeia, a partir de sua experiência de vida, o espaço vivido, que é também concreto, pois são analisados por homens concretos, sujeitos inseridos o tempo e no espaço, sujeitos histórico-espacial (NOGUEIRA, 2001, p. 61).

O ato de imaginar possui uma força de produzir outras e novas realidades, por isso, paisagens imaginadas atraem e intensificam a relação entre a exterioridade e a interioridade do Ser que imagina. O ato de imaginar nos coloca em relação com objetos extramentais, e não somente com imagens interiores. A imagem e a imaginação são extremamente fortes, porque nos colocam como não-ser e também a possibilidade de vir-a-ser. Afinal, “o homem sem imaginação perde sua humanidade, perde sua essência, sua possibilidade de ser, porque a imagem é o caminho do pensamento, é uma percepção repensada e, por mais incompleta que possa parecer ainda, racionalizada; é já uma racionalização do dado sensível” (SARTRE, 1967, p. 89).

A imagem é uma construção mental que se faz a partir de esquemas sensório-motores que se desdobram a partir de uma realidade material, contudo, não é só representação, porque

ela tem uma dimensão simbólica e um poder de mobilização.¹³ O corpo age como instrumento de seleção e o seu movimento permite que a imagem se torne percepção, logo, a última é uma imagem relacionada a certa atitude do corpo. Através da lembrança essa percepção se aprofunda e toma uma significação. Nessa relação, a paisagem seria a imagem de uma porção apropriada e produzida pelo homem.

Há uma relação entre paisagem e percepção, onde a paisagem “é uma realidade concreta e compartilhada tridimensionalmente. Nesse sentido, a percepção só existe porque há uma realidade empírica e objetiva que a possibilita” (VIEIRA, 2006, p. 4). Antes de ser um repouso para os sentidos, a paisagem é uma obra da mente, visto que, a percepção é um processo que edita, seleciona e significa o espaço e as relações que se desdobram sobre o mesmo. Estamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, todavia eles na verdade são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é uma obra da mente. Compõe-se tanto de uma camada de lembranças quanto de estratos de rochas.

A paisagem não é o suporte para a representação, mas o processo perceptivo que se opera no olhar, pois ela indica o que o olho seleciona, enquadra, foca, edita e transforma. A paisagem é o ponto de partida para reflexões mais amplas, visto que, antes de tudo, experimentamos a paisagem para poder percebê-la. É a imaginação que torna presente, as paisagens, os movimentos e as dinâmicas do passado. Essa percepção não é entendida somente dentro do aspecto natural, e sim dentro de uma dimensão mais holística que considera também os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais.

A imaginação ocorre em uma unidade espaço-tempo que é fora do tempo e do espaço real e nos permite elaborar projetos existenciais para o futuro. É um ato livre e criador. No exercício de imaginar podemos deduzir uma ordem espacial em virtude da fabricação dos objetos. No que tange a paisagem, a imaginação permite que ela seja considerada para além

¹³ No grego, imagem é *eidolon* (espectro; e daí o termo latino ídolo). Deriva etimologicamente do latim *imago* e *inis*, substantivo que significa semelhança, forma, aspecto, aparência, retrato, ou seja, está ligada a ideia de algo que simboliza alguma coisa. Por sua vez, a palavra representação deriva do latim *re-apreasetatio* e *onis*, substantivo que significa representação daquilo que se pensa, logo ela está associada às ideias de pensamento, memória e imaginação. Segundo a psicologia a passagem da realidade à representação se dá através da percepção e conseqüentemente também da interpretação. Nesse processo, a realidade perde sua conotação genuína; ela é reelaborada, adquirindo características simbólicas e interpretativas. A representação apresentaria uma falsa realidade ou fenômeno. Nesse trabalho se focará a imagem, pois ela guarda a essência do fenômeno, porque sua origem está na consciência.

da sua materialidade, pois são elaboradas nesse ato diversas construções simbólicas. Por fim, a imaginação é o meio pelo qual a ação se efetuará.

As imagens que as pessoas fazem do espaço onde vivem, materializadas nas narrativas orais de um passado, vivifica e edifica os saberes locais. Tuan (1980) destaca que a consciência do passado é um fator importante para a definição de lugares e sua lealdade para com o mesmo. Através da memória os homens apontam os laços com a Amazônia. “A paisagem é um olhar, então ela é o encontro da interioridade de quem vê e a exterioridade do que é visto, em meio à corporeidade sensória. A paisagem pode ser tomada como a relação entre o espaço e a imagem. É o encontro entre elas” (VIEIRA, 2006, p. 14). O resgate das imagens da Amazônia é um fator importante para que o homem cultive sua existência, vivencie o seu espaço e construa a sua história.

Cada visão do mundo é única, pois cada pessoa habita, escolhe e reage ao meio de diferentes maneiras, influenciadas pelos seus sentimentos e crenças particulares. Qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente dos nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes. Ela guarda uma infinidade de aspectos do que aparece e o que não aparece. O que não aparece acaba por definir o Ser que a observa. Cada paisagem possui um olhar e uma subjetividade que conduzem a construção de determinada imagem. Associando as narrativas coletadas com a noção e ideias de imagem de Sartre (1967) e Bachelard (1998), concebo que os fatos importantes são os que se desenvolvem dentro da consciência: não são os fatos vistos, mas o processo absorção dos fenômenos e elementos e sua posterior interpretação.

PARTE II

Fronteira hoje, portanto, não é sinônimo de terras devolutas, cuja apropriação econômica é franqueada a pioneiros e camponeses.

É um espaço também social e político, que pode ser definido como um espaço não plenamente estruturado, potencialmente gerador de realidades.

(Bertha Becker)

A dinâmica de ocupação das terras e o ritmo do processo de modernização da atividade agropecuária no estado de Rondônia reflete as variações dentro do modelo de desenvolvimento pensado pelas políticas públicas voltadas para a região nos últimos trinta anos. Nos anos de 1960 a 1970 a construção de grandes rodovias e os programas de assentamentos rurais tinham como objetivo a integração da Amazônia ao mercado nacional e, em consequência, ao processo de modernização em curso da economia brasileira. A partir de meados dos anos 90, a lógica de ocupação da fronteira sinaliza um novo modelo: a criação de uma cadeia produtiva de carnes e grãos que visava o mercado internacional. O objetivo dessa parte é apresentar e refletir sobre a história oficial da ocupação obtida através de documentos históricos, órgãos oficiais e estudiosos brasileiros. No pensamento geográfico brasileiro se destacam dois campos de análises sobre as transformações na Amazônia: uma vertente desenvolve explicações das dinâmicas territoriais à luz do conceito de frente pioneira, e outra, através do conceito de fronteira agrícola. A fronteira se torna o lugar privilegiado para crescer e da possibilidade. Todavia, é também o lugar das diferenças e da hierarquia. A colonização agrícola, a modernização da agricultura, a formação da rede urbana e da rede rodoviária reorganiza a floresta amazônica que estava “desarrumada” e precisava ser dominada. O texto acaba por revelar os limites do imaginar, criar e sonhar, pois a Amazônia como objeto, é considerada um produto e bem a ser consumido e onde não podem ser valorizadas as vontades e imaginários do homem. Durante a pesquisa dessa etapa foi possível resgatar diversos registros da paisagem e dos homens da Amazônia que permitiram a produção de um recurso audiovisual sobre a ocupação da região. Ele está disponível para consulta em: < <https://www.youtube.com/watch?v=MnGdNboREYU&t=27s> > e é intitulado “Paisagens do outro: a luta pela conquista e permanência na Amazônia”. Os registros dos homens e das paisagens da Amazônia são conduzidos por uma canção indígena de guerra, visto que, a ocupação da região é marcada por conflitos e lutas.

2.1. As fronteiras como possibilidades e “entre-lugares”

Na América Latina, a última grande fronteira é a Amazônia, em particular a Amazônia brasileira. Ela sempre foi alvo dos olhares e interesses do outro: na caça e escravização do índio, na busca e coleta das plantas conhecidas como “drogas do sertão”, na coleta do látex e da castanha. A partir do golpe de Estado de 1964 e do estabelecimento da ditadura militar, a Amazônia transformou-se num imenso cenário de ocupação territorial massiva, violenta e rápida. A história do recente deslocamento da fronteira na Amazônia é uma história de destruição. Por outro lado, é também uma história de resistência, de revolta, de protesto, de sonho e de esperança para os povos e populações tribais e tradicionais (Martins, 1996).

A percepção dominante da região amazônica é a da fronteira de recursos, ou seja, como área de expansão da economia e da sociedade nacional, por isso, a área se tornou alvo de diferentes interesses. Segundo Becker (1990) as terras de fronteiras são a possibilidade para os agricultores que migravam em busca de uma melhoria das condições de vida.

No contexto brasileiro, ela é caracterizada como um grande empreendimento de investimento. Fronteira de recursos, ou seja, área de expansão da economia e da sociedade nacional, Rondônia se institucionalizou como espaço de novas realidades. Todavia, o avanço sobre esse espaço provocou profundas mudanças no território das comunidades tradicionais e tribos residentes na área.

A luta pela terra faz com que a fronteira seja o lugar de descoberta do outro e do (des)encontro entre diferentes grupos sociais que juntam (e separam) pedaços de vida entre a esperança e o destino trágico (Martins, 1996).

A fronteira, em se analisando ao longo da história, pretendeu desenhar uma imagem de pedra e precisão: os muros são o seu símbolo, com toda a sua concretude. Entretanto, apesar da imagem de intransponibilidade, os muros são apenas camuflagem, pois o espaço vivido é mais amplo e complexo do que os limites e fronteiras possam determinar (HISSA, 2006, p. 40).

Nos encontros e desencontros entre os indígenas, populações tradicionais, agricultores e grandes pecuaristas as trocas de experiências e saberes acabaram por resultar em conflitos violentos e sangrentos. O que poderia ter sido um momento fascinante de descoberta do homem foi um momento trágico de destruição e morte de muitos povos e culturas.

A fronteira aparece como um conceito que remete a uma síntese de conexão, vínculo e interdependência das sociedades. A fronteira em si não é restritiva, limitante, nem deve ser vista como um instrumento de fechamento. Não tenho a pretensão de com esta pesquisa dar

respostas, e sim de suscitar interrogações sobre as possibilidades e enclaves da fronteira. Ao final dos relatos foi possível concluir que na área de pesquisa a fronteira representa o limite que separa e delimita realidades. É o tecido de ligação que constrói a diferença, portanto, ela seria um “entre-lugares”.

As fronteiras delimitam ou separam os lugares, os territórios e as paisagens e podem ter um significado mais amplo do que as simples linhas de separação. O que define a fronteira brasileira é a situação de conflito social. A situação compreendida não apenas como a luta pela terra, mas também como o choque entre grupos diversos em situações socioculturais, espaciais e temporais distintas.

A fronteira, de imediato, nos remete a noção de zona ou linha divisória entre algo que conhecemos e que em um certo sentido nos pertence; e algo que desconhecemos e que nos é estranho e inexplorado. Ao refletir sobre a definição de fronteira alguns aspectos prevalecem. O primeiro se refere a sua ideia de linha imaginária, visível nos mapas escolares, mas indefinida, tensa, secreta na diplomacia e no cálculo. O segundo é associado ao *front* de civilização, ou seja, a linha de frente do “progresso”. A fronteira como campo magnético é concebida como campo de forças e faixas. Por fim, ela é também uma linha que separa maneiras de falar e obedecer, geografias e histórias.

A forma de representação desses limites é desigual. Para determinados grupos, a fronteira constitui uma forma de vida; para outros é um recurso real e ou potencial. Ela tende a provocar a dicotomia entre as identidades territoriais. Isso nos leva a entender o motivo pelo qual a fronteira é considerada como espaço de conflito (Almeida, 2003). Os distintos interesses e pessoas que acontecem e existem na fronteira são fundamentais para que se possa compreendê-la. “As relações que se estabelecem no seio dos diferentes grupos que se interrelacionam em um espaço e tempo determinados são fundamentais para compreender a construção e a desconstrução de fronteiras” (DEL RIO & OLIVEIRA, 1999, p. 465).

A fronteira é mais um espaço do que exatamente uma linha. Espaço esse caracterizado como heterogêneo tanto no que se refere aos domínios naturais quanto de organização social. Ele se define internamente por relações sociais e de poder. Logo, ao estudar as fronteiras, concomitantemente, trabalhamos com a categoria território.

As políticas de infraestrutura e colonização em Rondônia foram caracterizadas como frentes pioneiras e produziram fortes repercussões ambientais e territoriais no estado.

Podemos interpretar que as frentes pioneiras¹⁴ permitiram o contato com outras realidades, à aproximação de um mundo até então desconhecido e ausente de referências espaciais e culturais para outras regiões brasileiras. Coy (1988) enfatiza que há duas possíveis interpretações para as frentes pioneiras.

(...) uma como expressão de “um espírito de liberdade”, da vontade colonizadora, isto é, pelo conteúdo positivista da palavra “pioneiro”, e outra como parte integrante da exploração acelerada do setor primário pela economia capitalista, isto é, como processo permanente de expulsão. O que quer que seja as frentes pioneiras no Brasil sempre tinham que contribuir para resolver os problemas das estruturas sociais e econômicas de outras regiões, deslocando-as na verdade do “centro” em direção à “periferia” (COY, 1988, p. 170).

A concepção de frente pioneira compreende implicitamente a ideia de que nessas áreas se cria o novo: nova sociabilidade, fundada no mercado e na contratualidade das relações sociais. No fundo, portanto, a frente pioneira é mais do que o deslocamento da população sobre territórios novos. A frente pioneira é também a situação espacial e social que convida ou induz à modernização, à formulação de novas concepções de vida e a mudança social (Martins, 2013).

Diversos estudiosos da temática no Brasil sobre a Amazônia apresentam olhares diferenciados sobre a dinâmica de ocupação da região. A tese acerca da ocupação da Amazônia de Ariovaldo Umbelino de Oliveira (1991) está orientada pelas disputas políticas do período militar, bem como o posicionamento desse regime em relação ao capital internacional. Nessa perspectiva, toda e qualquer lógica de investimento de capital na região possui como pressuposto a possibilidade de se reproduzir de forma ampliada. O autor desconsiderou as relações e motivações de outros grupos, como por exemplo os pequenos agricultores, na ocupação de terras.

O trabalho de Otávio Guilherme Velho (1979) está centrado no processo de ocupação das terras ao longo da rodovia transamazônica durante o Programa de Integração Nacional e realizou uma comparação com o nosso processo de expansão e o dos Estados Unidos. Velho (1979) apresentou a fronteira como um mecanismo de controle da classe trabalhadora e

¹⁴ Martins (1996) apresenta a diferença entre frente pioneira e frente de expansão. A frente pioneira se define economicamente pela presença do capital na produção, e a frente de expansão, como uma concepção que percebe a ocupação do espaço sem a mediação do capital. A frente de expansão foi constituída de populações ricas e pobres que se deslocavam em busca de terras novas para desenvolver suas atividades econômicas. Quando a economia da borracha entrou em crise e decadência por volta de 1910, muitos desses empreendimentos extrativos, que eram essencialmente comerciais e não agrícolas, simplesmente encerraram suas atividades. Ficaram para trás os trabalhadores, dedicados à própria subsistência e comercialização de excedentes em pequena escala. Portanto, a partir desse momento, a frente de expansão ficou caracterizada como uma frente demográfica de populações camponesas e pobres residualmente vinculadas ao mercado.

construiu uma nova adjetivação para a fronteira amazônica no período: “fronteira aberta, porém controlada”. A fronteira representava para os pequenos agricultores uma possibilidade de “trajetória social ascendente”.

Bertha Becker (1990) concebeu a fronteira como especificidade, por ela ser um espaço não plenamente estruturado pelas mãos dominantes do Estado. A fronteira influi na dinâmica global na medida em que representa um espaço de manobras. A sua função enquanto espaço alternativo é um elemento ideológico cultivado para incentivar e atrair populações de outros estados. Becker (2001) apresenta as distintas formas de posse e apropriação da terra em escala e ritmo crescentes, porém não de forma total e tampouco uniforme. O enfoque em suas pesquisas repousa na expansão da fronteira em um contexto urbano cuja criação de núcleos funcionaria como elemento fundamental para a circulação da mão de obra e de mercadorias.

Apesar dos avanços na discussão de Becker o conceito de fronteira não é reatualizado. Através de José de Souza Martins (1996) a fronteira passa a ser concebida como uma temporalidade e a fronteira do humano. Em sua trajetória Martins (1996) atravessou áreas de conflitos, vivenciou-os, se apaixonou por seu objeto, teve paciência com o método e com o tempo e, por fim, o resultado foi uma produção baseada na vivência do conflito. O autor encontrou na convivência com camponeses e indígenas respostas muito diferentes. A opção da pesquisa priorizou a compreensão do outro que não se considera nós. Para o autor, a fronteira é um cenário de intolerância, ambição e morte.

A fronteira é, sobretudo, no que se refere aos diferentes grupos dos chamados civilizados que se situam “do lado de cá”, um cenário de intolerância, ambição e morte. (...) Já no âmbito dos diversos grupos étnicos que estão “do outro lado”, e no âmbito das respectivas concepções do espaço e do homem, a fronteira é, na verdade, ponto limite de territórios que se redefinem continuamente, disputados de diferentes modos por diferentes grupos humanos (MARTINS, 1996, p. 10).

A fronteira é interpretada como o local da alteridade. A alteridade é compreendida não só como o reconhecimento da existência do Outro, o semelhante, mas tudo que é exterior ao Eu. Na fronteira se pode observar melhor como as sociedades se formam, desorganizam ou se reproduzem. Na fronteira o homem não se encontra: se desencontra. O outro ainda não se confunde conosco nem é reconhecido pelos diferentes grupos sociais constituídos como nós.

Portanto, é principalmente o espaço da alteridade do Eu e do Outro, no qual se observa, compara e identifica as diferenças; cria opiniões sobre si mesmo e sobre o Outro e onde o Eu também pode afirmar sua própria identidade (Almeida, 2003). É o local do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si. Espaço da descoberta do outro,

e do desencontro. O desencontro e o conflito são decorrentes das diferentes e individuais concepções de vida e visões de mundo. A fronteira, quando compreendemos que há um lado de lá e outro de cá, está, portanto, nos homens.

Considerada como o *locus* privilegiado de disputas dos grupos é o local de redefinição de limites, cenário de mortes, conflitos e resistência. Todavia é também o espaço de vivências e esperança. Penso a fronteira como fio da navalha das situações limites, onde não se é bem uma coisa tampouco outra, logo, “ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem. E, sobretudo, fronteira do humano” (MARTINS, 1996, p. 11).

Durante o período militar a ação do Estado sobre a região tinha como elemento discursivo central a política de integração, desenvolvimento e modernização. A expansão da frente pioneira em direção a Amazônia se deu em um contexto diferente das histórias costumeiras em países como os Estados Unidos, pois ao invés de se constituir um território com base em valores como democracia e da liberdade, no Brasil a frente se constituiu em uma expansão apoiada em um quadro fechado de ditadura militar, repressão e falta de liberdade política (Martins, 1996).

O Estado definiu, com base em elementos empíricos, que a Amazônia era uma fronteira aberta para compor a unidade nacional. As políticas de integração da região não existem a priori, pois são resultado de uma construção histórica. A fronteira é a relação entre os diferentes: o civilizado *versus* o bárbaro; o branco *versus* o indígena; o latifundiário *versus* o camponês. Ao subjugar, domina; ao explorar, é explorada; ao viver, morre. As bases para podermos pensar a fronteira são a totalidade e a heterogeneidade. Ela é resultado e não proposição. No próximo tópico, apresento a colonização de uma porção da fronteira brasileira foco da pesquisa: o estado de Rondônia.

2.2. Rondônia e a colonização

A região amazônica pode ser caracterizada por zonas com crescimento demográfico rápido que se incorporam ao mercado nacional e internacional através de frentes de expansão. Essas frentes atraíram migrantes e capitais para exploração dos recursos naturais e foram apoiadas por incentivos fiscais fornecidos pelo Estado brasileiro. A compreensão do modelo de ocupação do espaço rondoniense está associada a um resgate das estratégias de ocupação

da região amazônica influenciadas pelo modo de produção vigente em cada período histórico. As políticas de infraestrutura e colonização produziram fortes repercussões ambientais e territoriais, apesar da existência de diversos programas de meio ambiente. Coy (1988) enfatiza que há duas possíveis interpretações para as frentes pioneiras.

(...) uma como expressão de “um espírito de liberdade”, da vontade colonizadora, isto é, pelo conteúdo positivista da palavra “pioneiro” e outra como parte integrante da exploração acelerada do setor primário pela economia capitalista, isto é, como processo permanente de expulsão. O que quer que seja as frentes pioneiras no Brasil sempre tinham que contribuir para resolver os problemas das estruturas sociais e econômicas de outras regiões, deslocando-as na verdade do “centro” em direção à “periferia” (COY, 1988, p. 170).

O Estado brasileiro exerceu dois importantes papéis neste cenário: o de regulador e o de vetor de estruturação e reestruturação do espaço se apoiando nas políticas de desenvolvimento e planejamento territorial que incorporam valor as terras e aumentam os impactos socioambientais. Segundo Leal (2010) na área, nas últimas décadas, têm ocorrido diversas intervenções visando uma maior integração na economia nacional e participação da região no mercado internacional. As principais ações do Estado para a região são

Políticas governamentais de transferência de mão de obra voltadas, direta ou indiretamente, para o aquecimento econômico da região; políticas de infraestrutura visando integrar, através de estradas, ferrovias e hidrovias, a Amazônia à economia nacional e internacional; políticas de incorporação de terras indígenas ao mercado de terras; políticas de colonização agrícola dirigida, oficial e particular, voltadas para a ocupação e uso do solo, a partir da implantação de projetos de colonização destinados a pequenos e médios produtores rurais; políticas de concessão de grandes glebas de terra e de incentivos fiscais a empresários para constituição de empresas agrícolas e pecuárias de grande porte, apoiadas na grande propriedade da terra, na monocultura e na produção extensiva; política de constituição de pólos industriais; políticas de pesquisa e estímulo, financeiro e fiscal, destinadas a possibilitar a implantação de projetos de grande escala de exploração de recursos minerais e hídricos têm posto frente a frente forasteiros e antigos moradores em disputa pelo direito de ocupação e uso da terra e dos recursos naturais e (...) políticas de preservação da natureza e de reconhecimento territorial de grupos sociais (LEAL, 2010, p. 1).

O estado de Rondônia possui algumas especificidades em sua história de desenvolvimento socioeconômico. Singularidade, esta, que se refere aos projetos de colonização planejados e instalados. Eles conduziram à migração intensa e a diferenciação de grupos que buscavam ocupar e se apropriar das terras, conduzindo, por sua vez, a uma diversidade de conflitos entre a população que chegava e os já residentes.

O atual estado foi criado pela Lei nº 41, de 22 de dezembro de 1981 no governo de João Figueiredo em uma homenagem ao homem que contribuiu para a integração da região

amazônica à dinâmica nacional: o marechal Cândido Mariano Rondon. Rondon foi encarregado, no início do século XX, de estabelecer a ligação da região Norte com o sudoeste do Brasil através da implantação das linhas telegráficas. A origem dessa unidade federativa foi o antigo Território Federal do Guaporé. Criado com uma área de 237 576 km², a partir de terras incorporadas do Amazonas e Mato Grosso, o estado começou a ser ocupado em torno do rio Guaporé, pois o mesmo servia de passagem aos aventureiros que buscavam ouro na atual Cuiabá.

A Amazônia pertenceu à Espanha até a assinatura do Tratado de Tordesilhas, quando passou a ser colonizada pelos portugueses. A ocupação original foi feita pelos espanhóis, depois pelos portugueses, holandeses, franceses e ingleses. A área permaneceu por longos anos quase inteiramente desabitada, ao contrário de outras zonas da área. A primeira fase de povoamento está referenciada ao período de expansão dos colonizadores portugueses entre os séculos XVII e XVIII. O primeiro europeu a pisar em terras amazônicas, segundo os registros portugueses, foi o espanhol Vicente Pinzon em janeiro de 1500. Pinzon percorreu a foz do Amazonas e chegou até a Ilha de Marajó. O principal objetivo de suas incursões na área era o aprisionamento de índios para a venda como escravos na Europa.

Nesse período, as características naturais dificultavam a rápida mobilidade sobre o espaço e, associadas à ausência de um motivador de natureza econômica, há uma ocupação fragmentada do território rondoniense. Esse aspecto resultava em grandes “vazios demográficos”. A floresta impedia o rápido deslocamento e detinha diversos perigos para os desbravadores. Aberturas de estradas eram demoradas e arriscadas, todavia, muitos homens ainda conseguiram abrir caminhos na floresta.

Após essa fase inicial, creditam-se três fases de ocupação do território amazônico que também abarcam as etapas do desenvolvimento regional brasileiro: i) Formação Territorial - 1616-1930; ii) período de Planejamento Regional - 1930-1985 e; iii) período da Incógnita do ‘Heartland’ – 1985, dias atuais - (Becker, 2001). O período de Formação Territorial é caracterizado como a ocupação do território e definição dos limites físicos. A coleta e exportação das drogas do sertão e de indígenas são os principais atrativos e atividades econômicas desenvolvidas. Há um intenso crescimento a partir da década de 1900. Segundo Monte-Mor(1980), a região Norte que em 1872 apresentava uma população de 332.847 habitantes, elevou sua população para 695.112 habitantes em 1900 e atingiu 1.439.052 em 1920.

A doutrina de Segurança Nacional incluía a ocupação da Amazônia através da colonização agrícola e responde pelo período de Planejamento Regional (Becker, 2001). Entre os anos de 1930 e 1985, há um acelerado processo de ocupação incentivado pelo planejamento proposto pelo aparelho estatal. Os programas estatais Marcha para o Oeste¹⁵ em 1938, Plano de Integração Nacional (PIN)¹⁶ em 1970, Plano Nacional de Desenvolvimento I¹⁷ (PND I) de 1972/1974 e o Plano Nacional de Desenvolvimento II (PND II) entre os anos de 1975 e 1979 são estratégias para a “integrar para não entregar” e alteram a organização do território.

A área começa a ser procurada por migrantes nos fins do século XIX, com o surgimento do ciclo da borracha, devido a uma demanda mundial pelo látex. Outra justificativa é a seca nordestina que pressiona a migração da população para a região norte. Esses motivadores econômicos favorecem a chegada de um grande contingente de imigrantes interessados na alta lucratividade do extrativismo da goma elástica. Intensifica-se e expande a colonização acompanhada de transformações culturais e sociais.

¹⁵ A Marcha para o Oeste foi um projeto governamental lançado no período do Estado-Novo (1937-1945) que buscou povoar e desenvolver o interior do Brasil, região distinta do litoral no que dizia respeito ao desenvolvimento humano e econômico. Visando uma maior integração nacional, os potenciais naturais e humanos do sertão não poderiam ser mais desperdiçados e eram entendidos como fundamentais para a garantia da prosperidade da Nação. A proposta governamental incluía a construção de escolas, hospitais, estradas, ferrovias e aeroportos no interior, com objetivo de integrar o país, a partir da noção de unidade.

¹⁶ O Programa de Integração Nacional – PIN, através do Decreto Lei 1.106 de 16 de junho de 1970, visava financiar a infraestrutura das regiões de atuação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM). Na região amazônica ele formalizava a proposta de assentar camponeses em lotes de 100 hectares numa faixa de terra de 10 km de cada lado da rodovia em construção, a Transamazônica e a Cuiabá-Santarém. As políticas de integração implementadas na Amazônia estavam apoiadas em quatro eixos principais: a) construção de infraestrutura (estradas, ferrovias, hidrovias, portos, aeroportos, hidrelétricas) para facilitar o acesso a áreas até então inacessíveis, possibilitar o escoamento das produções agrícola e pecuária, industrial e mineral e garantir o fornecimento de energia às empresas do setor industrial e mineral; b) colonização/povoamento da região através do estímulo à migração de pessoas interessadas em constituir pequenas e médias unidades de produção agrícola, com o objetivo de garantir a produção de produtos alimentícios e de possibilitar a constituição de um contingente populacional que serviria de mão de obra para os empreendimentos empresariais a serem instalados na região; c) disponibilização de grande volume de recursos financeiros, incentivos fiscais e isenção de impostos, àqueles empresários que investissem na agricultura, pecuária, indústria e serviços básicos, tais como educação, transporte, colonização, turismo e saúde; e d) estímulos financeiro e fiscal voltados à exploração dos recursos minerais e hídricos (LEAL, 2010).

¹⁷O Plano Nacional de Desenvolvimento I foi instituído durante o governo do general Emílio Garrastazu Médici pela Lei 5.727, promulgada em 4 de novembro de 1971. O principal objetivo do PND I era preparar a infraestrutura necessária para o desenvolvimento do Brasil nas décadas seguintes, com ênfase nos setores de transportes e telecomunicações. Ele previa também investimentos em ciência e tecnologia e a expansão das indústrias naval, siderúrgica e petroquímica. Por turno, o Plano de Desenvolvimento II foi instituído durante o governo do general Ernesto Geisel e no contexto de crise mundial do petróleo. Objetivava estimular a produção de insumos básicos, bens de capital, alimentos e energia.

A seringueira (*hevea brasiliensis*) é nativa da Amazônia, onde a extração da borracha teve dois grandes ciclos. O primeiro atingiu o auge no período de 1880 a 1915. Foi a época dourada, do fausto e das temporadas das grandes companhias europeias. Manaus rivalizava com o Rio de Janeiro em cultura e elegância. O segundo, curto e doloroso, se deu durante a Segunda Grande Guerra, na década de 1940. Nos dois, a floresta foi alimentada por milhares de nordestinos, primeiro fugidos da grande seca de 1877 que atingiu principalmente o Ceará, e depois arregimentados às pressas para produzir a borracha em um atropelado esforço de guerra.

A fase de extração da borracha influenciou também a ocupação de colonos devido à construção da estrada de ferro EFMM – Estrada de Ferro Madeira- Mamoré – de Porto Velho a Guajará-Mirim. A ferrovia se torna responsável pela aparição das primeiras cidades e por um desenvolvimento efêmero ao longo de seu percurso (Coy, 1988). Para a população que chegava, a construção da estrada de ferro é épica devido à duração de cinco décadas e as dificuldades encontradas pelos trabalhadores devido instabilidade da área. Ainda nesse período, as atividades econômicas estavam restringidas ao extrativismo da floresta, principalmente a madeira e a castanha do pará. A agricultura era de subsistência e a pecuária se apresentava pouco desenvolvida.

No início do século XX ocorreram novos impulsos a colonização por causa da criação do estado do Acre e a construção da ligação telegráfica. A Linha Telegráfica foi possível através dos trabalhos de militares; telegrafistas; indígenas e guarda-fios da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, mais conhecida como Comissão Rondon. Essa comissão atravessou amplas regiões, atualmente os estados de Mato Grosso, Rondônia e Amazonas, visando incorporar a área ao restante do país. Os gastos para implementação da Linha e as árduas condições de campo colocaram em prova o projeto, todavia, ele era justificado e de grande importância o país. De acordo com Rondon, o chefe da expedição:

Havemos de gastar algum dinheiro para vencer os embaraços naturais, mas, uma vez modificada a região, estará ela concorrendo grandemente para saldar essas despesas públicas, facilitando aos seus habitantes ensaios e iniciativas mais profícuas através de território mais adaptável à atividade industrial (Rondon, 1907-1910, p. 17).

Essas intervenções permitiram que fossem abertas as portas da frente de expansão para a região amazônica. Ressalta-se a população estava preferencialmente localizada próxima aos cursos d'água e ao longo da ferrovia e linha telegráfica. Calvente (1980) observou que o

objetivo principal nesse período é o aproveitamento dos recursos, tanto naturais quanto humanos, para o fortalecimento da fronteira.

(...) tratava-se de tirar proveito econômico da utilização do espaço brasileiro, associado à disponibilidade de recursos humanos, com a aplicação de recursos do capital já assegurado às novas regiões. Proveito para apoiar a manutenção do crescimento acelerado e para a abertura de novas frentes na conquista de mercados externos (CALVENTE, 1980, p. 10).

Destaca-se que o modelo econômico posto em ação ignorou a diversidade dos inúmeros ecossistemas amazônicos, pois o objetivo era ocupar em grande escala as áreas “desabitadas”. O desenvolvimento das cidades foi acompanhado da destruição da floresta, logo, a história de Rondônia é uma trajetória de perdas e danos na biodiversidade e cultura da Amazônia. A estratégia de ocupação foi lastreada por uma série de incentivos fiscais à agropecuária, reduzindo a produção do látex e a coleta de castanhas, pois estas atividades eram consideradas atrasadas e não ocupavam efetivamente o território (Diegues, 1993).

A desvalorização da borracha no mercado, a partir da década de 1920, promoveu uma apatia econômica, o que conseqüentemente incitou a busca por uma atividade alternativa. Surge, a possibilidade de exploração do minério de cassiterita. Essa fase, segundo Valverde (1979), é determinada economicamente pela extração do minério de cassiterita e significou novos rumos e tendências ao desenvolvimento socioeconômico e organização do espaço.

A atividade minerária exigiu a implementação de uma infraestrutura que viabilizasse a produção, exportação e comercialização do minério. A primeira mina de cassiterita descoberta em Rondônia se localizava no rio Machadinho. A atividade surge como subsídio ao desenvolvimento das populações localizadas próximo aos cursos d'água. Era necessário um grande número de trabalhadores tanto para a extração, quanto para o transporte, devido os instrumentos simples e rudimentares utilizado na retirada e o uso de animais no escoamento da produção. Inicialmente as condições de trabalho eram precárias devido às péssimas condições de extração e de transporte. Torna-se imperativo nessa nova atividade produtiva, melhorar e ampliar o transporte da região.

Os projetos rodoviários foram responsáveis pela dinamização econômica das cidades por causa da maior integração ao circuito econômico interno. Apesar das diferenças de investimentos e abrangência, é possível observar que a construção das rodovias era carregada de aspectos negativos para o meio, porque há uma retirada agressiva da cobertura vegetal e degradação das condições pedológicas. Porém, a melhoria da mobilidade e dos deslocamentos

no estado determinou as novas políticas de transporte e possibilitou o crescimento e surgimento de novos polos urbanos.

Em Rondônia, se destaca a construção da rodovia Cuiabá-Porto Velho, a BR-364. A via é considerada um elemento dinamizador e reestruturador do espaço por determinar novas atividades produtivas e comerciais e intensificar as relações econômicas com as regiões centro-sul e sudeste. A sua inauguração está aliada à necessidade de alocação de produtores excluídos do sul do país e ao relativo insucesso da estratégia transamazônica. Ela direcionou, definitivamente, as forças do Estado para a colonização agrícola de Rondônia (Souza e Pessôa, 2007). A dimensão geopolítica da BR-364 pode ser constatada quando observamos que grandes trechos de sua rota foram construídos obedecendo os caminhos abertos pela Comissão Rondon no início do século XX (Binsztok, *et. al*, 2009).

A abertura da BR-364 e a chegada dos caminhões permitem um enorme crescimento da exploração mineral e também a alteração da forma de exploração. Conseqüentemente, o processo de povoamento é alterado, pois se antes a economia do território era fundamentalmente vegetal, foi modificada para o extrativismo mineral. O estado, até a década de 1980, possuía na mineração, exploração madeireira e pecuária extensiva as suas principais atividades econômicas.

Os habitantes de outras regiões do país consideram a área como uma terra de possibilidades e oportunidades. Era nessas terras que o crescimento iria ocorrer, em vista disso, era necessário abandonar o cenário de incertezas e instabilidade vivenciadas em suas regiões de origem. Todavia, a rápida expansão das áreas ocupadas e o desflorestamento são acompanhados pelas condições de vida precárias dos migrantes, diversos conflitos sociais entre os grupos, a migração “desordenada” e o crescimento sem planejamento das cidades. O migrante que chegou à fronteira de oportunidades se deparou com o acesso limitado à propriedade da terra e a diversos obstáculos para a fixação em função da ausência de amenidades, dos serviços de saúde e educacionais e a falta de assistência dos órgãos competentes.

A ocupação da Amazônia que ocorreu através de projetos de desenvolvimento, a partir dos anos 1950, e de colonização estimulou estudiosos e pesquisadores a se debruçar sobre a noção de fronteira. Há concepções predominantes sobre a fronteira. Uma primeira referente a uma leitura dicotômica- desconhecido-conhecido, novo-velho- e outra que parte do entendimento da fronteira enquanto barreira e obstáculo. A transferência da capital para

Brasília em 1960 passou a incluir com maior prioridade as áreas interiores da região. A área marginal à estrada foi ocupada, revitalizando velhas povoações e provocando o aparecimento de novas vilas e comunidades.

Em 1973, as grandes empresas foram convidadas a “assumir a tarefa de desenvolver” a área amazônica para iniciar a penetração da atividade pecuária. A expansão acaba por desconsiderar processos civilizatórios que não sejam os seus. Na entrada dos anos de 1980, era progressivamente dominante a presença da União nas questões fundiárias da Amazônia. Um domínio que tornava o INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – uma força estratégica na ocupação da área. Os projetos dessa instituição priorizaram o desenvolvimento da pecuária, o aproveitamento das potencialidades hidrelétricas e dos recursos existentes no solo e na floresta.

Há diversos ciclos econômicos que se desenvolveram nesse espaço, tanto passados, quanto recentes. Com destaque para a extração da borracha, uma das primeiras atividades que incentivaram a migração em massa para a região; e a atividade mineraria, que auxiliou a reestruturação da rede rodoviária; e os grandes projetos de colonização e agropecuários que influenciam o crescimento econômico na atualidade. As mudanças na paisagem se referem a reorganizações produtivas, todavia, a forma como as pessoas experienciaram e contribuíram para essas mudanças é o aspecto destacado por essa pesquisa.

No decorrer do século XX as frentes pioneiras representaram um fenômeno comum à formação socioeconômica do espaço rural nos países da América Latina (Coy, 1988). Analisando a ação do Estado na implantação da fronteira agrícola em Rondônia, o autor destaca que a consolidação da BR-364 e os Projetos Integrados de Colonização foram os instrumentos geopolíticos mais importantes para a ocupação da Amazônia Meridional.

O então Território Federal de Rondônia constituiu-se, a partir de 1970, em um verdadeiro laboratório dos projetos militares para a Amazônia. Entre 1970 e 1978 foram instalados sete projetos dirigidos de colonização em Rondônia, com o assentamento de 23.210 famílias de colonos. Juntamente com as famílias instaladas nos projetos do Estado Militar, veio para o estado um imenso fluxo migratório espontâneo (SOUZA E PESSÔA, 2007, p. 5).

No período de ditadura militar temas como desenvolvimento, progresso, modernização, industrialização e urbanização eram centrais nas intervenções e políticas para a Amazônia. A área assume um papel estratégico na condução do modelo de desenvolvimento a ser implementado no país. A Amazônia não é mais vista como a região legendária que aparece nos relatórios dos exploradores e viajantes do período do descobrimento através das

descrições fantásticas dos rios, da flora e da fauna. Os estudos e pesquisas realizados demonstraram amplamente que esta é uma das poucas áreas do mundo ainda abertas à exploração econômica, com enormes recursos naturais (Kelly & London, 1983). A partir de 1950, a região se prepara para grandes transformações. O Plano de Valorização Econômica da Amazônia garante recursos para os projetos da região provenientes de 3% das rendas tributárias da União durante pelo menos 20 anos.

O Sudeste e Sul do Brasil apresentavam no mesmo período constantes conflitos pela posse e uso das terras, se caracterizando como áreas instáveis a partir de uma perspectiva integradora. As migrações para o espaço rondoniense representaram, dessa forma, uma válvula de escape para os grupos marginalizados e expropriados dessas regiões. Os projetos agropecuários financiados pelo Estado autoritário possuíam caráter de um processo contínuo de formação de extensos domínios privados na região amazônica, pois os incentivos e a forma de distribuição de terras favoreciam a produção capitalista.

A região analisada é considerada uma das frentes pioneiras mais dinâmicas da Amazônia brasileira. Durante os últimos anos, o desenvolvimento regional rondoniense era caracterizado por fluxos migratórios contínuos de camponeses “expulsos”, procedentes das regiões rurais do Sul e Sudeste brasileiro. Por outro lado, a colonização pública feita pelo INCRA na base da distribuição de lotes de 50 a 100 hectares constituiu outro fator decisivo para o desenvolvimento rondoniense (COY, 1988, p. 170).

A criação do estado de Rondônia resultou em um rearranjo territorial brasileiro, essencial a garantia de equilíbrio social do país (Teixeira e Fonseca, 1998). O movimento para a nova fronteira agrícola e os intensos fluxos migratórios para Rondônia promove o aparecimento de novas cidades e motiva a abertura de diversas estradas federais e estaduais. Sem dúvida, os projetos de colonização geraram uma migração em massa, espontânea e incontrolável.

As formas de uso do solo privilegiaram os aspectos econômicos e tecnológicos na Amazônia durante as últimas décadas, o que conduz a diferentes formas de apropriação e utilização dos recursos naturais, sobretudo a terra. Os projetos de colonização foram pensados politicamente como alternativas à estrutura da propriedade da terra do país. A distribuição de terras permitiu o aparecimento de novos municípios e foi considerada, por alguns estudiosos, uma reforma agrária.

É o programa de colonização da década de 70 que fez as cidades crescerem como cogumelos e que deu à região o caráter de um faroeste de acirrados conflitos pela terra. Com a colonização, cresceu o mito de que a ascensão social e a propriedade da

terra estão ao alcance de todos os destituídos e desempregados do Brasil, mal consigam chegar à fronteira (MINDLIN, 1985, p. 17).

Segundo o Artigo 5º, do Decreto 59.428, de 27 de outubro de 1966 a política de colonização em Rondônia era definida como “toda atividade oficial ou particular destinada a dar acesso à propriedade da terra e a promover seu aproveitamento econômico, mediante o exercício de atividades agrícolas, pecuárias e agroindustriais, através da divisão em lotes ou parcelas, dimensionados de acordo com as regiões definidas na regulamentação do Estatuto da Terra, ou através das cooperativas de produção nela previstas”.

Os principais objetivos do Estado que pontuam no mesmo Decreto se referem: a exploração da terra sob as formas de propriedade familiar, de empresa rural e de cooperativa; a integração e o progresso econômico-social; a conservação dos recursos naturais; a recuperação social e econômica de determinadas áreas e; a racionalização do trabalho agrícola. A colonização de Rondônia respondia a ocupação de “áreas vazias”, com baixa densidade populacional, por isso, o lema era “terra sem homens para homens sem terra”.

Essas terras foram demarcadas e distribuídas em diferentes tipos de projetos idealizados nas agências dos governos da ditadura militar. Os principais foram: Projeto Integrado de Colonização– PIC; Projeto de Assentamento Dirigido– PAD; Projeto de Assentamento/Projeto de Colonização– PA/PC; Projeto de Assentamento Rápido– PAR; Projeto de Ação Conjunta– PAC; Projeto Especial de Colonização/ Projeto Especial de Assentamento– PEC/PEA; e Núcleo de Colonização– NC (Leal, 2010). No processo de ocupação de Rondônia, foram criados cinco Projetos Integrados de Colonização (PIC), dois Projetos de Assentamento Dirigido (PAD) e diversos Projetos de Assentamento Rápido (PAR) distribuídos por toda extensão do estado.

Os lotes não foram distribuídos à população indiscriminadamente, porque ocorreram seleções dos pretendentes à aquisição e exploração. Grande parte dos seringalistas e pioneiros, por não possuírem título definitivo da propriedade viram boa parte de suas terras invadidas ou desapropriadas pelo INCRA. A forma de repartição de terras condicionou a dois tipos de formações de exploração: os grandes latifúndios pecuaristas e os pequenos agricultores familiares.

O processo de modernização agrária privilegiou o uso agrícola voltado para a exportação, em especial a pecuária. Os usos do solo se encontram cada vez mais dependentes às demandas externas. A expansão da fronteira agrícola se caracteriza por um lado como uma

alternativa ao excedente populacional oriundo da mecanização do campo e “incapacidade” das cidades em absorver e atender a demanda dos novos cidadãos urbanos; e por outro como um projeto de dinamização econômica da Amazônia.

O estabelecimento agrícola em suas diferentes realidades, como uma junção multidisciplinar, envolve todo um contexto agrônomo, sociológico e econômico, e a particularidade evolutiva de cada produtor. A agricultura familiar abrange os pequenos e médios produtores que tendem a se afastar das propostas de modernização produtiva. Afinal “sua existência depende dos meios que tem para gerir três exigências: o apego a seus valores tradicionais, o projeto que ele tem para si próprio e para sua família e as limitações ligadas a seu ambiente imediato -meio natural, condições econômicas, sociais e políticas” (LAMARCHE, 1998, p. 62).

Os PIC's são experiências precursoras do povoamento e colonização. Ocuparam uma faixa de 100 quilômetros de cada lado da BR-364, cortada em lotes de aproximadamente 100 hectares, distribuídos pelo INCRA aos expropriados de outras regiões.

Tabela 1. Caracterização das PICs

Projetos	Ouro Preto	Ji-Paraná	Adolfo Rohl	Paulo Assis Ribeiro	Sidney Girão
Área (há)	512 585	486 137	407 210	293 580	60 000
Nº de famílias	5 000	50 000	3 500	3 500	600
Área de influência	Ouro Preto D'Oeste e Ji-Paraná	Cacoal, Presidente Médici, Rolim de Moura Pimenta Bueno e Espigão do Oeste	Jarú	Colorado D'Oeste	Guajará-Mirim

Fonte: BINSZTOK (2009)

Com o objetivo de fixar os pioneiros foram planejados e executados na década de 1970 cinco PIC's concentrados principalmente no centro do Estado de Rondônia, conforme pode ser visualizado na **Tabela 1**. Em Rondônia esses projetos foram abundantes, sendo o primeiro o PIC Ouro Preto em 1970. Posteriormente, em 1972, foi realizada a demarcação e distribuição pelo INCRA de lotes do PIC Ji-Paraná.

Cacoal se localiza distante cerca de 470 km de Porto Velho está no denominado Centro-Leste de Rondônia. Em 1972, à margem da antiga BR-29 e atual BR-364, perto do barracão de uma antiga fazenda, acamparam um razoável número de pioneiros provenientes de vários pontos do país e eles ficaram aguardando a demarcação e distribuição pelo INCRA de lotes (Binsztok, 2003). Esse foi o primórdio da cidade de Cacoal. A publicidade oficial sob a distribuição de lotes atraiu um notável fluxo de migrantes para as imediações do projeto, incentivando o INCRA a atuar também na distribuição de lotes urbanos.

O povoamento a partir da década de 1970 foi resultado de três processos distintos: (i) a migração espontânea de trabalhadores rurais e de pequenos produtores agrícolas; (ii) a migração dirigida¹⁸ e; (iii) colonização particular ou privada. Enquanto o Brasil crescia nesse período aproximadamente 2,48%, o Estado de Rondônia tinha um crescimento populacional de 16,03 % (IBGE, 1991).

Rondônia foi sacudida pelo mais espetacular movimento humano. O silêncio das florestas foi interrompido. A propaganda do governo tinha dado certo. Mobilizou o país inteiro com comunicação pesada para implantar o maior projeto de reforma agrária: a colonização da Amazônia (COLFERAI, 2009, p. 88).

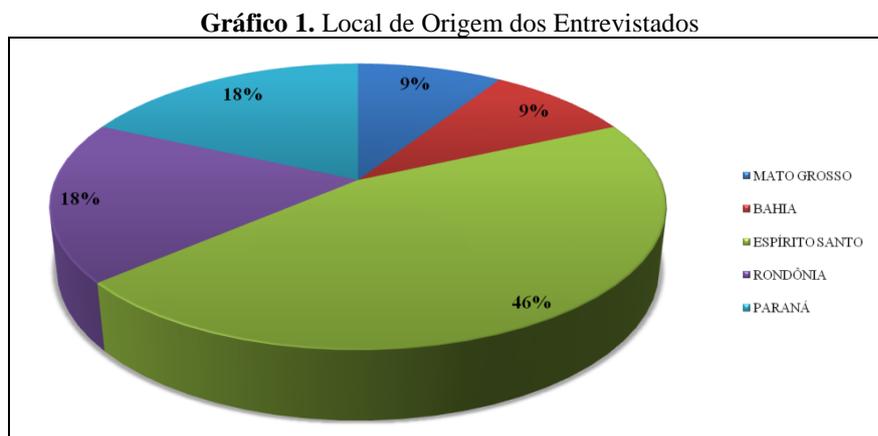
Até 1976 o INCRA havia assentado aproximadamente três mil famílias e a população de Cacoal era de aproximadamente 10 mil habitantes, com diferentes formações, habilidades e aspirações. As transformações socioespaciais ocorridas paulatinamente eliminaram as características iniciais dos PIC's implantados. Devido ao crescimento extraordinário através da propaganda feita pelo Governo Federal para a Colonização da Amazônia, em 11 de outubro de 1977 foi criado o município de Cacoal através da lei nº 6.448, sancionada pelo Presidente Ernesto Geisel (Kemper, 2006).

A ordem territorial, construída no município, não obedeceu a uma lógica empresarial, nem tampouco foi ditada pelos interesses das tradicionais oligarquias rurais. A fronteira neste trecho da BR 364 foi majoritariamente constituída de pequenos comerciantes, camponeses, funcionários públicos, provenientes de vários pontos do país, formando uma comunidade dotada de capacidade inovadora (BINSZTOK, 2003, p. 21).

A migração dirigida ganha destaque e temos na atualidade uma forte concentração de pequenos produtores provenientes em grande parte do Espírito Santo, Paraná, Mato Grosso e Bahia, como pode ser verificado pelas características dos entrevistados apresentadas no

¹⁸ A colonização era dirigida por ser de caráter seletivo, destinada a segmentos específicos de produtores rurais (pequenos, médios ou grandes) e realizada a partir de esforços governamentais.

Gráfico 1. Os grupos que chegavam se dedicaram ao cultivo do café da variedade robusta (conilon) e a uma significativa policultura camponesa. O cacau nativo da região é cultivado por um razoável número de produtores, ressaltando-se, ainda, o aumento dos espaços ocupados pela pecuária de corte e leiteira (Binsztok, 2003).



Fonte: Dados coletados em campo, 2011 e 2013.

A pequena agricultura e o pequeno agricultor possuem a capacidade de transformação. O camponês é uma sobrevivência, mesmo que a história o pinte e posicione como pano de fundo, sombra, ausência, negação e pela exceção. Os estudos sobre os pequenos agricultores permitem que se compreendam as práticas, estruturas e o imaginário sociais. O mundo do campesinato não é pequeno e tampouco exclusivamente agrícola, porque há redes e interações complexas com realidades econômicas, sociais e políticas que transcendem a unidade territorial que os mesmos compõem.

As populações tradicionais passaram a ser consideradas importantes como atores responsáveis pela proteção do ambiente natural no qual estão inseridas devido suas relações de pertencimento e respeito a Terra. Diante do panorama de degradação ambiental e da ausência de alternativas eficazes para a proteção do meio, a valorização dos conhecimentos tradicionais surge como uma alternativa capaz de auxiliar na conservação de áreas naturais remanescentes.

Na concepção mítica das sociedades primitivas e tradicionais existe uma simbiose entre o homem e a natureza, tanto no campo das atividades do fazer, das técnicas e da produção, quanto no campo simbólico. Essa unidade é muito mais evidente nas sociedades indígenas brasileiras, por exemplo, onde o tempo para pescar, caçar e plantar é marcado por mitos ancestrais, pelo aparecimento de constelações estelares no céu, por proibições e interdições. Mas ela também aparece em culturas como a caiçara do litoral sul e ribeirinhos amazonenses, de forma menos clara talvez, mas nem por isso menos importante (DIEGUES, 2008, p. 63).

Essas relações não interferem nas formas e identidades do campesinato, porque ele possui formas próprias que estão fortemente associadas ao trabalho familiar. No mundo rural, os mitos da miséria, do isolamento, do imobilismo e da ignorância dão lugares a revalorização da vida camponesa.

No Brasil, o Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, refere-se ao termo populações tradicionais como povos ou comunidades tradicionais, os quais são definidos pelo Artigo 3 como

Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

Para além das definições legais alguns aspectos são comuns em populações tradicionais: i) ampla ligação com o território habitado; ii) sistemas de produção voltados para a subsistência e iii) caráter econômico pré-capitalista. Anteriormente à organização de comunidades em Rondônia, a população consistia de camponeses dispersos para a exploração da seringa e não havia um reconhecimento dos grupos, mas apenas relações familiares e fracos laços de vizinhança.

A partir da década de 1970, através das ações religiosas articuladas da Igreja Católica e com a criação das Comunidades Eclesiais de Base na Amazônia, foi possível organizar e articular os camponeses. Essas comunidades reuniam a seus fins religiosos, objetivos sociais e políticos em um trabalho de conscientização da população frente às diversidades da região e ideias de preservação e conservação da floresta (Bicalho, 2009).

As associações de agricultores permitiram a inserção dos homens em redes políticas que reivindicam as demandas das comunidades perante a administração política-administrativa municipais e estaduais. Logo, as comunidades passaram gradualmente de organizações locais, surgindo primeiro como resultado da interação entre a população e a Igreja Católica para, depois, se direcionar à formação de capital social (Bicalho, 2009).

Na Amazônia Meridional as principais redes se estabeleceram através das associações, consideradas como a forma mais simples e informal de organização coletiva. O associativismo rural como instrumento de luta dos pequenos produtores promove a permanência na terra, elevação do nível de renda e de participação política dos cidadãos. O associativismo possui um caráter social e é balizado em princípios de confiança e participação

dos seus membros, sendo assim, a adesão é livre e as metas envolvem a aglutinação de pessoas que detenham objetivos comuns e coletivos. Ele garante um processo participativo, porque se mostram como novas formas de agregação social que coexistem com outras categorias, como os sindicatos, e tem a função de socialização. Constituem-se, hoje, como novos canais de participação e de representação de grupos antes oprimidos.

O associativismo na região central de Rondônia se caracteriza pela organização dos pequenos produtores rurais e demonstra formas de agregação social com função de socialização. Elas são uma estratégia dos agricultores para organizar suas atividades rurais e superar enclaves. Nelas os diferentes mantêm os contatos próximos e se realizam as alianças e expressam os conflitos e os problemas da região. A troca de experiências possibilita aos agricultores a exploração do seu potencial. Logo, a associação expressa uma relação dinâmica e em movimento, em busca de uma direção a um lugar melhor através da cooperação. Há um aproveitamento das capacidades, habilidades e competências dos membros da comunidade e divulgação de uma cultura solidária que objetiva a melhoria da vida dos seus participantes.

A atuação das associações permitiu no passado a conquista dos direitos civis, seguidos pelos de serviços e estruturas sociais. Por sua vez, esses direitos se direcionaram para a formação de capital humano. Atualmente, em um mundo cada vez mais globalizado, há limites a seu avanço relacionados aos impasses no acesso a recursos financeiros e dificuldade de integração e inclusão nos processos econômicos nacionais e internacionais. A fragmentação e o fim de diversas associações mostram como as mesmas ainda são frágeis frente as dinâmicas, fluxos e redes do mundo globalizado.

No que tange aos pecuaristas, atualmente eles ocupam extensas áreas de pastagem. Alguns estudiosos afirmam que esse fato é resultado de uma falta de infraestrutura e de suporte técnico do Estado que acabou por pressionar os pequenos agricultores a investir na pecuária leiteira e de corte; inviabilizando aos pequenos a lavoura, e levando, por fim, à falência a pequena propriedade. Todavia, os grandes projetos agropecuários já faziam parte da agenda do Estado no período de planejamento do crescimento econômico da região e grandes extensões de terras foram distribuídas e vendidas aos *agrobusiness* a partir da década de 1960.

O período denominado por Becker (2001) como da Incógnita do 'Heartland', o mais atual, assinala a perspectiva socioambiental para a conquista do crescimento endógeno dos habitantes da Amazônia. Becker (2006) acompanha um novo cenário onde há o recuo das funções do Estado, o aumento dos *agrobusiness*, o advento do trabalho das Organizações Não

Governamentais (ONGs) e a participação de instituições internacionais de cooperação técnico científica na preservação da biodiversidade.

Os conflitos pela terra dos grupos -indígenas, posseiros, ribeirinhos, grileiros e migrantes- forçam a adoção de medidas. Os planos e planejamentos foram alterados devido as grandes correntes migratórias, pois o crescimento proposto pelo Estado ultrapassou os planejamentos e previsões. As estratégias se revelaram incapazes de estruturar o “desenvolvimento para todos” e contribuíram para o aumento das desigualdades e desequilíbrios sociais, econômicos e políticos.

Para os povos tradicionais os diversos ciclos econômicos e a construção de infraestruturas significaram a morte ou declínio acentuado de suas populações. A fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem, quando a alteridade original e mortal dá lugar a alteridade política, quando o outro se torna a parte antagônica do nós. Quando a história passa a ser a nossa história e a história da nossa diversidade e pluralidade somos antropofagicamente nós e o outro que devoramos e nos devorou (Martins, 1996).

Para muitos autores a distribuição de terras que ocorreu no Estado poderia ser considerada uma reforma agrária devido à remarcação e distribuição de terras lotes para os diferentes grupos. SOUZA E PESSÔA, 2007, p.13, enfatizam que segundo os dados da Comissão da Pastoral da Terra, “foram assentadas na década de 1970 e início de 1980, aproximadamente, 25 mil famílias no estado, fato que é ressaltado como uma efetiva reforma agrária”.

Contudo, o que ocorreu foi uma expropriação de diferentes grupos em todo o estado que incentivou lutas, passadas e atuais, pela sobrevivência e reprodução de determinados segmentos da população. O grande número de pessoas em busca por um lote e a demarcação de limites nos mesmos levaram a uma série de conflitos sangrentos. A prioridade do Estado era a distribuição de lotes e posteriormente solução dos conflitos e contestações internas, o que aconteceu em escala mínima quando comparada a demanda existente.

Os chegantes foram abandonados e estigmatizados pela ditadura militar e os indígenas foram massacrados e desconsiderados na história oficial do estado. A iniciativa de dar visibilidade aos povos amazônicos pressupõe considerá-los inseridos em um contexto de mudanças históricas, sujeitos às mesmas dinâmicas que permeiam o sistema socioeconômico e político-cultural do restante do país e do mundo. A contribuição do nativo na ocupação da

Amazônia foi fundamental, sem ela a tarefa de “descobri-la” seria impossível. Contudo, com o passar do tempo, a fragmentação da identidade e descontração ideológica do ser amazônico foi sendo cada vez mais catastrófica.

A pesquisa busca dar voz e desses grupos sobre a Amazônia e a colonização. A partir dos relatos se observa que os povos e populações tribais e tradicionais não esgotaram sua contribuição na construção de novos ordenamentos territoriais e ambientais do país e que não está exaurida a capacidade da fronteira em absorver migrantes na atualidade. Os migrantes trouxeram suas tradições e aqui criaram muitas outras, próprias de uma região onde impera as misturas brasileiras. Diante das condições mais adversas, os homens inventaram e reinventaram formas de sobrevivência e se adaptaram passiva e ativamente às sutilezas complexas do ecossistema.

PARTE III

*Aquilo que é obstáculo para mim, com efeito, não o
será para outro.
Não há obstáculo absoluto, mas o obstáculo revela
seu coeficiente de adversidade através das técnicas
livremente inventadas,
livremente adquiridas; também o revela em função
do valor do fim posicionado pela liberdade.
Esse rochedo não será um obstáculo se almejo, a
qualquer custo, chegar ao alto da montanha.
Irá me desencorajar, ao contrário, se livremente
determinei limites ao meu desejo de fazer a escalada
projetada.
(Jean-Paul Sartre)*

A Amazônia é reconhecida internacionalmente por suas paisagens exuberantes e de natureza intocada. A literatura introduz diferentes formas de identifica-la: "inferno e paraíso verdes", "frágil ecossistema", "paraíso dos aventureiros", "terra dos minerais", "pulmão do mundo" que são, todas, imagens relativas à sua paisagem. O estigma da "região problema" que a acompanha esconde mais que as dificuldades enfrentadas por ela e nela. A imaginação coletiva criou muitas Amazônias devido sua exuberância e imensidão. Esse capítulo foi construído a partir das inquietações: “Qual é a relação entre imagem e realidade?” e “É possível a definição de uma paisagem concreta, fora de determinações imaginárias?” O fascínio sobre a Amazônia provoca ao mesmo tempo temor e curiosidade. As Amazônias oscilam entre metáforas que se alteram, dependendo do contexto e das conveniências de quem as formula. Em comum, essas imagens revelam o fascínio e encantamento sobre sua paisagem, os diferentes olhares que a constituem e estão incorporadas à linguagem que as descrevem. Homem e natureza, conceitos e realidades concretas separados em Descartes¹⁹ e despregadas radicalmente nas Geografias física e humana, são fundidos em uma única peça no quebra-cabeças do mundo. Da mesma forma que a parte anterior, os registros dessa etapa sobre a Amazônia me possibilitaram produzir outro recurso audiovisual intitulado “Paisagens nos e dos homens” disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=0m7S3BVke_A >. Substituindo os sons da guerra, essas imagens são marcadas por uma canção de alegria.

¹⁹ Descartes introduz a questão do sujeito na Filosofia e é o autor da célebre frase "*Cogito, ergo sum*" – Penso, logo sou/existo. Nessa reflexão proponho que por “Cogito” Descartes não designa apenas o pensamento, e sim o experimentar, o recordar, e de algum modo o pensar, o julgar, valorar e desejar. Nessa perspectiva, a racionalidade da percepção abre espaço para o experimentar e o sentir.

Descobrir e se encantar com a Amazônia permite que um novo mundo de possibilidades e de paisagens penetrem a nossa consciência.

3.1. As imagens e paisagens da imaginação e do olhar

A discussão sobre imagens perpassa a ideia de consciência. Nessa pesquisa, a exploração do campo da consciência e dos seus modos de relação com o objeto possuirá como base o princípio da “intencionalidade”, que indica que toda consciência é sempre consciência de alguma coisa. Consciência e objeto não são duas entidades separadas na natureza, mas uma relação sempre em fluxo. Consciência e mundo possuem uma relação, pois “a consciência e o mundo surgem simultaneamente: exterior por essência, o mundo é, relativo a ela” (SARTRE, 1968, p. 29).

Sartre começa a desenvolver os seus estudos acerca da consciência ainda na juventude, antes da publicação da sua ontologia **O Ser e o Nada (1997)**. Busco uma reflexão na pesquisa sobre o tema da consciência em sua obra **A imaginação (1967)**. Toda a situação humana, incluindo o imaginário, é, por essência significativa, ou seja, indica outra coisa além de si mesma. Sartre critica as noções da imagem como sendo uma “coisa”, ou um “conteúdo de consciência” e postula que ela é a própria consciência, em uma de suas formas possíveis de estabelecer relação com o mundo.

Toda consciência, por ser intencionalidade, é posicional do objeto, portanto, é consciência de seu objeto e remete-se a ele de maneira específica. Logo, o que vai diferenciar os tipos de consciência são as formas de se relacionar com os diferentes objetos. A imagem não é uma forma que a consciência tem para transcender. A imagem é um tipo de consciência, por isso, ela não é uma miniatura e possibilita que eu lide com ela como qualquer objeto concreto. Ela designa a relação da consciência com o objeto e possui um conjunto de qualidades sensíveis real. Para que uma consciência possa imaginar é necessário que ela escape ao mundo, adote uma posição de distanciamento em relação a ele, ou seja, precisa ser livre.

A essência da imagem consiste no fato dela ser um fenômeno de quase-observação. É fundamental para a compreensão desse fenômeno entender a relação que a percepção e a imagem têm com o objeto. Tanto uma como a outra são consciências e se relacionam com o objeto, mas não são idênticas a ele.

Um objeto pode ser dado através da percepção, da imaginação ou da concepção. Na percepção ele é dado através da observação, na concepção é um saber completo do objeto como representação conceitual, logo, é um saber consciente de si e não há aprendizado. Por fim, na imaginação, é uma observação que nada aprende, pois, a consciência estabelece relação a um objeto ausente, inexistente ou existente em outra parte.

O retorno as 'coisas mesmas' proposto por Husserl permite que se conceba a consciência não como algo, coisa ou substância, mas que ela esteja em relação com seu objeto. A consciência não é um meio preenchido por conteúdos, mas um ato. Ela não é algo que se apodera das coisas e produz imagens enquanto conteúdo.

Na impossibilidade da percepção do objeto, recorro a três formas para me lembrar dele: representação mental, quando se imagina o objeto sem ter detalhes; a foto, que ajuda com detalhes externos e; a caricatura, que ajuda na lembrança²⁰ das expressões. Não conseguimos perceber o objeto/evento diretamente sempre, pois ele pode não estar diante de nós, por isso, às vezes o percebemos pela lembrança. Nós podemos recordar algo o modificando, ou seja, o que é uma percepção pode se tornar uma imaginação. A imagem é toda forma de visar um objeto ausente que faz uso dessas formas de lembrança ou analogias. A imaginação permite que se torne presente um objeto ausente ou inexistente, por isso, os tempos e espaços da imagem são irrealis.

No que tange o foco da pesquisa são necessários outros fatores como a afetividade, as crenças e o movimento para evocar as imagens da Amazônia, porque como postula Bachelard (1998), o espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue a mensuração e à reflexão geométrica. É um espaço vivido. E vivido não somente em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação.

Algumas imagens da Amazônia reafirmam a ideia da imaginação como alienação. O imaginário torna-se uma forma de fuga do Ser no mundo ou uma forma do homem se alienar da realidade. O imaginário visto como alienação e abstração exige uma imersão mais profunda na situação, visto que, ao negar o real, eu o conservo. Ele permite que se acesse as sensibilidades de outros tempos.

O tamanho da Amazônia engana os nossos sentidos. Imaginamos a floresta como uma imensa dádiva vegetal constantemente ameaçada em sua integridade. Discutimos a quantidade

²⁰ A imagem compreendida como lembrança jamais perderá o estatuto de coisa na consciência, dado que se trata de algo que não se isentou das características do objeto. As lembranças são existências no passado e a ação de ser lembrada não promove nenhuma modificação.

do desmatamento, vemos com espanto a fumaça das queimadas e derrubadas serem registradas pela câmera e satélites e fazemos cálculos de quantas toneladas de gás carbônico a floresta se encarrega de eliminar. O mundo quer que, sozinho, cada homem amazônico cuide da floresta, defenda-a contra a exploração descontrolada do solo, das madeiras, da fauna e das riquezas minerais para preservá-la em benefício de todos os habitantes da Terra.

A imagem da Amazônia sempre esteve relacionada aos mitos identificados com a ideia de Novo Mundo do século XVI. Os viajantes descreviam imagens exóticas e fantásticas que contribuíram para a criação de diversos mitos²¹ sobre a região. As histórias de feras bestiais e povos primitivos reforçam a imagem de selvagem dessa região. As paisagens, nesse período, eram um conjunto de impossibilidades e onde não existe a realidade social. Por isso, não havia lugar para uma sociedade organizada e não existia cultura na região, mas somente povos bárbaros cercados pela beleza natural e intocada.

O belo da paisagem amazônica promove a necessidade da conquista, logo, o belo é associado ao paraíso, mas também à guerra. O paraíso ou inferno verdes são percebidos por diferentes estados afetivos, porque no movimento nós vivenciamos paisagens insípidas, desagradáveis e também empolgantes, misteriosas e surpreendentes. Há um encanto que enfeitiça o olhar. Essas paisagens são de incomparável beleza e de perene abundância, fascinantes e hospitaleiras. Oferecem em proporções paradisíacas o esplendor dos dias suaves, o imprevisível das paisagens deslumbrantes e a paz religiosa das águas e das florestas (Pinheiro, 1937).

As imagens de selvagem, intocada, exótica e exuberante dos viajantes são substituídas pela tríade *vazia, rica e vulnerável* do discurso e planejamento do Estado no período de ditadura militar (1964–1985). Trata-se de um núcleo matricial imaginário que informa os olhares e influenciam as práticas e políticas privadas e públicas sobre a região. Durante o século XX as práticas e história da região foram de rapina, violência, conflitos e luta. Os conflitos que ocorrem na fronteira são intrínsecos à sociedade brasileira e constituem fruto e condição da integração do território. Logo, eles não são típicos de uma fronteira, mas de uma sociedade capitalista.

²¹ O mito conta uma história sagrada e relata um acontecimento ocorrido em um tempo primordial e fabuloso. Narra uma realidade que passou a existir, seja uma realidade total ou apenas um fragmento, logo, é sempre a narrativa de uma criação e fala a verdade, na medida em que confere ao espaço e aos tempos concretos um sentido mais profundo e rico, no contexto da oralidade.

Empreendimento de ninguém, era preciso tomar posse e marcar essa terra que transpirava a necessidade de ser conquistada. A singularidade da paisagem é afirmada por um conjunto de traços que a torna diferente e única: características próprias e marcantes referentes ao fato de ser um dos maiores recursos naturais da terra; a exuberância das espécies vegetais e animais; os rios abundantes e o sol calor intensos.

As imagens de vazio e abandono foram elementos motrizes para as políticas regionais na Amazônia. Num primeiro momento, as imagens de terras livres e férteis, local desabitado e de natureza pujante reforçam a necessidade dessa área ser integrada. Em uma segunda fase, as imagens da região indicam que a Amazônia é o *lócus* da biodiversidade e a maior reserva de água potável do planeta. Para uma região que vem sendo percebida como terra de caça e de conflitos, se fortalece, a partir da década de 1960, a concepção da doutrina de Segurança Nacional. Segurança passa a significar, para o Estado, desenvolvimento.

As políticas e programa de colonização estavam relacionados com a doutrina da Defesa Nacional que percebia a Amazônia como uma região de vazio demográfico. Ideologias militares acentuam a importância estratégica do controle espacial. Os povos da floresta eram desconhecidos e as imagens elaboradas sobre eles exploravam a violência e o grotesco, indicando uma sociedade primitiva e bestial.

Os programas de povoamento se iniciaram depois de dois séculos e meio de “descobrimto” do Brasil através de mecanismos de ocultamento da presença de povos e grupos que já residiam no espaço como os povos tribais, seringueiros e ribeirinhos. A Declaração da Amazônia, assinada por governadores, ministros e empresários, e divulgada em abril de 1967 reitera o estereótipo ditado pelo núcleo imaginário expresso na tríade matricial vazia/ rica/ vulnerável. Essas imagens conduzem os olhares e a ações dirigidos à Terra.

A paisagem amazônica é rica em recursos naturais devido à abundância e diversidade minerais, vegetais e animais; de terras e águas. É vazia desde o ponto de vista demográfico, mas também de capital, de meios de transporte, de veículos de comunicação de massa e de recursos intelectuais. E por fim, é vulnerável, pois não possui defesas contra os inimigos internos e externos.

Terra de possibilidades, a migração para Rondônia permitiu ao homem pensar no progresso e em ser grande. Grande desde a posse de muitos hectares de terra, como nas promessas de sucesso financeiro. Contudo, o modelo de desenvolvimento da região mostrou excludente a determinados grupos.

A terra era ocupada por povos e populações tradicionais que possuíam uma relação com o meio diferente da dinâmica do restante do país. Acredito que esses programas acabaram por povoar a Amazônia através do despovoamento, porque ocorreu um decréscimo da população indígena e tradicional nos dois primeiros séculos da sua ocupação intenso e significativo quando comparado ao volume das migrações.

As imagens criadas pelo Estado visavam justificar as medidas e ações tomadas, pois era necessário criar as condições necessárias ao desenvolvimento do capitalismo. Elas reproduzem e manipulam os saberes e olhares sobre o meio

No final do século XV a Amazônia já havia sido “descoberta” pelos europeus. Desde o século XVI ela se tornou alvo de ações governamentais, da Igreja e da iniciativa privada de navegadores e comerciantes portugueses e espanhóis. Os empreendimentos buscavam extensões territoriais, almas e riquezas. E nos encontros e desencontros entre os indígenas, ribeirinhos e seringueiros e os “de fora” ocorreram diversas trocas culturais que ressaltam o fato de que uma cultura só absorve, assimila e elabora em geral os traços de outras culturas quando acontecem os confrontos entre os opostos e os ajustes dos diferentes modos de vida.

O mundo real, negado, continua como fundo da imagem. O imaginário é coletivo e individual. O Ser que somos depende de nós, mas, ao mesmo tempo, ele nos é dado e nos ocorre a partir dos elementos materiais, antropológicos e sociológicos que nos cercam. Assim, o imaginário social não me pertence, porque pertence também aos outros homens.

A imagem é formada por elementos materiais e afetivos sustentados pela relação histórica do sujeito com o objeto, dessa forma, uma vez imaginado, ele ganha o poder de afetar este sujeito. A consciência imaginante tem seu sentido vinculado ao contexto real em que o homem se encontra, mas ganha contornos próprios, constituindo a significação imaginária, que é uma vivência singular.

As imagens dos homens que chegam são distintas quando comparadas com os residentes. Os chegantes são ambiciosos, alegres, reconhecem o valor do dinheiro, são fortes e têm esperança. Os residentes, por outro lado, são fracos, atrasados, roídos pelas febres e tímidos. Os projetos coletivos se realizam parcialmente no mundo vivido, porque não consideram as particularidades da experiência. O homem amazônico não é o chegante e tampouco o indígena, mas é fruto da confluência de ambos que inauguram formas de organização, apropriação e uso do espaço singulares.

O norte tem poder, tem força, tem filhos
guerreiros e filhos altruístas!

(...)
O norte precisa ser brasileiro!
Unamo-nos.
A união faz a Força!
A Força faz a Vontade!
A vontade é o predomínio!²²
(Abguar Bastos, À geração que surge!)

A proposta de integrar a Amazônia ao restante do Brasil revela não só uma perspectiva geopoliticamente equivocada, mas, sobretudo, um afastamento do respeito e valorização da diversidade étnica e cultural do território brasileiro. Povos e populações tradicionais e tribais foram atingindo de surpresa pela mudança de distribuição de terras. Para os indígenas, a imagem do selvagem havia destituído-os da condição de sujeito. Os seringueiros foram expulsos de suas terras para compor uma nova corrente de migrantes e; os ribeirinhos perderam seu lugar para os projetos energéticos. Logo, o povoamento, despovoou.

A tríade vazia/ rica/ vulnerável produz imagens da imaginação e é constitutiva de um discurso que busca estabelecer poderes. Por ela são instituídas condições ao surgimento e a sedimentação de significados e sentidos que não são próprios das populações que residem na região. Ao olhar a região como paisagem nos delicias com o belo. Contudo, o olhar não deve ser ingênuo e deixar de considerar os conflitos que estão marcados na terra.

Os confrontos entre os povos e populações tradicionais e os chegantes são marcados por morte, escravidão ou assimilação forçada. Nas minhas conversas com os indígenas alguns casos dos primeiros contatos com os brancos são lembrados e nos ajudam a construir as imagens produzidas pelo olhar. Waledwadethob Suruí ou Tarciane relatou os problemas dos primeiros contatos com os brancos e suas consequências trágicas.

Minha avó contou que os branco matou a mãe dela enforcada em uma árvore aqui. Aqui mesmo. E eles queimaram o corpo dela. E o pai foi morto com um cachorro (silêncio) O cachorro comeu o corpo dele. O cachorro de um branco. E o meu pai fala que assim que eles andava de a pé longe. De Espigão até aqui... Tem até a história de índio que foi morto com veneno de branco que caiu de um avião também. Outra história é de quando os branco com branco plantou um cara ruim. E aí nosso avó tava com fome e foi todo mundo pega esses cará e quando os branco viu foi lá e atirou em todo mundo. E acertou na minha avó, mas ela não morreu. E ela não morreu porque ela tinha colocado um remédio no mato no corpo dela e só por isso que ela não morreu.

A fronteira é um cenário de conflito de humanidades. Na fronteira o Outro é degradado para viabilizar a existência de quem o domina, subjuga e explora. Para os indígenas e demais povos tradicionais as imagens que são associadas a colonização são de

²² Retirado da revista Belém Nova, nº 5, 10 de novembro de 1923, p. 6.

“genocídio”, “extermínio” e escravidão”. A violência se refere ao estabelecimento de ordem e controle sociais e é um processo que atinge dimensões psicológicas, morais e físicas.

Oyener Suruí o homem sincero, filho de um cacique da aldeia da Linha 14 foi um dos indígenas entrevistados. Adolescente da tribo indígena Suruí Paiter, sua fala calma mostra as contradições existentes entre a vida dos chegantes e a dos indígenas. Após a violência e mortes dos primeiros contatos entre indígenas e brancos e índios de diferentes etnias, o cenário de instabilidade persiste nos tempos atuais. As relações entre os grupos estão cada vez mais distantes e o que, por sua vez, deixam as tribos vulneráveis. Há uma constante espera e inquietação mudanças e de tempos melhores. E mesmo nesse contexto instável, a identidade indígena é sempre refletida e valorizada.

A gente hoje... nós na nossa aldeia lá é separado. Hoje cada aldeia hoje é separado vocês sabe disso né? Tem a nossa aldeia e tem mais outras aldeia também né? Aí na nossa aldeia é, como o professor tava falando, a gente somos né... o pessoal da UNB trabaia com a gente agora né. Não sei se a gente é... o pessoal fala né... que a gente vai indo né? A gente tá indo né. Agora se a gente quiser vai mudar ainda. (silêncio) Ser índio para mim é viver aqui na nossa aldeia assim. Viver livre! Como uma pessoa que um... como que eu posso falar.. que uma pessoa que tem eeeeé de fazer uma coisa assim para o povo. De lutar assim por eles! Ser índio, o pai sempre fala pra mim, é mostrar o que a gente é! Porque hoje né que a gente conheceu os branco a gente não é mais índio. As pessoas falam né? Agora a gente é índio porque o nosso antepassado foi índio. E hoje eles mostra... (silêncio) até hoje eles faz o teatro que... a gente faz um teatro com o pessoal de São Paulo né entende né? As histórias que o meu povo viveu e aconteceram né. Ser índio pra nós é mostrar quem a gente somos de verdade. Não é teatro não né? entende? Hoje a gente mexe com café, banana e gado também. No contato com os branco, muita da gente nossa morreram por causa da febre e de malária e muitas outras doenças lá. Aí foi... o pessoal morava ali lá em Espigão aí os fazendeiros lá quereram expulsar eles. Mataram né... E aí (silêncio) Eles foram ainda mais para o Mato Grosso lá...Aí... os antepassados deles e todo mundo morreu. Aí só sobrou o pessoal o pessoal de cabeça seca, que eles fala que são outro índio que não é... que não teve contato com os branco. Aí teve conflito também com eles... Esse Zoró mesmo teve conflito com a gente também. E morreram muitos! E sobrou o meu pai e três irmão dele. E aí com esses três irmãos éééé... foi eles que abriram a nossa aldeia lá né. E deles veio gerações e gerações. Por isso que só os nosso parente é que é muito lá. Aí foi isso que formou a nossa aldeia. Muitos discrimina nós né. Eles fala que o branco não gosta deles né. Eles fala que eles veio da mata né... para morar na cidade. E eles fala que não é nosso lugar lá né. Só os branco que podia ser mais do que eles né. Eles sempre fala isso para eles. Aqui os nossos vizinho aqui fala muito isso... Hoje com os moradó mais perto é mais tranquilo né. No passado houve problema aqui né. A gente né... até eles acostumá assim com a gente né? Aí acabou esses problema. No passado teve. Os fazendeiro aqui eles não gostava de índio né, porque se ele vê índio ele já queria matá! Por isso não dava assim, os índio não andava fora da aldeia. Eles já queria matá. Agora a gente pode andar aqui.

Na situação de conflito normalmente o Nós está dilacerado, bloqueado e inviabilizado. Contudo, ao conversar com os indígenas o Nós é sempre presente. Nos relatos, são contadas histórias que não são protagonizadas pelos seus oradores e tampouco pertencem a seu tempo.

Porém, a ideia de comunidade e solidariedade é enraizada nos discursos através do NÓS. Os sofrimentos dos antepassados são também considerados como seus, revelando que a luta antiga ainda é atual e presente no cotidiano da aldeia. O avanço da fronteira agrícola sobre indígenas não é somente o do contato com os civilizados, os homens brancos, mais também dos rearranjos espaciais dos territórios e das relações com outras tribos, sobretudo as inimigas.

Os olhos dos colonizadores procuravam a confirmação do que “já se sabia” sobre a paisagem e os indígenas. As imagens da tríade criaram uma forma de perceber o mundo dos chegantes, porque foi criada uma diversas crenças e saberes sobre o desconhecido. A Amazônia era atrasada e desorganizada, portanto é necessário tomar posse dos seus recursos e conquistá-la. Essas são as terras de caça. A ordem promoverá o progresso!

O novo ou diferente foi definido, classificado e enquadrado a partir da imaginação. Imagens de medo sobre o desconhecido são os relatos mais comuns dos colonos. Histórias fantasiosas são criadas sobre o Outro. O indígena é descrito pelas imagens do “selvagem” ou do “gentio hostil”. Contudo, no movimento sobre a terra o Outro se apresenta e surpreende.

Isso daqui era pura mata. Depois o INCRA entrou e virou essas coisa tudo. Tinha uma briga danada! Foi uma briga danada aqui para as melhorança. Eles cortava terra e... e vendia. Eles que comandava nós aí. Eles entrava e fazia as picada e vendia trem barato! Não era... não era um preço de... era barato que vendia. Baratim! Tinha muita coisa começado já daí essa foi essa briga. Aqui tem lote de cem alqueire e tem de cinquenta e tem de cinco e tem de dez de todo tipo. Tem de todo tipo. E lá não! Do INCRA era quarenta e dois alqueire só. Foi feia coisa! Aí o povo correu para o mato! Muita gente apanhou! Judiaram do povo aí. Só a federal com os branco! E deixaram do jeito que a coisa está hoje e não entrou mais ninguém. Tem índio pelado lá, foi só isso que o povo que vendeu as terra falou. Nós pergutamos, olha eles não são brabo e não atacam as pessoas? E eles disseram tem que respeitar eles também. Agora se mexer, ninguém mexe com índio não. Eles são respeitado. Eles também não mexem com as outras pessoas. Quando nós viemos eles já estava aqui. Eles já estavam aqui e isso já tem muitos anos! Isso não é desde ontem e hoje não. Isso já tem muito tempo que eles estão aqui. Já tem anos! Era deferente das pessoas e era tudo pelado! Andava tudo deferente. Pelado ali! (risos) Eles tinha os barraco deles e vinha para o Espigão e o pessoal dava as coisa para eles comê lá. Eles gostava de chinês (cará) e essas coisas nhome. Dava as coisas para eles, eles pegava e ia embora para casa, iam pro mato outra veiz. Naquele tempo premero eles gostava muito de rede senão eles tinha que dormir no estaleiro de folha de parmeira. Quando nós chegemo se eles visse uma rede aí eles passava a mão e levava. Eles tinham umas coisas diferentes (silêncio) Uma flecha! Uma beleza! (risos) Já peguei já. Só não tenho aqui em casa. Aquelas flechas deles, os arcos e as flechas eram comprido, grande assim! Ele é feito de coqueiro, um coqueiro preto. Ele é trabaiado assim, ele é tirado assim a madeira e daí no meio eles deixa um... um punho assim mais grosso para poder pegar ali né. E aí eles faz corda, não sei se de imbirá ou de que eles fazem a corda e aí eles enverga aquele arco assim, enverga e amarra ali oh a corda assim. O índio me conto. Eu tinha um armigo na aldeia. E eles atira com aquilo! Eu já vi! Eles atira... mas e eu não sei como! Eles atira para cima, mira lá em cima e cai certim lá onde eles qué que cai de volta lá. Cai! Eles não vai cair lá trás não, do jeito que nós atira pra cima e cai lá trás. Não! Desce direitim lá aonde que ele tá. Ele tava mostrando, nós tava, nem sei mais aonde que nós tava mas ele mostrou isso aí. Era dento da mata. Eu não fiquei com medo, eu pensei, não ele falou que vai cair aqui,

então... Nós ficou olhando e tinha confiança, ele mirou lá em cima, e nós ficou quietim esperando lá e veio direitim! E ele para atirar em um bicho assim não erra não! Se tiver um bicho lá ele atira no seguro. Não erra fácil não. Antigamente eles não tinham espingarda, era a arma deles para caçar porcão. Eles faiz aquelas frecha e elas tem uma ponta de, de madeira de coqueiro muito dura também. Aquilo entra na... na carne e fica ali e trava. Para andar com eles no mato para caçar madeira... eles vai na frente e some. Andei muito com eles na mata. Eles ajudo demais o povo aqui. Para conhecer a mata e essas coisas sabe? Se se não andar... correr atrás deles ocê não... Eu não acompanhei, eu não andei rápido... Eles some! Na hora de escolher eles mostrava: “Esse aqui, esse aqui.” Ele mostra lá. Eles fala: “Oh aqui ocê entra e isso aqui é meu o que ocê achá aqui dentro tira.” Porque cada um tem a divisa deles lá no mato. Cada um tem o pedaço deles assim. Eles fala “Ali é meu isso daqui é dele. Aqui você pode tirar.” Para andar com índio no mato é defícil. Ele é ligeiro, é igual a um gato dentro do mato. Para você acompanhar ele, ele é defícil. Se engascaia em um cipó aqui e vai ali e caí aqui. E ele não ele... ele dá uns mergulho assim. E quietim! Para ele caçar um bicho ocê não escuta ele pisar em nada, na folha!(risos) Ele vai e cerca aquele ali e vai caladim e ocê não escuta ele pisar ou quebrar um gaio. É bonito demais! Eles conhece muito a mata porque ele é criado ali. E ajudo muito porque o povo não conhecia nada. E ele para pegar um bicho ele é igual a onça para matar um porco. (silêncio) E as flechada que ele dá ele não erra não! Ele não erra flechada não. Flechada ele dá para cima a flecha vai e vira lá em cima e cai direitinho lá aonde ele tá. Ele não precisa sair três ou quatro metro fora não. Ele pega... ele fica no lugar atira para cima e ela cai no onde ele quer. Caí no pé dele! Eu fiquei olhando e pensando: O que que é isso? (risos).

O senhor Ervino Binow relatou alguns aspectos vividos por sua família na colonização, como a aquisição de terras e os conflitos pela posse. Com origem no Espírito Santo, a oportunidade de adquirir seu lote significou para esse agricultor familiar o rompimento da dependência das diárias e trabalhos sazonais. Ele relatou grande surpresa com o ambiente e possuiu estreito contato com os povos indígenas. O contato com os indígenas se deu na floresta e nos caminhos pela Amazônia. E nas correrias para acompanhar os novos amigos o agricultor familiar descobria mais sobre a cultura indígena e sobre a própria floresta. Há o espanto e a admiração frente aos saberes e manejos dos índios e a afirmação de como eles foram importantes para auxiliar os agricultores que chegavam ao estado. O medo é substituído pelo encanto e admiração. Depois dos primeiros contatos é estabelecida uma relação de confiança que permanece nos dias atuais.

Os medos começam a desaparecer e surge a curiosidade. Nesses encontros e trocas o que é estranho começa a ser familiar. Torna-se evidente que os silêncios e isolamentos dos povos da floresta são irrealis. Os povos da Amazônia não vivem isolados no tempo e no espaço, pelo contrário, sempre estabeleceram e estabelecem troca materiais e imateriais entre si, com as comunidades vizinhas, entre o rural, o urbano e a vida em escala global.

Para os migrantes que chegavam a região representava a oportunidade de crescimento e liberdade, dessa forma, era necessário limpá-la para produzir. Flagelados, famintos, doentes

e desesperados, os chegantes se lançaram no inferno verde da Amazônia, que desconheciam totalmente, numa migração dolorosa. O processo foi um verdadeiro êxodo, forçado pela fome e pela sede da riqueza amazônica. A terra representava a liberdade e a possibilidade de independência – seja financeira ou da escravidão do trabalho do Sul, Nordeste e Sudeste.

A área que aparentava ser de uma exploração rápida segundo as propagandas no Estado, não era tão facilmente dominada. Os conflitos entre os grupos e as dificuldades encontradas para os manejos e uso do solo demonstram que a violência e a força não eram as medidas que promoveriam os resultados esperados. Somente a troca de saberes e práticas entre os diferentes permite que melhor se conheça as dinâmicas e tempos da terra, como enfatizou o senhor Ervino em seu relato.

Entre os chegantes, predominava a ideia de que se podia errar nas formas de uso, porque havia terra suficiente para novas tentativas. A abundância de terras permitia os grandes desmatamentos. A forma de ocupação enfatizada pelos órgãos responsáveis retira o foco de uma razão instrumental e vê como objetivo principal a apropriação rápida do espaço.

Nos anos de 1960 eram os homens que vinham, com seus machados, abrir as clareiras. Um hectare podia ser aberto por oito homens em seis dias. Depois vieram as serras elétricas e um homem passou a cortar um hectare em dois dias. Atualmente, uma grossa cadeia afiada é puxada por dois tratores e desmata 40 hectares por dia (Kelly & London, 1983).

As gentes que a povoam talha-se-lhe pela brabeza. Não a cultivam, aformoseando-a: domam-na. O cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo sem o saberem, uma das maiores empresas destes tempos. (...) O recém-vindo do Sul chega em pleno desdobrar-se daquela azáfama tumultuária, e, de ordinário, sucumbe. Assombram-no, do mesmo lance, a face desconhecida da paisagem e o quadro daquela sociedade de cablocos titânicos que ali estão construindo um território. Sente-se deslocado no espaço e no tempo; já não fora da pátria, senão arredo da cultura humana, extraviado num recanto da floresta e num desvão obscurecido da história (CUNHA, 1996, p. 233).

A exploração desenfreada da floresta começa a cobrar seu preço. Entre silêncios que representam as lágrimas a memória resgata um fato marcante da vida na floresta do Senhor Luis. A terra é viva! E as derrubadas são perigosas. Ela tem sons que indicam sua força e movimento. Por mais que os homens a tratem como um pau para um fim econômico, as árvores possuem uma vida que segue seus caminhos próprios. E de alguma forma, os atingidos que perdem a vida na derrubada da floresta se unem e passam a ser esse chão.

Tinha muito pau memo. No meu caso eu pegava um tanto dessa seringa e ia só picando eles. Só picando assim, eu pegava o motó e ia cortando sem derrubá nenhum. Aí eu vinha aqui e achava um pauzão grosso e jogava em cima e um ia levando o outro para cair tudo. E as vezes tinha hora que você cortava um pau aqui e

tinha um cipó lá que puxava um galho laaaa de trás, entendeu? E aí você tinha que dá teu jeito. Pra sair de fora e para aquilo não cair em cima. E nisso eu matei um filho meu (silêncio). Bom eu digo que matei assim... (silêncio). A Lena estava gestante de sete meises e ela que era a minha melosa. Melosa era aquela que levava gasolina, machado, óleo para abastecer o moto. E aí eu peguei deiz alqueire lá em baixo na beira do rio São Pedro, descendo aqui. Com um cunhado meu. No último dia que tava para acabá aí eu fui de tarde e piquei um monte de pau. Só que não derrubei sabe? Piquei aquilo... De um lado eu fui passando e cortando... E eu cortava para cá e ia para de lá. Porque se eu fosse para cá e ele caísse eles iam empurrá para cima de mim. Eu tinha que pegá de lá para cá e vir saindo. Picando tudo e saí para lá. Porque se viesse para cá as árvore pegava e ficava com nós na terra. Entendeu né? Para não correr risco né. O risco que tinha era assim: na hora que ocê picava e os cipó em cima que levava tudo os pau e pegava os outros e vinha tudo junto. Como um grupão de gente (risos) E aí eles vinha para pegá e quebrá a gente. Aí um dia eu fiz uma picassona e quando foi de noite deu um vento (silêncio) que derrubó quase tudo. Mas ficou uns pau lá e eu tava acabando! O último tanque já do motossera. Já acabando já a derrubada (silêncio). E aí acabou o pretóleo e eu disse “Lena vem cá! Traz o pretóleo”. E a Lena trouxe. Eu abasteci o moto. E aí aqueles pau que tava picado, eu achei que não tava não. E eu tinha derrubado uma figueira, grandona, um montão de pau... e aí quando eu tava derrubando (silêncio). E ela lá no meio da derrubada sentada na paineira. E ela já tava levantando e arrumando pra saí já, que já tava acabando memo. E ela me falou “vou por cima da paineira!” E eu disse “vai!” (silêncio). E aí ela subiu e deu um vento. E aqueles pau virou pro lado dela. Aqueles que eu tinha picado e eu achei que não tinha picado. Diz ela que quando ela ia em cima assim ela viu que fechou o sol. E começou aquele estalo e ela olho aí ela viu que tampó o sol. E os pau veio puxando. (silêncio) E ela ficou em cima da paineira. Paineira que já estava deitada e ela escorregó. E caiu (silêncio). E aquele monte de pau quase morto veio vivo em cima. Ela caiu dentro de um buraco. Parece que foi por Deus! (silêncio) Um buraco que cobriu ela. Um giracatiati... um pau que tinha aprofecido e ficava aquele buracão no chão. (silêncio) E ela caiu dentro e veio aqueles pau e vruuuu em cima. E tampo... tudo... E eu continuei derrubando. Nem percebi! Daí a pouco veio na cabeça: e a Lena? E aí eu vi que o pau tinha caído né? E eu “LENA!” “LENA!” (fala alta) E aí eu fiquei né. Matei minha muié (silêncio). E aí eu larguei aquele motó e fui correndo. Pra aquele lado que os pau tinha caído. E eu “LENA!” “LENA!” (fala alta) E ela: “Oi”. (silêncio) E ela lá dentro do buraco tampada de pau. Assim... aquelas gaiada sabe? Diz ela assim, diz ela que acha que foi quando os gaió veio naquele ventão. Disse ela que acabou o fôlego dela. E veio tomando o ar todo porque veio fazendo vruuuuuuuu (imitando o som do vento). E veio tudo em cima e de uma vez. Diz ela que puxava um fôlego assim e não vinha. E ela achou que tinha morrido. Mas aí ela viu eu gritá e pensou morri não! (risos) Aí ela gritou vem vê onde é que eu tô! E eu tive que ia lá de baixo e buscá o motossera e cortá para tirá ela de lá. Poqué ela tava tampada... em cima do buraco. (silêncio). Aí eu falei vamô embora (fala com raiva). “E ela não! não! vai acabá primero!” E eu “não! vamo embora!” Pra cê vê estou o galão de gasolina, os pau quebro, quebró o cabo do machado que tava com ele. Não morreu por Deus memo! Né? Porque não era dia que nem fala. (silêncio) E eu disse amanhã eu venho acabá. No otro dia o nenê não mexeu mais (silêncio). Tava para sete, oito meise. E ela não ficava porque tinha medo de eu ir sozinho e acontecer alguma coisa e eu morrer para lá e ela não vê. (risos) Aí... o nenê não mexeu não... mais depois do dia do pau. Acho que o susto foi tão grande e aquele ventão em cima. E eu: “mas Lena será?” (silêncio) E então nos fomos para Cacoal. Chegamó no médico... o médico examinó e falou tá morto (silêncio). Ficó... parece que doze dia sem... na barriga morto. E aí remédio. E ela ficou internada né? Mandaram buscá remédio em Porto Velho para aplicar nela pra... pra abortá (silêncio). E eles deram o remédio e ela sentiu muita dó e apagó. Quando ela acordó tinha quatro médico em volta e duas enfermeira abanando. E ela falou que não aguentava mais a dó e levantou e teve o filho no chão memo. Morto né? Já tava morto (silêncio). Eu falo com ela que nós temo muita coisa ainda para fazé para os outro, porque o tanto que a gente já sofreu! (risos) Mais assim, mas

assim... eu fico sentido. Porque eu achei que não tinha cortado aqueles pau. Mas tava cortado. Mas é difícil... Eu fui mexe na terra e aí acabo ela cobrando eu...

Ao realizar os trabalhos de campo e ao som de muitas risadas e lágrimas, me surpreendi com uma nova Amazônia, oriunda das experiências e do olhar sobre a paisagem dos homens e mulheres da colonização. Nas conversas, acompanhadas de um café ou suco de cupuaçu, os entrevistados revelavam seus primeiros anos de trabalho árduo, suas surpresas e dificuldades de adaptação com a terra. Inicialmente essas conversas apresentavam histórias e casos carregados de sentimentos de medo e dúvidas sobre a nova realidade que se apresentava. As angústias eram oriundas principalmente da ausência de informações sobre a área e dos mitos e histórias fantasiosas sobre povos canibais, doenças e animais pré-históricos espalhados por alguns vizinhos sobre os indígenas e a floresta.

Ao alongar as conversas observei que os primeiros contatos com a fauna, flora e as comunidades significou para os chegantes uma transformação acerca da percepção sobre a Amazônia. Essa região não era vazia e tampouco selvagem. Ela era ocupada por homens, segundo a descrição dos entrevistados, que usavam poucas roupas, tinham a pele lisa e os cabelos pretos e brilhantes; homens que moravam perto demais dos rios, mas que tinham o controle sobre as águas e homens que retiravam da árvore um leite que os tornava uma réplica do fazendeiro de gado do sul.

As paisagens desmatadas passam a ser questionadas a partir do crescimento do movimento ambiental. A Amazônia passa a ser vista, em grande parte, como área a ser preservada na medida em que ela é o capital de produção do futuro. Os projetos preservacionistas e conservacionistas possuem duas linhas: por um lado temos os de legítima consciência ecológica, que visam preservar o mundo natural como estoque de vida, e de outro os de geopolítica ecológica, que visam preservá-la como reserva de valor. Esses projetos buscam associar a conservação da natureza com os conhecimentos tradicionais e manejo dos recursos naturais, propiciando o reavivamento do sentimento de pertencer a um ecossistema.

As pessoas, atualmente, imaginam a Amazônia como um emaranhado de florestas e rios intocados. O mundo precisa dela para respirar! Os rios são um presente de São Pedro e a água vai valer mais do que petróleo. Vamos usar, mas também vamos salvar a floresta! A área desempenha um papel importante na dinâmica físico-natural mundial, porque é a maior área florestal contínua do planeta que incansavelmente tem o trabalho de retirar o gás carbônico da atmosfera. A floresta passa a possuir a imagem de pulmão do mundo. Discursos

ambientalistas e ecológicos²³ retratam uma realidade mascarada de uma identidade regional que não considera os muitos grupos que habitam o espaço.

As discussões atuais sobre a Amazônia são balizadas nas noções de desenvolvimento sustentável. As manifestações pacifistas e ambientalistas dos anos 1960 contribuíram para incorporar ao sentido de desenvolvimento econômico a ideia de limpo e não degradante das condições naturais. Observamos que nos projetos há uma imperativa necessidade de controlar o avanço sobre a Amazônia e a sua devastação.

As imagens, nessa fase, são associadas à uma natureza pura e intocada, e os homens, são esquecidos ou possuem a função de “guardiões ou protetores da floresta”. As principais imagens buscam exaltar a grandiosidade e monumentalidade da biodiversidade da floresta. Gigante pela própria natureza, é bela, é forte, e o teu futuro espelha essa grandeza! A sua beleza e grandiosidade precisam ser preservadas! Amada e idolatrada por diversos países. Salve, salve, essa terra!

A tríade anterior, rica/ vazia/ vulnerável é substituída por novas imagens construídas a partir das características físico-naturais do espaço. Os povos antes excluídos, agora são protagonistas e passam a ser uma referência de integração para a área. Todavia, essas noções também guardam em si a repressão, o controle e a vigilância, porque a natureza e os povos precisam ser catalogados, de registros e de fichamentos²⁴.

As novas imagens para a Amazônia ainda consideram a fronteira como e entre-lugar, ou seja, o local da separação e fragmentação dos homens. A fronteira é o ponto limite de territórios que se redefinem continuamente. Dentre as muitas disputas que a caracterizam, a definição da fronteira como a linha que separa a cultura da natureza, o homem do animal, de quem é humano e o que não é (Martins, 2013).

Os discursos civilizatórios pelo trabalho são frequentes também na atualidade, porque é necessário trazer o progresso para esse espaço atrasado. Diversos projetos possuem a missão

²³ Esses discursos são pautados na noção de uso e manejo sustentáveis. A lei define manejo sustentável como a administração da floresta para a obtenção de benefícios econômicos e sociais, respeitando-se os mecanismos de sustentação do ecossistema, incluindo múltiplos produtos e subprodutos não madeireiros, bem como a utilização de outros bens e serviços naturais. Não irei discorrer sobre os limites e avanços das leis e movimento ambientais na pesquisa, visto que não é o objetivo. Contudo ressalto que algumas propostas e medidas desconsideram a diversidade dos povos e sua relação íntima com a Terra.

²⁴ Alguns trabalhos objetivavam somente a documentação e registro dos modos de vida da região, dos hábitos, da cultura e da sociedade a fim de “descobrir” esse cantinho do país. Uma produção cinematográfica que destoava do comum é a de Silvino dos Santos que divulgou as belezas e as especiarias provenientes da floresta a um público desconhecedor e potencialmente consumidor valorizando e não apenas catalogando os homens da floresta.

de catequizar e civilizar os povos tribais e tradicionais buscando superar o perfil de vagabundo e vadio dos indígenas criado por outros grupos. Alfabetizados e doutrinados os índios passam, a saber, se defender da exploração, protegem a floresta e cuidam da vida espiritual. Costumes, hábitos, memórias e tradições nesse processo foram modificados visando concretizar a imagem de região moderna e civilizada segundo padrões de grupos externos a realidade amazônica. Nesse processo, há tribos que questionam as normas e crenças do homem branco, como coloca em seu relato o índio Oyener Suruí, e a necessidade de busca constante para fortalecer a identidade indígena.

Nenhum dos jovens vai lá [igreja]. Tiraram a nossa cultura lá. Por isso que o pai não concorda né. O pai também era evangélico, mas... (silêncio) Agora ele viu que essa igreja... porque eles sempre fala: nós quando a gente crê em um Deus que criou o céu e a terra e fez tudo que nele há. Ele sempre fala agora os outro pessoal vem falar que não pode usar e não pode fazer nossas coisas. Ele acha errado... não é que ele acha errado, mas ele tá com medo de tirar a cultura dele e ir para outra cultura como branco. Mas nós assim né, não somos branco. Por isso que ele e nós tem medo disso...

Muitos estereótipos foram criados para os povos e populações tradicionais e tribais da Amazônia. Atualmente, porém, há uma revisão para que se ultrapasse o imobilismo social e conservadorismo romântico sobre seus homens²⁵. Definidos, por muito tempo, como ingênuos e passivos, atualmente eles mostram sua força.

Magarawar Suruí, a mulher que faz colar e cuida das coisas que ela mesmo faz, ou Katiane, nas conversas enfatizou como é bom ser índia. A identidade indígena é valorizada nos ensinamentos dos pais para os filhos. Na transmissão do saber são lembrados os casos passados e evidenciados os aspectos que fortalecem a sua identidade e seu povo.

As coisas que vocês fazem pra mim é mais deferente. Eu gosto de ser mais índia por causa que eu vejo... eu vejo muitas pessoas e eu tinha umas amigas que diziam que ter 19 ou 20 anos já é ser maior de idade. Aí os pais iam e diziam para elas que elas eram independentes. Mas na nossa... a gente só não vai depender mais dos pais quando for construir a nossa família. A gente só casa quando tiver alguém para casá. A gente mora com os pais... e as coisas que a gente faz e os só os pais é que dizem que é errado ou certo. Eu gosto mais. Eu tenho orgulho de fabricar algumas coisas. E o conselho da minha mãe é deferente também. As coisas que os não índio faz não é melhor. A gente tem que dar valor ao que a gente fabrica e ao que a gente tem. O que a gente tem dentro do nosso coração é o respeito pelo próximo. Para que a gente mesmo seja respeitado pelo outro próximo. O conselho que a minha mãe sempre diz é que a gente sempre tem que respeitar o próximo! Mas das outras pessoas eu sempre ouço um conselho diferente... (silêncio) As minhas outras irmãs por parte de tia sempre dizem que a gente tem que fazer com as pessoas o que elas fazem com a gente. Mas não é verdade! Se a gente... se o outro fizer alguma coisa conosco, a

²⁵ Há uma diferenciação entre colonos e povos e populações tradicionais em grande parte da literatura sobre o tema. Reconheço suas especificidades, mas há uma aproximação existente entre os grupos no cotidiano balizadas na cooperação, divisão, coletividade e simplicidade.

gente tem que perdoar. E a gente deixa para lá, a gente não pode fazer o que o outro fez com a gente. Por isso eu gosto de ser índia... é melhor morar na aldeia do que na cidade. A aldeia é mais calma que na cidade. Na cidade só tem carro e eu não gosto muito de barulho. Eu não gosto de barulho... Acho que os Suruí... das outras etnias e da nossa é que os Suruí respeita mais que os outros. Nós entende mais que os outros. Eu estudo um pouco com o meu irmão lá em casa sobre a gente.

Há uma batalha no fazer lembrar para não esquecer. Uma luta que é desigual, porque é travada contra forças que intimidam, agredem, subornam e matam. Lembrar é descobrir, desconstruir e desterritorializar ideias e imagens equivocadas para tomar consciência da realidade. Essa batalha responde por reconstruir a história oficial através de lembranças da experiência sem piedade e tampouco favores. Discuto na pesquisa o “direito” de se impor um programa de desenvolvimento à floresta amazônica, sem antes perguntar à floresta se ela quer o desenvolvimento. E por floresta passo a entender depois das minhas experiências em campo não somente a fauna e flora do bioma amazônica, mas também os homens que o habitam.

Algumas imagens produzidas pelos programas e planejamento estatais e movimento ambiental evidenciam o desconhecimento e a desqualificação de elementos que são próprios e constitutivos da realidade e identidade amazônicas. Ao caminhar sobre a Terra eu e os chegantes percebemos que essas imagens eram caricaturas. A desconstrução dessas imagens produzidas por noções e homens externos é importante para que se reflita e apresente a realidade oriunda da experiência e vivência na Amazônia.

A percepção e a imaginação são duas forças que permitem a observação, comparação e reflexão sobre os fenômenos do meio e os atos da vida em sociedade. Imaginar é produzir um conhecimento sobre o universo baseado em sentimentos e intenções que nos permite organizar os elementos de uma maneira diferente. As minhas experiências e dos chegantes permitiram apresentar as ideias, inquietudes, aspirações, contrastes e sentimentos sobre a Terra que destoam das tríades e imagens divulgadas da Amazônia no restante do país e mundo. Há uma transformação da paisagem. Desaparece a naturalidade bruta para renascer uma forma de universo onde a experiência e os sentidos são a medida para a criação de ideais, pensamentos, imagens e valores. O homem ao habitar a terra, também é habitado.

Concebida pelas noções de rica/ vazia/ vulnerável e depois pelas ideias de biodiversidade/ preservação/ ecologia na história oficial, a Amazônia descrita nessa pesquisa reaviva paisagens marcadas por imagens de liberdade, aconchego e envolvimento. Para os povos e populações tradicionais e tribais, ela foi durante muito tempo a imagem da violência e destruição. Contudo, com o novo protagonismo no cenário mundial, a Amazônia hoje

representa a renovação e é a possibilidade de permanência e preservação de saberes e populações.

Através das vivências, atos e do imaginar foi possível nos libertarmos das imagens produzidas pelo Outro e conhecer a realidade pela nossa consciência, ou seja, pelo Eu. A palavra imagem designa, portanto, a relação da consciência com o objeto. Antes alvo da dominação e do consumo, a Terra passa a ser considerada através dos sentimentos de amor, respeito e lealdade.

A imaginação não pertence apenas aos sentidos e tampouco somente ao intelecto, pois é capaz de gerar significados e metamorfoseá-los. A imaginação constrói narrativas que juntam o passado e o futuro numa forma de síntese. Valores, interesses e ações novos são elaborados pelos homens. As imagens criadas pelo Outro atuaram sobre a percepção do Eu, todavia, somente no contato com a realidade realmente foi possível conhecer a Amazônia. Os chegantes e povos e populações tradicionais revelam imagens permeadas pela afetividade e emoções, além de possuir uma carga poética, diferentemente das tríades elaboradas que tratam esse espaço como algo a ser apropriado e consumido.

Eu, os chegantes, indígenas, ribeirinhos e seringalistas tomamos um caminho que nos permitiu atingir o real, assim como, vislumbrar os elementos que podiam vir a se tornar realidade. Atualmente a paisagem apresenta seringueiros e ribeirinhos esquecidos, os rios em abandono ou transformados, as florestas devastadas, a luta por permanência e reconhecimento dos indígenas fortalecida, e a luta dos agricultores familiares em permanecer pequenos. Ao conhecer a Amazônia os chegantes e eu podemos identificar a paisagem amazônica para além de sua materialidade e fincar nesse chão nossos pés, sonhos e alma.

3.2. As imagens e paisagens sentidas na pele

O rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem a um observador que saiba admirar e escolher uma imagem justa e luminosa, por isso, a experiência vivida pelos chegantes e minha será a principal fonte para a discussão do tópico. As reflexões da pesquisa incluem, portanto, não somente a pesquisa bibliográfica de gabinete, mas, sobretudo, o caminhar e sentir meu e dos chegantes da Amazônia. O resultado demonstrou que a memória e seus rastros fazem parte de uma paisagem e da construção de uma identidade. Durante os trabalhos de campo o meu caminhar pela cidade foi feito através da observação até a exaustão. A consciência permite que eu conceba uma paisagem que cativa o meu espírito. O

que nós dominamos com um olhar não é a paisagem, mas ao máximo a sua matéria. Além do olhar, os demais sentidos contribuem para que a paisagem penetre em mim.

A união entre o homem e seu meio se realiza a cada instante no movimento da existência, porque perceber um objeto é intencioná-lo e torná-lo significativo. O homem é sujeito e objeto do conhecimento e vivencia intencionalmente sua existência, atribuindo-lhe sentido e significado. É com o corpo e pelo corpo que o indivíduo sabe o que acontece ao redor. O movimento no espaço permite que se crie as relações com as coisas e outros corpos. O corpo é nossa expressão no mundo e figura visível de nossas intenções. O vivido não pode ser definido, apenas descrito.

Através das imagens podemos construir a paisagem da Amazônia. Não me refiro, portanto, à paisagem em si, mas à significação da paisagem. Essa essência designa as percepções sobre a floresta e não da floresta apenas na sua materialidade. Portanto, ao apresentar essa paisagem eu acabo por apresentar também aspectos da identidade dos homens que vivem nessa porção do espaço.

A paisagem possui ritmos, percepções, escalas e perspectivas, ou seja, contém a dimensão da significação, do sentido e do simbólico, perpetuados por uma memória que em paralelo aos atributos físicos, constituem a identidade do homem. A memória gravada na gênese histórica acaba por modelar a paisagem. A paisagem é formada por objetos e ela mesmo é um objeto para nossa observação e apreensão. Enquanto objeto, ela existe independente de nossa vontade e da nossa faculdade cognitiva e sensitiva.

Todavia, quando se torna objeto de nossa apreensão, ela forma uma imagem que aparece e desaparece na mente. A nossa apreensão pode ocorrer em diferentes escalas e distintos ângulos devido o nosso conteúdo cultural e à forma que os nossos sentidos e corpo se relacionam com o meio.

Ao postular a paisagem como essência entendo que a estrutura, individualidade, conteúdo e a informação da mesma nos são dados pelo meio e independem de nós. Porém, a identidade da paisagem só pode ser explicada pelos elementos e fatores evidenciados pelas narrativas e experiências dos Seres que nela vivem. Ao contemplar, saborear, tatear e ouvir uma paisagem o homem evoca prazeres, sentimentos, sons e sensações particulares. A paisagem é considerada uma construção do corpo que se lança de encontro ao mundo para contemplá-lo.

Os fatos e objetos que a fenomenologia pretende estudar são absolutamente familiares, por isso, é difícil descrevê-los em sua totalidade. Somos incapazes de darmos conta de algo que está sempre diante dos olhos. Nesse cenário de minha incapacidade de conhecer a paisagem de forma completa, os relatos dos chegantes e indígenas contribuem para que eu compreenda as diferentes perspectivas e ângulos. Além disso, no meu caminhar eu fui atingida com sons, cheiros e gostos que possibilitaram que eu descrevesse e também melhor compreendesse as narrativas dos chegantes e indígenas, e a própria paisagem.

A paisagem em Rondônia é resultado de processos históricos de atividades produtivas. Muitas áreas apresentam evidências severas de degradação ambiental, como por exemplo, a erosão e exposição dos solos, sinais de fogo, desmatamento, mineração, assoreamento, contaminação das águas, dentre outros. Contudo, muitos visitantes tem uma imagem de natureza intocada para a região. O conhecimento dos intensos processos de transformação da paisagem pelo trabalho não é suficiente para que esse grupo pense o meio em sua realidade, ou seja, como espaço de ação humana. Essa mesma imagem não é presente nos chegantes.

A área foi contemplada na história oficial a partir da perspectiva que separa o mundo do homem. Na pesquisa, busco superar a dicotomia com o apoio da fenomenologia. Não priorizo o homem e tampouco o objeto, mas ambos na estrutura da vivência e experiência. A paisagem, busca, portanto, apresentar o encontro do homem com o mundo.

Tudo aquilo que a nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível. Porém, ela não é formada apenas de volumes, mas de cores, movimentos, odores e sons. Ao apresentar as descrições dos chegantes e minhas percepções busquei apresentar o interior da paisagem, ou seja, a marca do encontro do homem com o mundo. Essa é uma tarefa guiada pela vontade de ultrapassar a paisagem como aspecto visível para chegar ao seu significado no sensível.

O exterior somente é entendido quando transformado em interior, porque o espaço é vivido, imaginado e recordado. Nos relatos esse aspecto é facilmente observado. Ao descrever os primeiros anos de morada em Rondônia, os chegantes discorrem sobre a realidade através do sentimento de medo, e relatam suas dúvidas e angústias. As imagens estão associadas ao caos e ao descontrole. O fato desses anos serem o período de apropriação e dominação dessa porção do espaço, entendo que a insegurança e instabilidade são oriundos do desconhecimento e falta de poder e controle sobre as dinâmicas existentes.

Ao adentrar na floresta nada é conhecido e um novo mundo se manifesta. Com o passar dos anos, as experiências estabelecidas tornam o que antes era agressivo e selvagem, em acolhedor e gentil. O colono vê, escuta, sente e habita a paisagem e traz consigo os sentimentos de esperança, segurança e harmonia. As arestas da realidade que feriam e afastavam foram arredondadas. As imagens circulares concentram, centralizam a vida e dão unidade, em oposição às pontiagudas que ferem e afastam.

Habitar não é somente colocar nossos pés sobre a terra, mas colocar sobre o solo toda a nossa subjetividade (Dardel, 2011). Habitar é mais que morar, cultivar ou organizar o espaço, porque também significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza. As formas de agir no ambiente são relacionadas as formas de percebê-lo, pois a percepção é mediada por uma sensibilidade imaginativa que conduz o homem a adentrar em mundos possíveis e cuja presença se revela ao sentimento.

A colonização de Rondônia não começa com a ocupação de terras, mas durante a viagem para chegar na área. Os relatos sempre se iniciam com a descrição da viagem de saída do local de origem até a chegada nas propriedades. O contato com a natureza “exótica” e suas formas, cores, brilhos, forças e sons causaram ao migrante um deslumbramento. A paisagem amazônica possui uma linguagem muda e requer silêncio para sua contemplação. Durante as conversas, entre muitas histórias e “causos” os silêncios presentes significavam o reavivamento de memórias.

Senhora Alzira com sua voz calma relatou as dificuldades de adaptação à nova terra. Entre idas e vindas, para ela e o marido, ficou claro que Rondônia significava a forma de melhorar a condição de vida da família. Atualmente moradora da Linha 21, até se estabelecer em um lote foram necessárias muitas caminhadas cercadas por toda a exuberância e frescor da floresta. Longas e difíceis, em alguns momentos o pé se agarrava nesse chão mostrando que aqui era o lugar que eles deveriam permanecer e a força da terra em segurar seus homens.

Essa caminhada não era solitária, porque a família completa buscava unida outra vida andando junta. Na fronteira, o camponês ainda conserva relações econômicas, concepções de mundo e de vida centradas na família e na comunidade rural. Os muitos acontecimentos quando lembrados parecem que são sonhos e irrealidades.

As memórias são carregadas de sons, cheiros e sentimentos. As marcas no corpo e na alma permanecem e não deixam esquecer que a luta foi grande e intensa, mas fundamental para fortalecer os laços familiares e a decisão de mudança. Lembranças físicas são mantidas,

como diversas fotografias e primeiro barraco que a família construiu para morar, para evitar que a história se perca e as razões para permanecer sejam esquecidas. A perda do filho e o medo dos índios e dos bichos do passado são substituídos pela alegria de saber que os tempos difíceis acabaram.

Uma vez quando nós chegamos de Espigão, a gente já tinha ido pro Espírito Santo outra vez, mas lá não deu certo não, aí nós voltamos outra vez pra aqui. E deixamos a minha mãe no Espírito Santo. Aí eu tava com a minha menina no braço e o Ervino [marido] estava com a Ivone [outra filha], e os meus outros três andando com uma vara na mão e passando nos matos para ver se tinha bicho. Os menino né andava tudo junto. Eram esses dois aqui oh e esse terceiro que agora está no céu [mostra uma fotografia antiga]. Ele era baixinho e ajudava os outros. Nós tinha quebrado uma vara para eles também não caía né. E nós andava com eles na frente né para poder passar e depois ele (Ervino) voltava né, pelo riozinho. Era loooooonge pá andá. Aí um dia eu fundei no meio daqueles pau e fiquei garrada lá. (silêncio) Eu não conseguia tirar o meu pé mais. Eu com uma menina no braço e ficamos presa. E ela fazia “pati, pati, pati” (risos). Aí, aí, aí (risos). A gente às vezes esquece isso né. Aí eu pensei “aqui mesmo que vamos ficar” até que ele (Ervino) voltou. Aí ele passou os outros quatro, três andando e um carregado né, e aí ele voltou pra buscar eu. E eu com o pé preso né... naqueles varões de pau redondo. Aí ele pegou a menina e pegou eu no braço e aí eu saí. E aí nós começamos a andar de novo (suspiro) Foi muita luta...(suspiro) Parece assim, parece assim que foi um sono né. Mas é verdade! Aqui era só mata, só mata! Era tão fresquim que nos dias que a gente andava na estrada era fresquiiiiim. Só tinha aquele caminho aberto. De primeiro não tinha estrada limpa não! Agora é que tem estrada. De primeiro era só uma picada. Eles vinha de lá desmatá aqui. De primeiro fez um barraco veio de tábuas. Lá em cima eles mataram uma... tinha um cachorro fazendo barulho aí o meu sogro foi oiá. O Ervino também e pegou a espigada. E daí um pouco eles veio e o cachorro ficava bravo e voltava outra vez. E outra vez ele ficava bravo e voltava. E os cachorro tinha medo né? Os cachorro tinha medo (silêncio). Aí eles saíram andando e o Ervino oió para cima tinha um pau caído assim aí tinha lá oh: uma onça. Onça pintada, assim amarela assim. (silêncio) Aí eles se afastaram pra trás assim uns dois pés e atirou. Naquela época não tinha dó porque nós era fraco né. Podia chegar lá e pegar os menino né? Pois os menino andava sozinhos. Andava sozinhos nos caminhos, na mata não. Nós morava perto da estrada né... num barraco ... numa morada. Aquele barraco lá no fundo veio, cês viro? Quando eles iam para a derrubada eles levava comida né, e tinha muito porcão. E aí um dia eles estavam cerrados tábuas aí chegou os porcão lá e aí os menino correu tanto (risos). Rebentou sacola e até tinha prato que de primeiro não tinha marmitta né, aí tava a comida e tudo nas panelas, feijão, arroz e carne, verdura e tudo, aí quando chegou lá em casa tava tudo bornado. Tinha tudo misturado (risos) e rancado as alças (risos). Ele largou a panela ali e correu! Era porcão mas é que eles eram brabo! Igual porco, que fede. De primeiro a gente comia aquilo. Porco do mato! Eles tem uma coisa assim no lombo que aquilo quando mata tem que cortar senão não presta a carne. Fede tudo! Ah! E eles andava em manada... igual nós (risos) Mas agora não tem mais, sumiu! Agora onça, na 15 [linha] eu vi uma preta (risos) Lá na derrubada! Ele [marido] andou ali em cima ali e eu não sei o quê que ele ia buscar lá. Mas ela tava solteira ainda. Aí de um pouco ele viu: ela tava subindo assim na beirada da mata né? Porque aqui era derrubado para depois plantar café. Num sei... acho que já tinha plantado o café pequeno. E ele saiu do café assim e ela subiu para o lado dele... pra cima. Aí ele parou, oió, e aí ela, a onça parou também e era preta e aí ela fez assim “gerreeeeee” [imitação do som da onça] (risos). Cê não faz ideia de como os cabelo arrepiou (risos) Aí ele voltou (risos) E ela sumiu pro mato (suspiro).

Os testemunhos dos chegantes sempre resgatam uma Amazônia ainda não transformada e é constante a frase “Aqui era diferente”. Essa frase evidencia as transformações do uso do espaço e, depois de mencionada, é seguida pela declaração do trabalho usado para alterar a paisagem. O uso da motosserra, as queimadas e os mutirões de derrubada são as principais formas destacadas para “limpeza” da terra. Era preciso retirar a mata para ocupar, aspecto incentivado pelos órgãos responsáveis pela distribuição de terras, como por exemplo, o INCRA. As matas impediam o avanço das atividades produtivas e guardavam dentro de si um mundo e homens desconhecidos. Era preciso expor esse chão.

Luís dos Santos, marido de Maria Helena dos Anjos Santos, nasceu no Mato Grosso do Sul, na cidade de Fátima do Sul, e está em Cacoal desde 1979. Para ele a fronteira é um lugar de esperança e do tempo novo. Tempo esse de justiça, alegria e fartura. Em seu relato ele explica o que ocorreu quando os migrantes chegaram no estado. A real distribuição de lotes destoa da história oficial de distribuição de terras e imagem do vazio demográfico.

O cara vinha na frente e vendia as marcação. Eu comprei uma marcação grilo sem nenhuma vara derrubada. Aí eu vim... Aqui era tudo mato. Do lado de cá tinha uma fazenda muito grande, mas não tinha ninguém, tinha só a marcação. E aqui do meu lado tinha o meu sogro. Ele estava acampado aqui já, tinha um barraquinho. Aí nós derrubamo [som do Luís batendo as mãos no braço]. No primeiro ano eu derrubei cinco alqueire. Ai fiz um barraquinho de plástico e fiquemo uns seis meses debaixo até fazer um barraco de madeira para nós. A gente sem condições via aquele matão e pensava “o que que eu vou fazer com isso?”. Eu mesmo pensei em vender um pedaço! Eu não queria isso não! E eu nunca ia conseguir abrir isso tudo! Era muito mato... Mas depois aí eu consegui e ainda comprei mais um pouco dos vizim. Do lado de cá tinha seringueiro. E eles dizia que morava cá já tinha vinte ano. Eles tinha terra, mas como eu falei procê aqui tinha grilo. Aí os seringueiro deixou e os grilo vinha tomando tudo das terras deles. Aí quando o INCRA veio eles falô aqui não! Eles, como por exemplo no meu sogro já tinha gente, e aí eles tinha o direito de mostrar o marco. E aí eles ainda ficaram com um pedaço e o INCRA organizou tudo. No outro ano o INCRA passou medindo tudo. Mas só que depois eles desgôt, porque eles era seringueiro né, e não podia ser mais. Aí venderam! Os cara tinha derrubado dois alqueire na beirada do rio. Naquele tempo né ... Naquele tempo era o seguinte: para ser dono você tinha que derrubá. O próprio INCRA falou. O INCRA era o seguinte ele dava quarenta alqueire, naquele tempo era quarenta alqueire, e quem derrubasse o lote todinho tinha direito de mais um lote. E se você entrava e não derrubava eles dava para otro. Mas não tinha muito limite não, o limite era onde eu falava e os vizinho respeitava. O cara que grilou já vinha e marcava com um pedaço de pau e dizia “eu te vendo de aqui até aqui”. Ai eu comprava e de aqui até aqui já tinha outra marcação que ele vendia pra otro. Aquele tanto de mato eu não preocupava de ter um metro a mais ou menô. O povo hoje parece que controlou um pouco a situação e acha que não precisa de mais... ajudá... participá. Antes se ajudava mais... Hoje ninguém tem tempo. Tem tempo para ficar a toa, mas não pra ajudá. Antigamente não tinha que pagá... A mentalidade tá diferente. Naquela época era tudo mais difícil. O povo entrou com a cara e a coragê. Entrava nesses mato e tinha a malária e tudo isso de mato aí... e muita doença. É aqui... aqui era bem diferente (silencio longo) Não tinha muita regra não... Quando o povo vinha a pé era tudo cercado de mato. E vinha gente lutando para comprar a terra. Mas depois veio gente mais fraco... Entendeu? Foi assim que eu entendo...

E a gente continua trabaiano na terra pra deixá para os filhos né... Eu falo com meus filho hoje é ocês que tem que protegê... Porque se a gente quisé pode até parar que tem dinheiro pra comé muito tempo. A gente trabaia para eles não té que fazé que nem nós. Que teve que lutá e suar muito. Esse matão que você vê aí derrubado foi quase tudo eu que peguei de empreito para derrubá para os otros. Eu fazia para ganhar o pão! Derrubava na motosserra. Eu vinha e opa! Tinha esse negócio de trator não minha fia! (silêncio) Derrubava... roçava. Era o dia todo “zuuuuuuu” [barulho da motosserra]. E a gente chegava em casa tinha dia e tinha que levantar as pernas de tanta câimbra de tanto corré pelos mato para não more. Derrubada é um negócio...Ela matá nós e é muito perigoso. Isso daqui não foi ganhado brincando não foi ganhado aqui... [som do Luís batendo as mãos no braço novamente] Suado! Suado! E até hoje a gente soa! Eu falo com os meus filho que foi daqui que eles chegaram. Não foi de outro canto não! E eles não pode esquecer não. Eles tem que cuidá e protege. Memo que falta o pai e falta a mãe.

O avanço da agricultura acabou por empurrar os indígenas que viviam na floresta para o interior, confinando-os a um espaço que muitos anos depois foi transformado em Territórios Indígenas - TI. Porém, o território agora ocupado pelos povos tribais é muito menor quando comparado com o anterior. Para esses grupos não existia a noção de demarcação e tampouco do privado. Guardar, vender e separar foram noções não assimiladas rapidamente por esses povos onde imperava a noção de comunidade e solidariedade. Viver em comunidade significa para eles partilhar e dividir objetos e alimentos.

Além de viver um cotidiano de disputas com os homens brancos pela posse da terra, os índios discutiam e lutavam com as diferentes etnias para definir os seus limites. Há uma diferença entre as etnias que são evidenciadas na fala do índio Oyener Suruí. A terra e os homens se confundem, pois ser maior não representa somente a posse de uma extensão superior de terra, mas também ser grande e forte enquanto etnia.

Na disputa entre os Suruí, os Cinta Larga e os Zoró, são evidenciadas as características e imagens dessas etnias. Os Suruí são calmos e mansos e pensam antes de agir. Os Zoró nunca morrem e os Cinta Larga são agressivos, impulsivos, maldosos e se transformam em bichos da floresta.

Tem diferença entre os índio. Suruí é igual sobrenome de branco... é o sobrenome de índio assim. Nós fala o tupi mondé e agora eles fala outras língua né. Os suruí tem uma língua que a gente pode entendé, agora o cinta larga tem outra língua. E outras etnias tem outras língua que a gente não entende. Agora os suruí pode entender o que a gente tá falando. Nós... nós quando a gente vivia na mata assim e não conhecia os branco a gente caçava ééé as flecha com os veneno lá né. Na ponta da flecha, do arco lá. Agora os Cinta larga e os Zoró eles usam o veneno né e nós os Suruí a gente somo diferente que eles. Diferente eu falo assim: quando eu, nós vê alguém e se não conhecé ele eu penso premero antes de fazer alguma coisa com ele. Agora o Cinta larga e os Zoró eles matam né. Se eles vê alguém eles mata. Mata quem eles não conhece. Eles usa veneno que eles tivé lá. A gente conhece um pouco sobre eles... eles usa o veneno para matá as pessoas. Eles joga o veneno e nessa pessoa que eles joga o pessoal já pode despedir da família deles que já vai morré. Mas agora nós não usamos esse veneno! Nós somos mais manso que eles e do que

outros povos lá. Antes os povos vivia tudo dividido. Mas agora só os Suruí que tem muito aqui né e aí nós vivíamos junto. E aí na hora que os branco entraram assim agora eles separaram. Tem outra aldeia ali, outra aqui... Tamô separado em outras aldeia aí. E a gente não vivia junto com esses outro índio aí, mas assim, não chegava perto porque eles estranhavam a gente também. E a gente não podia conversar com eles também né. A gente conhecia só os Zoró e os Cinta Larga... só esses que a gente conhecia. Os Zoró era mais bravo, porque eles não queria que a gente morasse ali né. Porque a nossa divisa vai até lá e aí eles falavam que a nossa terra que era mais grande que a deles e aí eles queria expulsar a gente de lá né. Aí o meu pai e os irmãos dele foram lá conversar com os caciques deles lá. Aí o pai fala pra mim que eles conversaram né e pediram para eles ficá com a terra de lá e eles daqui. Só os Suruí que mora desse lado daqui que podia ficar com essa terra. Aí foi assim que eles teve esses conflito. Querendo ser e ter mais maior. Agora que eles teve contato com os branco é que eles pode falar com a gente, mas assim em português, porque antes assim, a gente não entendia nada. Esses Zoró e esses Cinta Larga eles se transforma em bicho também. Mas agora a gente também não! Os Cinta Larga viram pássaro também, um porco. E o que tiver na mata eles se transforma. Agora os Zoró eles não morrem não. Se... uma vez eles foram lá né e aí já o pessoal da minha aldeia já falaram com eles né para não pisar na nossa terra lá. Aí escondido eles vão lá! E a gente fizemos uma maloca grande lá né. Aí na beira do rio lá tinha um veneno lá. Que era uma madeirinha dessa, desse tamanho e tinha um buraco lá e tinha uns veneno lá. Aí jogava esse veneno e tinha umas pedra assim... e aí a gente jogava esses veneno... e, e, com as pedra ia matá eles. E aí o pessoal falava que eles pegava e não morria.

A paisagem se definiu por muito tempo como o espaço ao alcance do olhar, mas ela se mostrou na pesquisa como também à disposição do corpo. Ao caminhar pela floresta não é possível apenas olhar para o meio, porque ela envolve os nossos sentidos de tal forma que precisamos de todos os sentidos para conseguir absorver a paisagem.

A Amazônia não é somente beleza e exuberância da biodiversidade vegetal e animal, mas o lugar que o homem habita. A Terra se torna um lugar, base e meio de realização do homem. As grafias presentes na paisagem representam a própria concepção do homem e sua maneira de se encontrar. Compreender uma paisagem, é ser-na-paisagem. É uma relação que afeta carne e sangue (Dardel, 2011).

O meu movimento pelas estradas e rios possibilitou conhecer a floresta para além dos livros e da imaginação. O movimento permite saborear a terra. Nos trabalhos de campo percebi que me perder nas linhas e travessões de Rondônia, permitiu que eu encontrasse uma paisagem que estava para além dos grandes pastos. A floresta foi ampliada e se descortinou aos meus olhos. No caminho, criei amizades, estreitei relacionamentos e me surpreendi com a genuína alegria das pessoas. Conheci uma terra repleta de um povo lutador e acolhedor que se refugiava das grandes produções e experimentava uma forma única de viver e comungar com a Terra.

O **Mapa 1.** apresenta o pontos visitados durante os dois campos. O primeiro campo foi o mais longo, com a duração de nove dias, e foi possível observar as muitas paisagens presentes na região. No segundo, de cinco dias, visitei os pontos mais próximos da reserva indígena e as áreas de floresta mais preservadas. Há também lugares e paisagens que foram experienciadas e vividas nos dois campos, mas com olhares diferentes, pois no primeiro campo eu estava ávida por buscar o máximo de informações e dados sobre o espaço e no segundo, eu buscava me conectar aos homens.

A organização das estradas no mapa verificado antes do campo parecia ser fácil: dividida em linhas retas e com numeração crescente a organização do espaço era eficiente. Contudo, a ordem de ocupação não obedeceu ao racionalismo militar. A primeira inconsistência se referia aos nomes, pois se os militares denominaram as linhas com números, os chegantes colocaram nomes referente à organização coletiva das associações e dos nomes dos moradores mais famosos.

As linhas pareciam todas iguais. Retas e limpas. Contudo, somente dentro dela percebíamos as diferenças. Concebidas como iguais, os residentes a alteravam colocando cascalho, pedras, alargando, plantando cercas vivas ou cercas com os materiais mais distintos possíveis.

A primeira tentativa de esboço de um croqui para localização em uma conversa com a assistente da Emater foi um fracasso para nossa orientação. Somente o caminhar sobre as linhas permitiu a localização dos pontos de referência. Placas, moradores mais antigos, igrejas e associações são os nossos referenciais para não perder a linha na viagem. Todos os dias nossa travessia para o encontro dos homens e paisagens começava na Rodovia do Café, uma estrada asfaltada que cortava a floresta e sempre reavivava as memórias adquiridas na pesquisa da história oficial da colonização.

Mapa 01. Paisagens da Experiência em Cacoal – Rondônia - Brasil

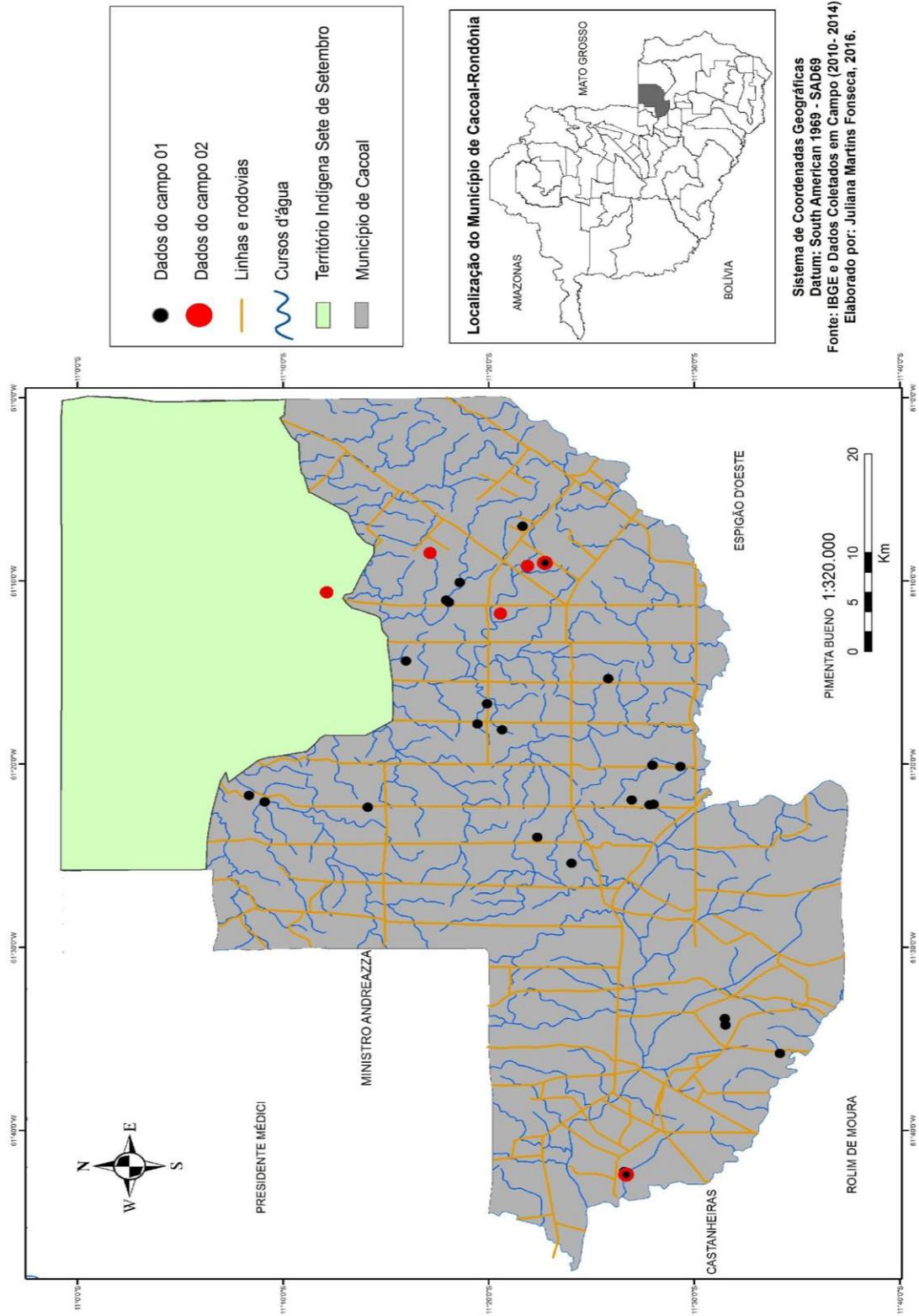


Figura 01. Rodovia do Café – Cacoal/ Rondônia.



Fonte: Arquivo da autora, 2013.

Além das linhas havia os travessões, que significavam para alguns o encurtamento de distâncias, mas para mim a certeza de se perder. Pontos de referência para os moradores evitarem percursos longos, para “os de fora”, eles eram pedacinhos de estrada maldosos e enganosos. Pedir informações para se localizar era uma verdadeira saga nos primeiros dias, devido as grandes distâncias entre os núcleos de moradores. As estradas estavam sempre vazias e encontrar outro carro ou caminhante era motivo para um cumprimento e parada. Nesses momentos aproveitei para me de-morar na paisagem, e observar os principais elementos que caracterizavam o bioma amazônico. Em poucas vezes consegui ver as espécies que os livros de botânica me indicavam, mas em todas pude observar a forma como o trabalho alterou a paisagem.

Figura 02. Estradas na área rural de Cacoal/ Rondônia



Fonte: Arquivo da autora, 2013.

Nas linhas eu me senti pequena e completamente confusa. Pequena comparada a grandiosidade das distâncias e confusa frente as imensas diferenças dos elementos reais e os que deveriam compor a paisagem que eu havia concebido até o presente momento através da história oficial. O abismo entre as minhas experiências de vida e dos chegantes ficou evidenciada em cada um dos contatos com os homens. Não busquei e não busco comparações de nossas vivências, contudo, senti que, como eles, ao chegar nessa porção do espaço, tudo mudou de repente. Fiquei entre o céu e o inferno, entre a crença e a descrença, entre a minha pessoa e a outra pessoa dentro de mim. A minha mente e corpo que eram revestidos, encobertos e protegidos passam a se abrir para o outro e Outros.

Perdendo-me foi possível que grandes ensinamentos fossem encontrados. Compreendi que Eu sou a medida para o mundo, contudo, o mundo é muito maior do que minha mente e consciência podem conceber e tampouco é meu. Passei a entender os medos e angústias dos migrantes que se depararam com essa imensidão e bravamente criaram uma nova vida no desconhecido. As lutas e esperanças desses homens me mostraram uma força e vontade até então inconcebíveis no meu mundo. Somente no ato de conhecer essa paisagem, criei empatia sobre as experiências e vivências dos Outros. Os relatos e dados da pesquisa mais do que histórias para serem colocadas em um papel, tomam a minha consciência e modificam o meu Ser.

Entre uma casinha e outra, havia um mundo de terras de pasto e de plantações. Eu estava acostumada com propriedades familiares de 2 a 6 hectares em Minas Gerais, onde o “ali” significava um percurso a pé de no máximo 20 minutos. Em Rondônia passei a acreditar que possuir de 40 a 60 hectares em Rondônia também era ser pequeno. Os grandes proprietários normalmente detinham em sua posse de 160 a 500 hectares de terra. Ser pequeno não significava números ou tampouco recursos, mas uma trajetória e escolha de vida.

No período de colonização, os lotes foram divididos de forma padronizada para garantir o direito igual aos proprietários. Porém, com o passar dos anos, há uma mudança provocada pelos arrendamentos e chegada dos *agrobusiness*. Os próprios agricultores revelaram como a paisagem foi alterada nos últimos anos.

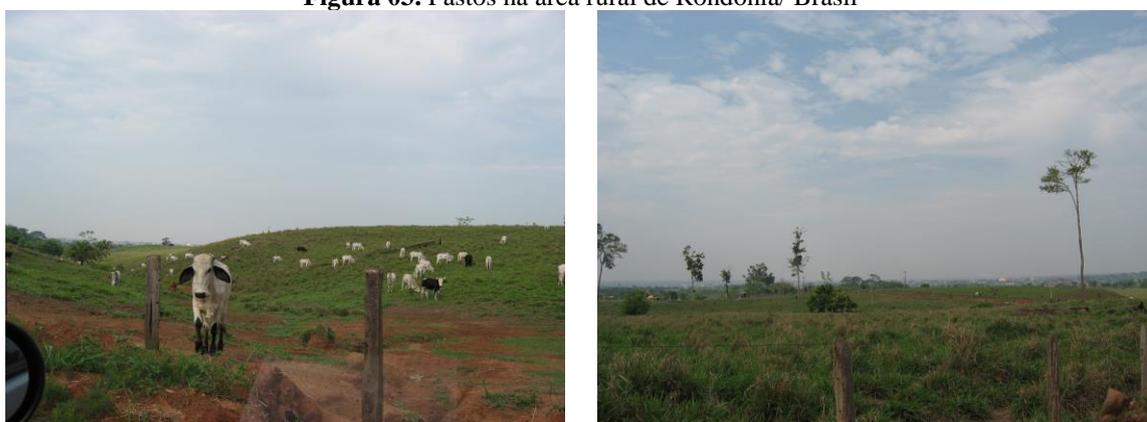
Os vizinhos mudou muito. Naquele tempo era todo mundo pequenim, hoje em dia a maioria é gente que entrou segundos, os terceiros. Esse vizinho meu aqui, ele pega daqui e vai daqui 4 km. E aí compro um outro lado meu aqui e mais uns 100 alqueire na minha divisa para lá. Então, ele... Então, ele tem mais de duas mil cabeça de gado. Então no caso ele nem... ele nem mora aqui. Não mora... Ele vem todo o fim de semana. Ele mora em Pimenta [outro município].

A introdução da pecuária e a criação de áreas de pastagens operou uma significativa mudança nas paisagens. Os limites entre o espaço de domínio do trabalho e o espaço do domínio dos processos naturais eram antes fluídos e relativamente flexíveis. A inserção do modelo de produção comuns no Sudeste e Sul separa os espaços de produção e os de conservação; a mata do pasto e; o homem da natureza.

O crescimento da pecuária promoveu a reorganização das terras. A estrutura fundiária apresenta extensas áreas de pastagem e reduzidas áreas de agricultura e floresta. As florestas eram vistas como domínio parcial do espaço e o local de processos não humanos. Elas eram espaços de uso e não de reprodução. Era preciso ocupar a Amazônia, ou seja, dominar a floresta, a terra e seus povos.

O que mais detém meu olhar são os grandes pastos a se perder de vista ocupados por um gado triste. Os pastos de Rondônia são resultado de uma conjugação temporal de processos diversos, como a remoção da floresta para agricultura, queimadas, adubações, arações, plantio de capins diversos. Antes dominados pela floresta, os homens agora são os detentores do poder.

Figura 03. Pastos na área rural de Rondônia/ Brasil

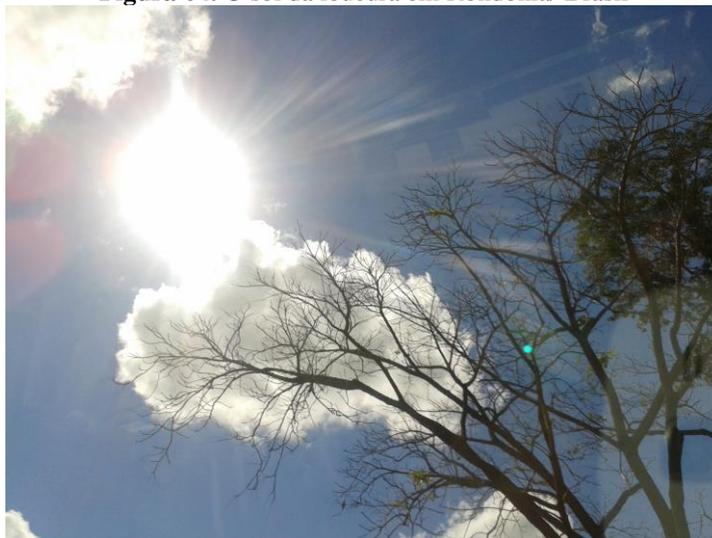


Fonte: Arquivo da autora, 2013.

O céu sempre azul e carregado de nuvens é outro aspecto que encantou o meu olhar. No horário de sol ninguém permanecia nas estradas ou nas áreas de trabalho. Todos se recolhiam para dentro das casas. Íamos para toda parte com grandes chapéus. Afinal, muito sol na cabeça “queimava as ideias” e podia nos deixar loucos como diziam os chegantes.

Sol a prumo no meio do céu significava recolhimento, visto que, permanecer na rua significava ficar doente ou louco. Cercadas pelo calor, as lembranças são reavivadas dentro das casas e começam as prosas. Na lembrança dos gestos, movimentos, sentimentos e impressões sobre a natureza se completa a consagração dos saberes.

Figura 04. O sol da loucura em Rondônia/ Brasil



Fonte: Arquivo da autora, 2011.

As águas foram o elemento da paisagem mais presente nas prosas e visível em nosso caminho. Elas abrangem rios, lagos, furos, igarapés, igapós²⁶, correntezas, remansos, linhas d'água, pontes, margens, travessias, barrancos, travessias, chuvas, suor e lágrimas. Ao dar o primeiro passo em Rondônia, na saída do avião, o meu corpo já se envolveu por águas, um suor de grudar a pele e um calor nunca antes conhecido por mim, devido as minhas origens nos ventos e montanhas das Gerais.

Das muitas águas que existem na região é a água que saí do corpo a que demonstra o maior envolvimento com a Terra. Durante os relatos foi possível perceber que foi, era e é através do suor e lágrimas dos diversos grupos que ocuparam a região que a floresta se revela a consciência.

Os rios desempenham um papel fundamental na organização, povoamento e no desenvolvimento histórico e econômico da região. As águas da Amazônia são marcantes devido a sua exuberância. Antes fechados, a partir de setembro de 1867, a abertura dos rios Amazonas, Tocantins, Tapajós e Madeira para a navegação mercante universal possibilitou a chegada de gêneros e bens de consumo aos portos amazônicos e desencadeou um aumento do fluxo populacional ao longo dos trajetos percorridos pelas embarcações.

Acostumada a realizar o deslocamento do meu corpo através das estradas, ao encontrar as águas amazônicas eu altero a minha percepção de movimento. Durante as travessias nos

²⁶ O igarapé é um pequeno canal entre a margem do rio e uma ilha, ou entre duas ilhas. O Igapó é uma parte da floresta alagada durante a enchente do rio.

rios eu descobro uma nova forma de me mover. O balanço e silêncio das águas me possibilitam melhor perceber a paisagem. Nas estradas o meu movimento é rápido, desajeitado e distante da Terra, porque estou sempre revestida por uma capa de aço. Na travessia no rio o meu corpo se faz presente na paisagem.

Figura 05. Travessia no rio Machado. Rondônia/ Brasil



Fonte: Arquivo da autora, 2011 e 2013.

O lento balanço das águas e do deslocamento proporciona que eu me de-more e sinta cheiros antes não captados. A água não é inodora, insípida e incolor. O calor intenso e constante que sempre me acompanha é substituído por um frescor. E finalmente consigo compreender o frescor tão frequentemente relatado nas prosas, mesmo que a temperatura indique 38 °C na previsão do tempo.

Figura 06. Casa adaptada ao ritmo das águas no Rio Machado.

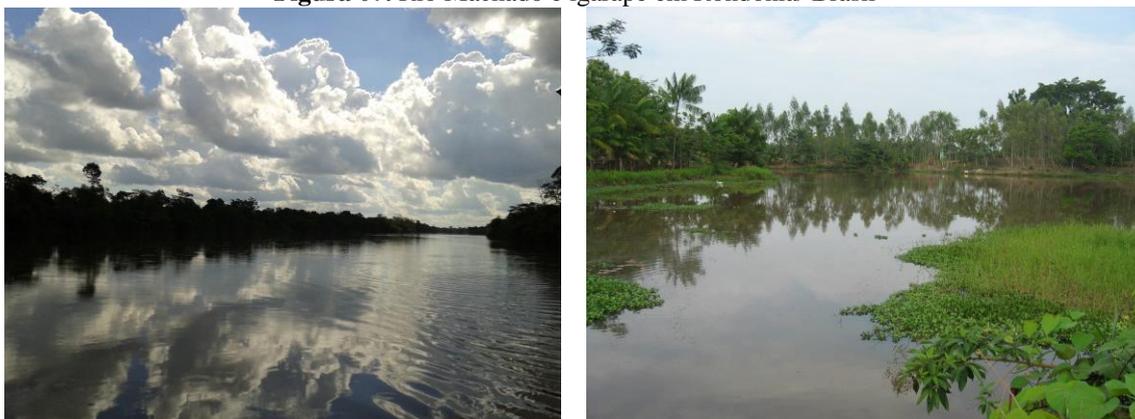


Fonte: Arquivo da autora, 2011.

O rio está em tudo. O rio possui alma, corpo e epiderme. João de Jesus Paes Loureiro²⁷, poeta dos rios amazônicos, apresenta que na alma do rio estão as encantarias - o lugar habitado pelos encantados; nas margens estão às casas, as várzeas, os pássaros, as palmeiras - o mural da mata ou da floresta; na epiderme dos rios navegam os barcos; no corpo dos rios circulam os peixes. Ele também possui uma voz que clama pela vida. As águas invadem a história e a história invade as águas.

A inquietude, a força, os caprichos, os arremessos e a liberdade são noções que descrevem as águas amazônicas. Torrente, riacho ou rio, ele sempre corre, colocando em movimento o espaço. As águas deslizam reservadas e calmas. Exercem sobre o homem uma atração que chega a fascinação (Dardel, 2011). Histórias se multiplicam nos barcos, lanchas, canoas, margens, e remos que vagarosamente avançam sobre as águas no ritmo das correntes e dos ventos.

Figura 07. Rio Machado e igarapé em Rondônia/ Brasil



Fonte: Arquivo da autora, 2011 e 2013.

Todos os dias esperávamos as chuvas torrenciais para encerrar o dia. As chuvas são esperadas mesmo na “época das secas”, de junho a novembro, mas com menor intensidade. Na estrada ou dentro de uma casa a chuva avivava os medos dos anos iniciais dos migrantes que agora são os chegantes em nossas prosas.

A chuva fazia parte do cotidiano e era bem recebida, visto que, os encontros da noite eram sempre marcados para “depois da chuva”. Logo, ela é um marco temporal da população na vida cotidiana. Os ventos das chuvas e das enchentes trazem e levam o cheiro da morte e

²⁷ João de Jesus Paes Loureiro é um escritor, poeta e professor universitário. Professor de Estética, História da Arte e Cultura Amazônica, na Universidade Federal do Pará. Suas principais obras são: Pássaros da terra (1999); Obras reunidas (2000); Do coração e suas amarras (2001); Fragmento/Movimento (2003) e Água da Fonte (2006).

da vida: o cheiro de mato podre é substituído pelo cheiro da terra molhada e fresca. Ao chover ao final do dia, termino minha jornada.

Figura 08. Céu nublado na área rural de Cacoal/ Rondônia



Fonte: Arquivo da autora, 2013.

Os nossos caminhos foram presenteados com partes da floresta ainda preservadas ou em recuperação. Nesses lugares pairava o silêncio. O tamanho das árvores me deixava pequena. Na floresta, várias vezes senti que não era eu quem a olhava. Certos dias, senti que eram as árvores que me olhavam e falavam. Percebi que o silêncio inicial era um equívoco meu. Eu estava acostumada com os barulhos da cidade e do próprio carro.

Os sons da floresta eram sussurrados, portanto, deveria parar para ouvi-la. Para conhecer a paisagem não preciso mais estar em movimento. Ela chega a mim e penetra a minha consciência. Ao me deparar com a imensidão transformei-a em intimidade, visto que, o devaneio é sempre particular. Não é possível atingir o imenso senão pelas experiências íntimas. Agora a imensidão também está em mim.

A grandeza progride no mundo à medida que a intimidade se aprofunda, ou seja, reconhecemos a grandeza da floresta quando nos sentimos pequenos e íntimos com ela. As florestas não descansam, pois estão em uma elaboração constante. Admirar as árvores e pegar seus frutos, sentindo seus cheiros fortes, a sua dureza e cores fantásticas alteram a forma de preparo e gosto das comidas que me alimentam nessa região. A floresta não traz somente sua presença, ela ensina que estou presente nesta presença. Além disso, não estamos sós, mas somos parte de um todo maior, em que todos os Seres estão interligados.

Figura 09. Árvores da floresta amazônica em Rondônia/ Brasil



Fonte: Arquivo da autora, 2011 e 2013.

A floresta é dada como “espessa” e sentida como “quente” antes que essas qualidades sejam conceituadas em noções apreendidas pelos chegantes. A floresta esmaga, asfixia e propicia a melancolia. Por outro lado, é o lugar do refúgio e da segurança para os indígenas que adentram no seu interior buscando a proteção das árvores contra os homens brancos. Ela também representa a oportunidade de crescimento, de mudança de status social e aquisição da dependência financeira para os chegantes.

O Senhor José Zacinto Nogueira (Zezinho), atualmente com 65 anos é casado com a Senhora Pascoalina, sua companheira de aventuras. Veio da Bahia em busca de novas oportunidades de trabalho com a terra. Incentivado pelo governo a migrar, sua travessia começou em 1974.

Juntos os dois falam sobre as transformações da paisagem, os sons e a vontade de distribuir seus saberes e bons sentimentos para os demais moradores da região e de espantar as dores e sofrimentos para longe. A floresta não é só a mata: ela é os bichos, as águas e os ventos. Os animais a protegem com a mesma força que os homens possuem ao derrubar um pau.

Tinha só quatro alqueire derrubado em Espigão. O resto era tudo mata. A uns vinte e três ano atrás. Tivemo que trabaiá... tem que produzí e aprendé com os outros que

sabe as diferença e outras coisa. As vezes tem alguma coisa dentro de nós que tá sofrendo... aí nós sente né? Pode não. Nós tem que distribuí coisa boa, os amó. Esses mato que a gente tá deixando voltá. Tá mudando as coisas né? Voltó bicho. Por exemplo...a onça né? Ela mata por malvadeza... O meu menino mais novo né... Ele estava num manejo né? Ele mexe no manejo cortando tora. Aí diz ele que tava amolando o motó e o motó tava cego e ele começou a cortar o pau. E aí ele falou não, vou amolá esse motó. E aí ele pegou e agachó e tá lá amolando. Amolando o motó, amolando, amolando. E diz ele que escutava assim “tec, tec, tec”. Batendo a orelha né? E aí ele falou assim: “mas será o que isso? Esse pau já tá estalando, será que vou tê que corrê?” Ele agachado né? E aí ele tava assim e diz ele que onde ele tava tinha uma moita assim meio de coqueiro meio de cipó assim né. E ela não pegou ele po causa daquela moita. Quando ele virou pra trás porque escutou aquele baruido. E quando ele viró era elaaaa! (risos) A orelha dela estala né? Ela fica concentrada e prestando atenção, tava vigiando ele. E aí ele gritou! E funcionou o motó. A primera puxada que ele deu funcionou o motó e ele foi para o lado dela. E ela não correu! (risos) E aí ele disse “mãe foi Deus que me guardo”. E aí ele foi embora. Ela ando para pegá ele! Se não fosse o motó ela ia em cima! Ela já tava no pulo! (risos) Ele escutou a orelha dela batendo, mas ele achou que era o pau porque ele já tinha começado a cortar né. Mas aí não era porque ele tinha cortado pouco. Diz ele que tinha assim uns treis metro assim dela perto. Tava pertim! E diz ele que o rabo dela tava assim oh! Era pintadona! Pintada! Ele tinha que tê um celulá para poder firmar ela, mas não tinha naquela época né?

Nas conversas em campo observei a obstinação e coragem para a conquista de melhores condições de vida e valorização das identidades dos povos e populações tradicionais e tribais no cenário nacional. As trocas e a aproximação com os grupos possibilitaram que eu visse que um filho não foge à luta e tampouco a teme.

A vida cotidiana só pode ser entendida como uma realidade interpretada e subjetivamente dotada de sentido. O projeto de fundamento de si responde pelo homem se estabelecendo como valor dentro de uma situação concreta no mundo e criando um sentido de si a partir de suas relações com os objetos, com o outro e consigo mesmo. Os migrantes vieram de diferentes regiões do país carregados de valores e saberes. Ao se deparar com o novo meio, necessitaram reconstruir seus projetos de si, de vida e de mundo. Eles precisaram alterar suas escolhas e projetos.

A escolha projeta o homem para fora de si, e o lança no mundo. Rigorosamente o põe no mundo, o que significa, portanto, estar-no-mundo. Dotado de linguagem e pensamento o homem age no meio e cria internamente seus mundos. O Eu surge exatamente da relação com o Outro e é por meio das experiências que o indivíduo se conhece e conhece seu meio.

As experiências sensíveis do mundo são expressas em atos, ritos, palavras e imagens. As imagens elaboradas são livres e intencionais, sendo, portanto, criadoras de sentido e aberturas em direção ao Ser. A liberdade é acessível pelo engajamento do indivíduo no mundo, portanto, é o ser-no-mundo que possibilita o ato criativo. Quando o homem percebe

sua condição de livre, contingente e responsável sente a angústia. A angústia é um modo de se estar consciente, enquanto o medo, relatado nas prosas se relaciona com o exterior que era desconhecido.

A paisagem une e desune, desintegra e renova. Ela incita uma aventura que provoca alegrias, tristezas, crescimentos e transformações que, por sua vez, constroem a identidade dos homens. A rivalidade e hostilidade entre os grupos foi reduzida. As reuniões entre os membros das linhas em festas, visitas as aldeias, encontros das igrejas entre indígenas, cablocos, agricultores, ribeirinhos e seringueiros agora são frequentes. E se antes os grupos se viam separados e distantes, os encontros permitem que eles se sintam próximos. A distância entre as aldeias e as linhas é pequenas, e todos juntos, vivem na mesma paisagem.

As festas, reuniões e feiras invocam e promovem as trocas das credences, lendas, tradições e saberes. Todos os grupos possuem habilidades próprias para desenvolver, perceber e conhecer sua realidade, porém, em comum eles possuem simplicidade dos hábitos, a resistência, a criatividade e o respeito à natureza. Entre o céu e o inferno, entre a crença e a descrença, entre a vida e a morte, entre o desespero e a espera do milagre esses grupos se adaptaram à geografia, às circunstâncias e às necessidades amazônicas.

A local de chegada da travessia a que se propôs essa etapa foi a aldeia da tribo Suruí Paiter, localizada na linha 11. Esse é o nome mais conhecido dado por antropólogos a etnia, mas o nome reconhecido pelos membros do grupo é Paiter que significa: "o povo verdadeiro, nós mesmos". Esse grupo mantém suas tradições, tanto no que diz respeito à cultura material quanto aos aspectos cosmológicos, que se relacionam ambos, com a cultura de outros grupos Tupi Mondé.

O tronco Tupi está localizado em todo o território brasileiro e abrange línguas faladas em vários outros países da América do Sul como Colômbia, Bolívia, Argentina, Guiana Francesa, Paraguai, Peru e Venezuela. Ele é um dos grandes agrupamentos de língua indígena no Brasil e atualmente é constituído por 40 línguas agrupadas em sete grandes famílias linguísticas: Arikém, Juruna, Mondé, Mundurukú, Ramaráma, Tuparí, Guarani, e três línguas isoladas no nível de família: Aweti, Puruborá e Sateré-Mawé.

As famílias Arikém, Mondé, Ramaráma e Tuparí se situam no Estado de Rondônia. A Mundurukú encontra-se restrita a alguns afluentes do Tapajós e do Madeira. A Jurúna limita-se a uma só língua: o Jurúna, no alto Xingú. Quanto às línguas isoladas, temos o Awetí, no

alto Xingu; o Mawé (Sateré), entre o baixo Tapajós, o baixo Madeira e o Amazonas; e o Puruborá, em Rondônia.

Com destaque para a família Mondé temos as seguintes etnias: Aruá; Cinta-Larga; Gavião - Ikõrõ, Digüt; Mekém; Suruí Paiter; Mondé- Sanamaikã, Salamã e; Zoró. Esta família contém três línguas: Suruí de Rondônia, Salamã (Mondé) e uma terceira língua composta dos quatro dialetos: Gavião de Rondônia; Zoró; Cinta Larga; Aruá (Moore, 2005).

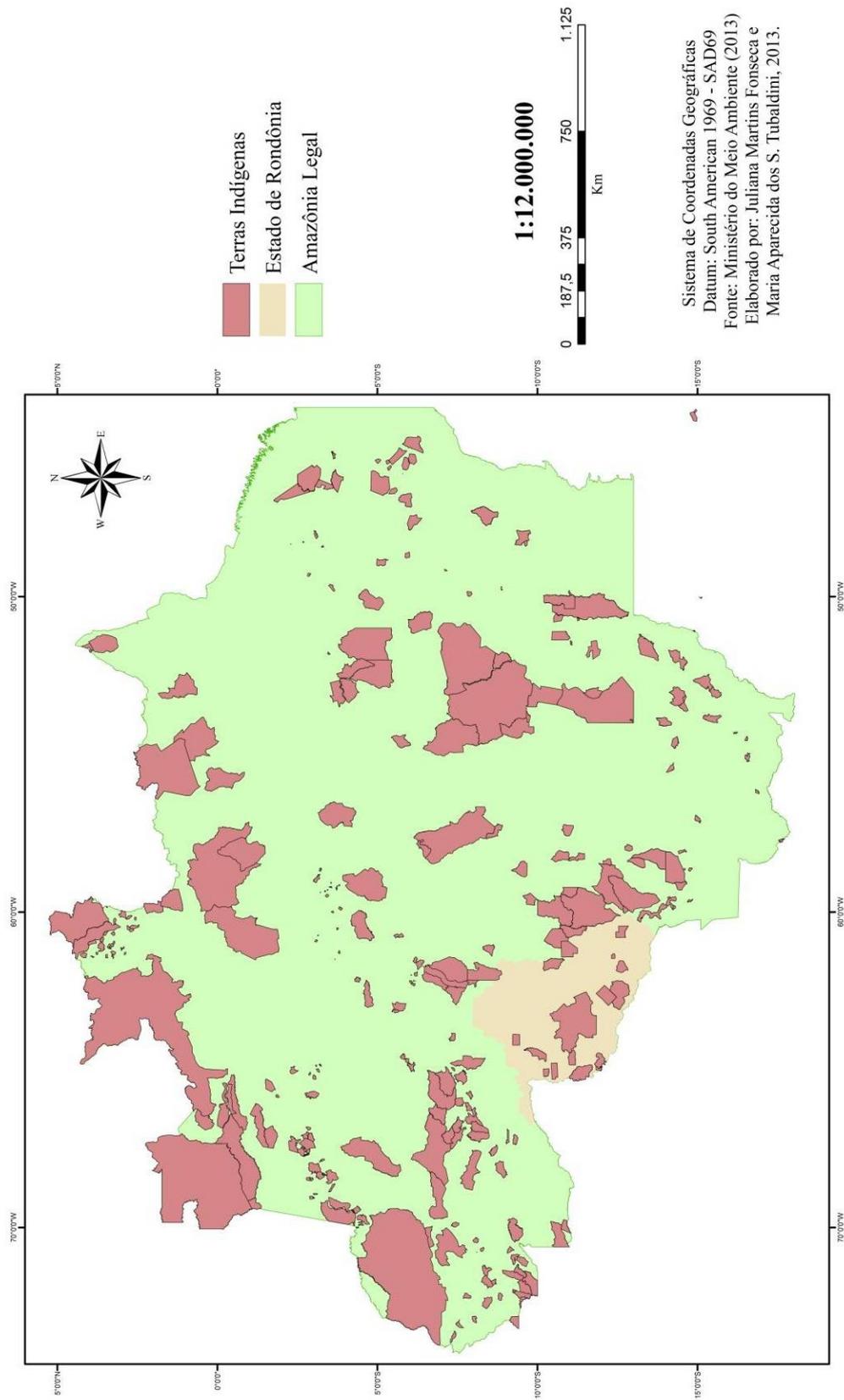
No Brasil do século XVI, segundo estudos históricos, havia uma população de mais de 1,5 milhão de indígenas. Atualmente eles somam aproximadamente 800 mil índios, isto é, cerca de 0,4% da população brasileira (FUNAI, 2013).

Destaca-se que o grande contingente populacional indígena do Brasil se localiza na região amazônica, justificado em grande medida pelo fato de parte da região ficar à margem, nos séculos passados, dos surtos econômicos. Todavia nas últimas décadas os incentivos as migrações em massa, dirigidas ou espontâneas; a expansão da fronteira agrícola; o agronegócio e a construção de infraestruturas, como estradas e hidrelétricas; promoveram uma nova realidade através das transformações nos campos políticos, religiosos e sociais para as populações indígenas.

Apesar da extinção ou redução significativa de alguns grupos ao longo da colonização do estado, atualmente Rondônia possui uma população de mais de 6.000 indígenas, distribuídos em aproximadamente 36 povos (FUNAI, 2013). A região amazônica possui uma diversidade de etnias e podem-se citar algumas localizadas no estado de Rondônia: os Aikaná; Jabuti; Mutum; Urupá; Ajuru; Kanoê; Nambikwara; Amondawa; Karipuna; Pakaanova; Arara; Karitiana; Paumelenho; Arikapu; Kaxarari; Sakirabiap; Ariken; Koiaia; Suruí; Aruá; Kujubim; Tupari; Cinta Larga; Makuráp; Uru Eu Wau Wau; Gavião; Mekén; Urubu, dentre outras, além dos grupos não contatados.

Esses povos habitam dezenoves TI, conforme demonstra o **Mapa 2.**, em sua grande maioria, em sociedades formadas por pequenos grupos, as quais vivem situações diversificadas: povos com vários anos de contato com a sociedade não indígena e outros ainda não contatados, vivendo livres em seus territórios tradicionais; povos que moram em aldeias e outros que moram em periferias de cidades; povos com seu território tradicional demarcado e outros sem território, ou vivendo em território de outros povos (Cimi, 2013).

Mapa 02. Terras Indígenas na Amazônia Legal Brasileira.



Os Suruí Paiter tiveram o primeiro contato pacífico com a sociedade brasileira em junho de 1969 em uma visita a Terra Indígena Sete de Setembro. Porém, os índios só se fixaram nesse posto no ano de 1973 em busca de assistência médica após uma epidemia de sarampo.

A TI Sete de Setembro está localizada em uma região fronteira, ao norte do município de Cacoal até o município de Aripuanã no Mato Grosso. É banhada pela bacia do rio Branco, afluente do rio Roosevelt e que se forma a partir da junção dos rios Sete de Setembro e Fortuninha. Em seu interior há três tipos de cobertura florestal: floresta tropical e área de tensão ecológica.

Os relatos dos indígenas no último ponto da travessia ajudam a escrever a história de contato entre o grupo e os chegantes para além da história oficial. Além disso, evidenciam que esse grupo também precisa migrar para a área.

O que o meu pai conta sobre isso para nós é que primeiro a gente morou lá em Espigão. E de lá que a gente veio. O pai do meu pai era cacique e o tio do meu pai era o pajé e aí desde então... quando eles vieram para cá e eles tiveram contato com o não índio e desde então metade da população indígena não conseguiu sobreviver. E aí desde então o meu pai fugiu com alguns índios até chegar aqui. E aí ele veio e eles pararam lá na aldeia e o pai decidiu que tinha que ficar em um lugar só... para... para a população crescer um pouco mais... Porque tinha sobrado pouca gente... Tinha sobrado só dez irmão do meu pai e três irmãs. E ele queria que as pessoas crescessem um pouco mais e ia continuar as pessoas e ele ia continuar o caminho sozinho. Ele fez a aldeia que a gente tá agora e não saiu mais. Desde Espigão a gente tá parado na aldeia. E o meu pai ficou no lugar do pai dele que era cacique (Oyener Suruí, 2013).

A iniciativa para conhecer a reserva ocorreu inesperadamente de uma atividade realizada na escola onde as crianças estudam. O grupo realizou o convite para conhecer a vida e paisagem da aldeia. Alguns homens que participam da caminhada ficaram receosos com a proposta, visto que, não tínhamos nenhum documento autorizando a nossa entrada pelos órgãos responsáveis. O maior medo repousa na dúvida sobre se conseguiríamos sair, contudo, a curiosidade ultrapassou os receios e pré-conceitos.

A primeira diferença observada na paisagem foram as estradas. Sempre de terra, mas muito bem conservadas nas paisagens dos chegantes, as estradas de acesso à aldeia eram precárias. Muito pó foi levantado e se agarrou a nós como uma criança se apega a mãe pedindo ajuda. O acesso difícil é enfrentado todos os dias pelos indígenas que entrevistamos e compreendi o motivo das estradas serem temas e sempre serem lembradas nas falas. Para chegar a aldeia, o sacolejar nos ajuda a entender como a trajetória dos indígenas é árdua.

Segundo relatos de índios Suruí Paiter, o grupo teria emigrado de Cuiabá para Rondônia, no século XIX, fugindo da perseguição de brancos. Durante a Segunda Grande Guerra Mundial (1939 - 1945) ocorreu um crescimento da população não indígena. Inicia-se o segundo ciclo da borracha e a mineração da cassiterita e, conseqüentemente, os conflitos entre os membros dessa etnia com os não índios.

A pressão sobre as aldeias foi intensa nas décadas de 1950 e 1960, culminando com o abandono de terras pelos indígenas. Apesar da criação da TI Sete de Setembro, cerca de um terço da população continuou a morar fora da área indígena, perto da vila de Espigão do Oeste, mudando em 1977 para outro posto da FUNAI criado na Linha 14.

Ao chegar na aldeia a má notícia chega: o nosso contato responsável pelo encontro e conduzir a conversa estava resolvendo um problema de extrema urgência. Um dos membros da aldeia havia sido preso no centro urbano de Cacoal e todos os homens estavam a partindo da aldeia para entender o que aconteceu e ajudá-lo. Persiste as ideias de solidariedade e comunidade. O problema de um membro é de todos da aldeia. Mesmo frente ao imprevisto, não desistimos de conhecer a paisagem.

O primeiro encontro com as mulheres e crianças do grupo aconteceu em uma área central da aldeia. Em círculo, as mulheres das mais diferentes idades, mas todas com o cabelo comprido e muito negro nos observavam. Algumas estavam deitadas na rede e iniciamos uma conversa que acabou por acalmar a minha euforia por estar em um local produzido de diversas formas pela minha imaginação.

Casas espalhadas e construídas de alvenaria estavam vazias. Todos estavam na roda para nos receber e conversar. E dessa experiência eu trago para além das memórias, lembranças de alguns objetos feitos com muito esmero pelo grupo. Percebi que chegantes e indígenas tinham em comum a vontade de habitar a Terra. Diferentes em seus objetivos e histórias, ambos os grupos possuíam fortes vínculos com a região e já se consideravam homens desse chão.

Há múltiplas formas de escrever e descrever o mundo, e na pesquisa, a paisagem foi a essência escolhida, porque guardamos nela nossas lembranças e imaginações. O homem habita um espaço vivido e percebido com todas as parciaisidades da imaginação, logo, a paisagem é obra da mente, sendo composta tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas e a cobertura da fauna e flora. Construí e construímos uma percepção diferenciada da Amazônia através dos atos e vivências de imaginar e de lembrar.

As experiências me abriram para aquilo que eu não era, colocando-me em contato com a alteridade e com o novo e o único. Desse modo, essa é uma experiência que proporciona a expansão do olhar diante da realidade, transcendendo os esquemas perceptivos que condicionam o olhar cotidiano, quase sempre mediado por pré-conceitos e crenças limitadoras.

Na fronteira entre o mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam outras direções, traçam os caminhos para outros mundos (Dardel, 2011). A partir das ideias e noções de Bachelard (1998) e Dardel (2011) considero que a paisagem seria externa aos olhos de um geômetra, mas, para um geógrafo e os homens da Amazônia, a paisagem existe no interior de nós.

A abertura à diferença e ao novo é essencial para que reconheçamos a possibilidade de mudança. A transformação social começa por uma mudança de perspectiva e um esforço individual e coletivo para enxergar possibilidades satisfatórias e justas de construir nossas próprias vidas, relações sociais, trabalho, nosso presente e futuro.

A paisagem reveste-se de elementos nostálgicos que invadem a consciência e permitem ao homem se contaminar por recordações e evocar fragmentos do passado (Costa, 1993-2008). Cada palavra, cada gesto, cada pedacinho dessa gente e de seus lugares, quase invisíveis, foram se acumulando e indicam uma forma singular de vida que revela o irrealizável e exprime o inexprimível.

Termino a travessia como uma nova inquietação: “A Amazônia está em mim/nós ou o outro?” O meu movimento sobre a paisagem permitiu resgatar das ruínas os projetos de vida das populações que fizeram da Amazônia seus sonhos de passado, presente e futuro. Há uma relação de respeito, gratidão e cumplicidade com a Terra. O homem libera a todo instante uma partícula de si no mundo, que por sua vez, constitui uma camada desse Ser. Logo, é pertinente entender as relações entre as essências paisagem e lugar.

A espacialização do homem como parte de um mundo vivido é um gancho que a integra a Geografia à fenomenologia. A relação homem-meio analisada de maneira integrada deve considerar não apenas os aspectos físicos e biológicos de um e de outro, mas também a relação imaterial existente entre ambos. No relacionamento do homem com a paisagem se formam os lugares. Ao habitar nós construímos um lar: um lugar onde estabelecemos relações afetivas pelas vivências com o outro e com a Terra. Os chegantes estabeleceram relações

afetivas que vão além das dificuldades materiais enfrentadas ao longo dos anos de vida na floresta e os indígenas possuem na Terra a base de suas crenças e reprodução.

3.3. A *geograficidade* de Dardel

O estudo da paisagem está associado à *geograficidade* do indivíduo, porque seria a convergência de todos os elementos, um momento vivido. Para Dardel (2011), a paisagem é a *geograficidade* humana, significando a inserção do elemento terrestre entre as dimensões fundamentais da existência humana. Ela enquanto essência define a relação ser-no-mundo. É uma ideia que encerra todas as respostas e experiências que temos dos ambientes em que vivemos. A *geograficidade* é a cumplicidade constante do homem com o seu entorno. Segundo Dardel (2011), a *geograficidade*

Refere-se às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos os ambientes em todas as suas formas, e refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, que são as bases e recursos das habilidades do homem e para as quais há uma fixação existencial (DARDEL, 2011, p. 28).

A construção dos valores e das atitudes de um grupo ocorre através da experiência, ou seja, pelas formas que damos sentido ao que somos e ao que nos acontece. A palavra experiência vem do latim *experiri* e significa provar e experimentar. Ter uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; se apodera de nós, nos tomba e transforma.

A pausa para os relatos dos chegantes e indígenas permite que eles reflitam e ressignifiquem suas experiências através do resgate da memória. A minha pausa para contemplar e sentir a Amazônia permite que eu seja presença no mundo. O de-morar-se é necessário para que o mundo, e no caso, a paisagem nos atinja.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24).

A experiência é singular, logo, ela produz diferença, heterogeneidade e pluralidade. Envolve as dimensões da travessia e do perigo. Na relação imediata estabelecida pelo corpo

com o meio o choque perceptivo é intenso. As experiências com a Amazônia sempre evidenciam uma imensidão de cores, sons, odores e sabores.

Nos relatos dos chegantes e indígenas é sempre evidenciado os sons da floresta, o cheiro da terra, as cores do céu e das plantas e o calor intenso, reavivando a paisagem através de todos os sentidos do corpo. Este é ponto de partida para aquilo que está além do trivialmente discutido nas pesquisas sobre a paisagem. Na pesquisa, as informações do mundo corpóreo são captadas pelos sentidos e reorganizadas na mente criando diferentes imagens sobre a Amazônia que formam um saber da experiência e penetram na consciência.

A experiência é o que nos acontece e o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo e pessoal que tem sua origem na percepção. A percepção não é um ato ou uma tomada de posição deliberada, mas o entrelaçamento do corpo com o mundo.

A percepção é um processo individual e subjetivo que se desenrola sobre a totalidade do espaço. Lowenthal²⁸ (1985) contribui para o entendimento dessa multiplicidade de visões de mundo quando sinaliza que

As visões particulares do mundo divergem uma das outras, até mesmo no interior dos limites colocados pelas necessidades lógicas, fisiologia humana e padrões de grupo. Em qualquer sociedade, os indivíduos com embasamento cultural semelhante, que falam a mesma língua, ainda percebem e compreendem diferentemente o mundo (LOWENTHAL, 1985, p. 132).

O acontecimento é comum, mas a experiência é singular e impossível de ser repetida. O saber da experiência é o modo como alguém vai respondendo ao que lhe vai acontecendo ao longo da vida e como vamos dando sentido ao que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (Bondía, 2002). Portanto, nos relatos e experiências dissertados na pesquisa, não busco confirmar ou contestar a história oficial de Rondônia. As diferentes geograficidades e imagens compõem a realidade da Amazônia.

As paisagens contêm lembranças e as últimas também são compostas de paisagens. Acredito que a memória da terra contempla a memória do homem. A Geografia Humanista tem repensado o papel da memória humana enquanto ferramenta de movimento dentro de uma produção de conhecimento sobre o espaço. Um dos conceitos de memória é o de lembrar,

²⁸ CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). Perspectivas da geografia. 2ª Ed. São Paulo: DIFEL, 1985.

criar e recriar o passado. Por outro lado, Martins (2013) reflete sobre a complexidade da memória e sua relação com a narrativa de vida. A narrativa é uma forma típica da vida social, uma vida preenchida de ações e eventos.

O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser no futuro. As histórias que relembramos não são apresentações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem as nossas identidades e aspirações atuais.

Os homens dão sentido às paisagens ao ativar experiências. Organizadas na forma de narrativas essas experiências operam como elementos centrais no processo da formação identitária. Compomos nossas reminiscências²⁹ para dar sentido a nossa vida passada e presente. De certa forma, nós as compomos ou construímos utilizando linguagens e os significados conhecidos de nossa cultura.

A memória é um processo de construção pessoal e espacial do homem que se baliza nas experiências. Portanto, a experiência nunca termina, porque estamos constantemente refazendo-as e dando-lhes novo sentido no ato de relembrar. Nossa memória é feita de imagens que aparecem e desaparecem independente de nossa vontade. Esse movimento de lembrar interfere na relação do homem com a Terra, uma vez que a memória e o ato de lembrar são complexos e constituídos de fragmentos da experiência.

O homem e a Terra acabam se confundindo em suas existências. Eles se buscam, se encontram e se reconhecem. A Terra é o corpo humano em grande escala (Tuan, 1983). Para o homem a Terra é “aquilo que ele surge no Ser, aquilo sobre o qual ele erige todas as duas obras, o solo de seu hábitat, os materiais de sua casa, o objeto de seu penar, aquilo a que ele adapta sua preocupação de construir e erigir.” (DARDEL, 2011, p. 41). As experiências possibilitam que os homens encontrem lugares na Terra. Logo, os chegantes ao explorar e conhecer a Amazônia tornam esse espaço, e paisagem, o seu lugar.

Os saberes e fazeres humanos que atribuem significados e organizam as paisagens fazem a mediação entre o mundo interior e o mundo exterior. A paisagem faz parte da realização humana, eivada de um significado pleno no seu sentido fenomenológico e que

²⁹ Segundo THOMSON (1997) reminiscências são passados importantes que compomos para dar sentido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes.

corresponde a recordação, aos odores e a saudade que se cristalizam em um imaginário que vai além da aparência da paisagem. Ela vai se configurando e criando características próprias.

É preciso amar a paisagem para descrevê-la tão minuciosamente como se nela houvesse moléculas de mundo. Ela é o momento de reconciliação frente aos conflitos e rupturas. Logo, ela não é somente um fenômeno visível, porque possui uma imaterialidade ligada aos sentidos e trajetórias. A imaterialidade da paisagem revela o lugar e resgata a identidade dos homens.

O lugar está relacionado com as experiências íntimas do homem com dada porção do espaço. Ele pode, de maneira geral, ser definido como um centro onde se constroem relações emocionais que integram elementos simbólicos e culturais. Nas correntes fenomenológicas para a descrição do lugar são privilegiadas qualidades como a subjetividade, intuição, sentimentos, experiências e simbolismos, acentuando assim o singular e não o geral.

Os lugares são oriundos de interesses distintamente humanísticos, como por exemplo, a natureza da experiência, a qualidade da ligação emocional aos objetos físicos, as funções dos conceitos e símbolos e as crenças e valores dos grupos. Nessa perspectiva, ele pode ser definido como histórico, relacional e identitário.

A sua constituição envolve especificidades históricas e geográficas e abrangem a experiência, o aprendizado, a imaginação e a memória. Portanto, nos relatos os homens amazônicos refletem uma imagem deles próprios; tomam consciência do que eles partilham e do meio que os envolve.

A construção de lugares envolve sentimentos e conexões pessoais, porque qualquer experiência é preenchida de sentidos. Segundo Christofolletti (1985), o lugar deve representar significância afetiva para o indivíduo, por isso

O lugar é aquele que o indivíduo se encontra ambientado, no qual está integrado. Ele faz parte do seu mundo, dos seus sentimentos e afeições; é o “centro de significância ou um foco de ação emocional do homem”. O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas (CHRISTOFOLETTI, 1985, p. 22).

Tuan (1983) é um dos grandes estudiosos do lugar. Para o autor, o espaço se transforma em lugar quando adquire algum significado, por isso os lugares são concebidos a partir de nossas experiências com o mundo, e logo, das nossas intenções, ações e imaginações. As experiências dos chegantes, indígenas e minhas relavam o nosso envolvimento e pertencimento com uma porção do espaço, portanto, do nosso lugar.

A questão temporal deve ser dimensionada nos estudos sobre os lugares. Não devemos nos ater somente ao estado atual dos fatos e cenário, visto que, há uma evolução dos fatos que se expressam sobre a paisagem. O mundo vivido não é um mero mundo de fatos e negócios, mas um mundo de valores e bens. Está ancorado num passado e direcionado para um futuro, portanto, é um horizonte compartilhado, embora cada indivíduo possa construí-lo de um modo singular. A segunda parte da pesquisa contribui para esse aspecto, visto que, apresentamos a história da região antes da chegada dos chegantes.

O resgate do passado contribui para a reconstrução da paisagem, e conseqüentemente, compreensão do lugar. Os lugares contêm e expressam as lutas e os conflitos dos grupos pelo domínio de estratégias de reprodução e permanência de suas culturas. Tudo é valor humano, logo, a paisagem que está fora, penetra o meu interior e passa a constituir o(s) meu(s) lugar (es).

Os lugares são fruto das experiências íntimas, por isso, são oriundos de relações profundas do homem com o meio. O lugar é uma porção da Terra significada pelo homem. Nessa perspectiva, a Terra é o homem e o homem é a Terra. Tentativas de pensar o homem e a natureza de uma forma orgânica e integrada se tornam difíceis nas ciências modernas positivistas. O mesmo não ocorre na perspectiva fenomenológica. Somos feitos de natureza: vivos na natureza e mortos também por ela. Somos dependentes e transformadores; somos encantados na contemplação e, às vezes, medrosos na imensidão; temos natureza dentro e fora de nós (Schama, 1996).

A associação entre geograficidade, lugar e paisagem tem sido fértil, permitindo uma compreensão fenomenológica da experiência do homem com o mundo. As conversas com os chegantes e indígenas permitiram que eu desvendasse a concretude da experiência enquanto fundamento da consciência. O homem está em um constante caminhar. Essa é uma relação concreta que liga o homem a terra e permite entender a geograficidade do homem como o modo de sua existência e o seu destino (Dardel, 2011).

Na fronteira entre mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, temos a liberdade do espírito. A fronteira só se opõe, como fronteira, de uma liberdade humana que a afronta ou que se sente protegida, que a franqueia ou a respeita. A fronteira não é mais o limite e a separação, mas representa o encontro: entre os diferentes e a diferença. Eu cheguei e me deparei com o novo e o Outro. Permitir-me conhecer e me perder por caminhos que não eram meus, mas que agora permanecem em mim.

Os chegantes se depararam com o estranho e com as incertezas. Buscaram dominar esse ambiente, mas acabaram por ele, sendo dominados. Eles de fora, pensaram que poderiam imaginar, denominar e demarcar essa terra, mas somente a experiência e vivência permitiu alcançar o real. Nós chegamos, transformamos e fomos também transformados.

As primeiras imagens sobre a Amazônia são elaboradas e divulgadas pelo estado Brasileiro, ou seja, são construídas pelo Outro. Contudo, somente as experiências propiciam que se decante o conhecimento sobre a região. Os chegantes conheceram a Amazônia pela ação em uma apropriação através da conquista.

A paisagem para eles emerge como expressão fiel da existência, porque se refere a um mundo onde o homem realiza sua existência como presença circunspecta e atarefada. A paisagem transforma o seu sentido porque não está ao alcance do olhar. Ela não é, em sua essência, feita para se assistir, mas é o local da inserção do homem no mundo, de um combate pela vida, da manifestação do seu ser com os outros e da base de seu Ser (Dardel, 2011).

Mesmo desgastado pelo uso, o vocabulário afetivo afirma que a Terra é apelo ou confiança, que a experiência do rio, da fauna e flora é qualificadora. Muito mais do que a justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma impressão, que une todos os elementos naturais e humanos do espaço e se transforma em lugar.

3.4. A construção da identidade através da memória

A memória é compreendida como um fenômeno individual e relativamente íntimo. Contudo, ela pode também ser entendida como um fenômeno coletivo e social, pois é construída coletivamente e submetida a flutuações, transformações e mudanças constantes. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante.

Os conflitos para determinar quais datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo são comuns. Logo, a preocupação em organizar a memória frente a preocupações políticas revela que ela é um fenômeno construído, seja de forma consciente ou inconsciente. “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 423).

Individualmente relembramos fatos e imagens para construir a realidade. A memória age como um registro do cotidiano, por meio de uma imagem-lembrança resgatada quando necessário. Essa memória depende de uma experiência singular e se instala no corpo localizado no presente e que se projeta para o futuro. A reflexão da pesquisa se baseia tanto na dimensão da experiência como na memória.

A memória é um fenômeno social que representa uma forma de linguagem. Na memória se tem a comunicação entre os símbolos, significados e as noções comuns que compartilhamos. Ela se alia ao mundo material e permite que o homem se aproprie e pertença ao mundo. Ao imaginar e experienciar determinada porção do espaço estamos praticando uma geografia primitiva que revela e define aspectos da essência do Ser.

A memória é fundamental na pesquisa, porque é por ela que os sujeitos tecem suas narrativas. Abarca um conjunto de impressões, lembranças e experiências recriadas pela linguagem. Essas narrativas são o ato de lembrar e recriar imagens em um movimento duplo, pois também aos velhos sentidos são atribuídos novos. A memória gira em torno da relação passado-presente e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências.

As memórias oferecem possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias. O homem é um vivente com palavra. Isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra. Todo ser humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra e está tecido de palavras. O modo de viver próprio do homem se dá na palavra e com a palavra. As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras, pois se referem as crenças, trajetórias e identidades elaboradas no processo de habitar a Terra (Pollak, 1992).

Ao ouvir as memórias dos homens da região a minha visão sobre a Amazônia foi alterada. A oralidade revelou as identidades. A história e a memória podem mobilizar as pessoas, justificando a importância de se considerar narrativas cotidianas, bem como, as realidades por elas construídas. As narrativas apresentaram histórias que compõem um mosaico de paisagens.

As distorções da memória mais do que um problema se apresentam como um recurso, porque revelam as diferentes formas que os homens podem perceber e imaginar o espaço. Essa pluralidade permite que se evidenciem as razões pelas quais se constroem as memórias

específicas, os significados subjetivos das experiências vividas e a natureza da memória individual e coletiva. A subjetividade é uma característica indestrutível dos seres humanos e revelará mais do que uma interferência, uma maior riqueza de detalhes sobre um mesmo fato (Portelli, 1996).

A memória com o passar dos anos, através de pesquisas relacionadas com os silêncios, esquecimentos, hesitações, gestos ou expressões, fortaleceu o recurso do testemunho. A motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar (Portelli, 1996).

Ao narrar através da memória às transformações da paisagem o observador acaba por revelar sua própria capacidade de ver, interpretar e influir na história. A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência a critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e de credibilidade, e se faz por meio da negociação direta com outros.

Há uma relação de aproximação entre a memória e a identidade, visto que, construímos nossa identidade a partir de histórias de outras pessoas a nosso respeito, nossas próprias histórias sobre nós, histórias a respeito do nosso passado e presente e acerca daquilo que queremos nos tornar. “Nossa identidade é nossa percepção de quem somos agora, quem fomos e quem queremos nos tornar, não é apenas uma história, pode ter várias correntes, pode ser fragmentada. A memória é obviamente uma parte crucial disso, pois uma parte muito importante é, “de onde vim”, “como me tornei quem sou agora” (THOMPSON, 1997, p. 80).

Memória e identidade são valores disputados em conflitos sociais. Identidades coletivas contém o sentimento de unidade, continuidade e coerência. Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida (Hall, 2007). Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença.

A identidade não é sólida, mas líquida, depende dos caminhos percorridos, das relações de pertencimento, sobretudo, para aqueles marginalizados da globalização, envolvidos nas consequências desastrosas de um projeto frustrado de colonização imposto de fora para dentro. Nesse oceano de acontecimentos, a identidade deve ser percebida como uma tentativa constante em refazer e reinventar sua própria história.

O partir e o voltar devem ser analisados a partir de dois aspectos que os estrutura: o primeiro é mundo lá fora, em toda a sua vastidão que envolve o homem e o motiva a sair e; o mundo no qual a vida permanece ligada a um centro ou ponto de referência o qual se vinculam todos os seus caminhos. O homem precisa estar enraizado a um centro a partir do qual serão referidas todas as circunstâncias espaciais. Esse centro, nessa reflexão, é o lugar.

O lugar é fundamental para a construção de todas as relações temporais e espaciais do ser-no-mundo, logo, a essência do homem está ligada à existência de tal centro. Ele possibilita ao homem um enraizamento mais profundo na vida e constitui um elemento de estabilidade, porque recolhe o disperso e se torna um ponto de apoio a existência dos grupos.

Os homens que agora se sentem confortáveis na Amazônia são invadidos pela felicidade do habitar. O corpo constitui o ponto de vista do ser-no-mundo. Para Merleau-Ponty (1999) o homem habita no corpo, na casa, nas coisas, no mundo, no espaço e no tempo. O habitar determina a relação do homem com o mundo na sua totalidade, ou seja, habitar é o modo de se alcançar a plenitude do verdadeiro Ser.

Os homens da Amazônia são distintos em sua trajetória e experiências: os indígenas foram durante anos submetidos as forças e lógica dos homens brancos capitalistas e civilizados; os seringueiros vieram do Nordeste para fugir da seca e mergulhar na aventura de tirar o leite da mata; os ribeirinhos dominaram as águas e por elas foram transportados para uma nova forma de de-morar-se nas águas; os chegantes depois de muito caminhar fincaram os seus pés, vidas e sonhos na terra. Diferentes em seus olhares e ações, em comum, atualmente eles possuem a certeza de terem encontrado na floresta o seu lugar. Se a floresta antes era o meio que o cercava, depois de habitá-la, eles dela fazem parte.

Diferentes por muito tempo, agora eles são iguais, pois juntos são parte da paisagem amazônica. E juntos se unem na vontade de permanecer na Terra e de protegê-la visando que as gerações futuras e seus descendentes permaneçam e reconheçam suas origens. Além de refletir sobre as experiências, foi possível através dos relatos verificar as intencionalidades da consciência na produção das imagens. As experiências revelam as estruturas das relações do Eu com o Outro. A paisagem se torna lugar porque é a porção do espaço onde encontramos as coisas, os outros e a nós mesmos. Ao me encontrar, encontro a minha identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem não se reduz a memória ou a uma espécie de contador da existência. O ato de imaginar é um encantamento destinado a fazer aparecer o objeto no qual pensamos, a coisa que desejamos, de modo que dela possamos tomar posse. A essas ordens da consciência os objetos aparecem em um modo de existência particular. A imagem está em constante movimento, por isso, elas se recriam, multiplicam e superpõem em um processo que parece não ter fim. Na realidade amazônica o mundo tem limites fundidos e confundidos com o real.

Algumas imagens estão associadas à noção de alienação, ou seja, apontam as contradições entre o seu produtor e o produto. O imaginário seria uma espécie de solução fantasiosa para essas contradições. Criamos uma imagem de um determinado elemento sem antes estarmos ligados diretamente à percepção do mesmo. Porém, há imagens produzidas sobre algo que nunca nos foi dado ou até mesmo percebido, como por exemplo as imagens das tríades criadas pelo Estado brasileiro ou discurso ambientalista.

A diferença entre imagem e ideologia repousa no fato que a primeira está carregada de afetividade e de emoções criadoras e poéticas. Em contrapartida a segunda está investida por uma concepção de mundo que pretende impor um sentido definido e perverte o real material.

As imagens sinalizam uma identidade, porque estão conectadas à consciência. Imagens essas que são, às vezes, herdadas de gerações passadas e funcionam como registros a partir dos quais classificamos, interpretamos e valorizamos a nossa história e identidade. Os registros também estão amarrados à imaginação e aos sentidos.

Criamos imagens de uma paisagem sem estarmos ligados diretamente ao mesmo. Essa são imagens "produzidas" sem apoio real na percepção são, portanto, transfiguradas e deslocadas, criando relações inexistentes no real. As imagens nesse sentido se tornam uma representação. A fenomenologia estuda a imagem a partir da consciência individual, do sujeito, bem como a repercussão dessa imagem em sua existência. A imagem é obra pura da imaginação, logo, um fenômeno do Ser.

As imagens apresentadas e discutidas na pesquisa são tanto visuais, oriundas de fotografias, quanto verbais e conceituais. As primeiras são físicas e as últimas são as imagens mentais que criamos a respeito de algo e que acabam por influenciar e compor a nossa

realidade. A Amazônia será reinventada por imagens, falas e escutas dos seus moradores. Ao dar voz as experiências é possível melhor compreender a paisagem.

As percepções da Amazônia, descritas por viajantes no período colonial, estavam atreladas a um olhar comparativo ao de outros locais, desconsiderando as especificidades da região. Contudo, nos relatos dos chegantes e indígenas foi possível observar que para os homens amazônicos atualmente a paisagem contém os elementos da cultura do Norte. Essa cultura é composta por mitos, misturas raciais, cheiros e rituais, a paisagem, portanto, está à disposição do corpo e escondida na mente. A imaginação permite que ela seja considerada para além da sua materialidade. A paisagem chega originariamente como sentir. Temos revelados nesta porção do espaço o sentir, o querer, o conhecer e o pensar: a totalidade do ser humano e da natureza.

Evidencio na reflexão as relações entre imagem, imaginação, percepção e memória. A memória possui um caráter imagético, porque as formas da realidade tomam significação quando se transformam em formas mentais da realidade. O corpo age como instrumento de seleção e o movimento permite que a imagem se torne percepção, logo, a última é uma imagem relacionada à certa atitude do corpo. Através da memória essa percepção se aprofunda e toma uma significação. Por sua vez, a imaginação nos permite elaborar projetos existenciais para o futuro.

Os depoimentos coletados são uma exposição de eventos que ocorrem ao longo do tempo. Tempo cuja significação é determinada pelo significado atribuído aos eventos em seu próprio ritmo. O ato de construir uma narrativa é mais do que “selecionar” eventos da vida real, da memória ou da fantasia, porque no processo de relatar as experiências os próprios eventos constroem a identidade do homem.

A paisagem é a geograficidade humana, significando a inserção do elemento terrestre entre as dimensões fundamentais da existência humana. Ela conjuga o passado, o presente e nos aponta o futuro em uma convivência de diferentes temporalidades que faz de cada uma delas única. A paisagem possui uma dimensão sensível e simbólica, e não é meramente o mundo que nós vemos, mas uma construção desse mundo. As imagens, percepções e experiências possibilitam ao chegante tomar consciência de seus pensamentos, ideias, atitudes e a encontrar uma maneira de tornar familiar o que lhe era desconhecido.

É pelo corpo que o sujeito está imerso no mundo, percebendo-o através de seus sentidos, dirigindo sua atenção para determinado objeto e abrindo-se às possibilidades de

significação que este lhe propõe. A experiência nasce desse encontro sensível entre homem e objeto/meio. Ela não está em nenhum dos polos isoladamente, mas na interação estabelecida entre eles. A experiência comporta sempre uma abertura e amplia o horizonte vivencial dos que nela se engajam, pois possibilita a compreensão da realidade.

Há nos trabalhos fenomenológicos um interesse pelo contexto material de cada experiência, isto é, pelas condições materiais que possibilitam sua ocorrência. O enfoque compreende, portanto, o homem enquanto ser-no-mundo, na situação de estar lançado, sendo presente e presença. A experiência proporciona o contato com a alteridade, com o diferente, com o inesperado; engajando em uma forma de percepção diferente da cotidiana. Surge nesse processo uma percepção sensível e criativa.

A minha preocupação ao apresentar as imagens e paisagens responde por evidenciar o diálogo entre o homem e o meio. O homem habita a Terra. O habitar não significa somente pisar sobre a superfície, mas colocar sobre o solo toda a nossa subjetividade. Por isso, não existe imaginário sem paisagens para imaginar e, por conseguinte, não há paisagens que existam sem imaginar. As ações sobre a paisagem e as relações que propiciaram que o estranho se tornasse familiar revelam as vontades, sentimentos e percepções envolvidos no habitar a Terra, ou seja, habitar a Amazônia.

Normalmente as populações tradicionais e povos tribais não produzem testemunhos escritos de seus dramas e tragédias do processo de ocupar o espaço. A pesquisa contribuiu para escrever um capítulo da história da colonização de Rondônia em que são focados aspectos ligados a repressão, opressão e mortes.

Nas narrativas dos homens dessa terra me foi apresentada uma nova Amazônia. A floresta não era somente a mata, os rios, o sol, os ventos e os animais. A floresta era também composta por homens que saíram do seu silêncio para trazer o grito da esperança e da força. As histórias que inicialmente pareciam estar sem rumo, no fim revelavam que os descaminhos e se perder são necessários para que realmente possa se encontrar o mundo da vida.

A Amazônia não está apenas em uma área localizada no território brasileiro. A Amazônia está em mim e nos homens que nela residem. Ter a Amazônia em mim implica um comprometimento político e social, que não se reduz à descrição e análise das características físico-naturais, dos modos de vida e práticas existentes região. Esse comprometimento está para além do local de nascimento dos homens, mas faz parte de um interesse comum em

evidenciar e valorizar uma paisagem única marcada por uma história de desigualdade e também dar voz aos homens que por muito tempo foram calados ou ignorados.

José de Souza Martins, 1996, p. 15, afirma que “chegante não é simplesmente quem chega, mas quem chega para ficar, para se tornar membro do grupo, quem compartilha solidariamente e fisicamente o destino dos que estão em busca de um lugar. Quem chega e vai embora não fica, pois, na concepção local, nem mesmo chegou. Apenas passou”. Eu cheguei e me deparei com o novo. Permitir me conhecer e me perder por caminhos que não eram meus, mas que agora permanecem em mim. Eles chegaram e se depararam com o estranho e com as incertezas. Buscaram dominar esse ambiente, mas acabaram por ele sendo dominados. Os de fora, pensaram que poderiam imaginar, denominar e demarcar essa terra, mas somente a experiência permite que conheçamos o real. Nós chegamos e nos transformamos.

REFERENCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda. de. (org.) **Geografia, leituras culturais.** Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. Goiânia: Alternativa, 2003.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. **A formação do conceito de paisagem geográfica: os fundamentos clássicos.** In: Encontro Interdisciplinar sobre o estudo da paisagem. Rio Claro: UNESP, 1998, p. 123-138.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.
- BARROS, Paulianno das Mercês; PÁDUA, Letícia. **As noções acerca da paisagem para a geografia: o percurso para o fundamento fenomenológico.** 3º Colóquio Ibero-Americano: Paisagem cultural, patrimônio e projeto- desafios e perspectivas. UFMG: Belo Horizonte, set. 2014, p. 1-15.
- BECKER, Bertha Koiffmann. **Fronteira Amazônica: questões sobre a gestão do território.** Brasília: UNB; Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.
- _____, Bertha Koiffmann, GOMES, Paulo C. da. Meio ambiente: matriz do pensamento geográfico. In: VIEIRA, P. F., MAINON, D. (Orgs.). **As Ciências sociais e a questão ambiental: rumo à interdisciplinaridade.** Belém: UFPA/NAEA, 1993, p. 148-74.
- _____, Bertha Koiffmann. **Amazônia.** São Paulo: Editora Ática, 2001.
- _____, Bertha Koiffmann. **Amazônia: geopolítica na virada do III milênio.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra:** seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BICALHO, Ana Maria de Souza Mello. **Construindo capital social na Amazônia brasileira.** In.: Anais do 17th Annual Colloquium of the IGU Commission on the Sustainability of Rural Systems, 2009.
- BINSZTOK, Jacob. Cacoal - RO: a constituição de um campesinato na fronteira agrícola da Amazônia meridional. **GEOgraphia**, ano V, nº 10, 2003, p. 7-23.
- _____, Jacob; ERTHAL, Rui. TUBALDINI, Maria Aparecida dos Santos; DEUS, José Antônio Souza de; MACEDO, Giovanni Raimundo de. **Projetos integrados de colonização:** paradigma da contra-reforma Agrária promovido pelo regime militar nos anos 70 na

Amazônia. Niterói: Anais do V SINGA, 2009. Disponível em: <http://www.uff.br/vsinga/trabalhos>. Acesso em 10 de maio de 2015.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, p 20- 28.

BRASIL. **Decreto N. 58.380**, de 10 de maio de 1966. Aprova o Regulamento da Lei que 10 de maio de 1966.

BRASIL. **Lei 1106**, de 16 de junho de 1970. Cria o programa de Integração Nacional, altera a legislação do imposto de renda das pessoas jurídicas na parte de incentivos fiscais e dá outras providências. Brasília, DF, 16 de junho de 1970.

BRASIL. **Lei 5727**, de 04 de novembro de 1971. Dispõe sobre o Primeiro Plano Nacional de 74. Brasília, DF, 04 de novembro de 1971.

BRASIL. **Lei complementar Nº 41**, de 22 de dezembro de 1981. Cria o Estado de Rondônia, e dá outras providências. Brasília, DF, 22 de dezembro de 1981.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Decreto N. 6.040**, de 07 de Fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília, DF, 7 de fevereiro de 2007.

CALVENTE, Atila Torres. **Formações não capitalistas no movimento de ocupação da Amazônia: colonização agrícola em Rondônia – 1970/1980**. Dissertação (Mestrado em Economia). Brasília: Instituto de Ciências Humanas, 1980.

CHAUÍ, Marilene. **Convite a filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. (Org.). **Perspectivas da geografia**. 2ª Ed. São Paulo: DIFEL, 1985.

CIMI. **Conselho Indígena Missionário**. Disponível em <http://www.cimi.org.br>. Acesso em maio 2013.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

_____, Paul. A Paisagem dos Geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p. 13-74.

COLFERAI, Sandro Adalberto. **Jornalismo e identidade na Amazônia as práticas culturais legitimadas no jornal Diário da Amazônia como Representações identitárias de Rondônia**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Porto Alegre: Pontifícia

Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em www.dominiopublico.gov.br. Acesso em 10 de maio de 2015.

COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre a percepção das paisagens. **Boletim de Geografia Teórica**, v. 20, n. 39, 1990, p. 21-32.

COSGROVE, Dennis. Geografia Cultural do Milênio. In: R.L. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROZENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998, p.7-11.

COSTA, Otávio. Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares. **Revista Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, edição comemorativa, 1993-2008, p. 149-156.

COY, Martins. Desenvolvimento regional e planejamento do desenvolvimento regional na periferia da Amazônia Problemas e conflitos de interesse no desenvolvimento de uma frente pioneira jovem no exemplo do estado brasileiro de Rondônia. In: AUBERTIN, C. (Org.). **Fronteiras**. Brasília: Universidade de Brasília, 1988. Disponível em: <http://horizon.documentation.ird.fr>. Acesso em maio 2012.

CUNHA, Euclides. **Obras completas**. Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1966.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DARTIGUES, A. **O que é a fenomenologia?** 3. Ed. São Paulo: Moraes, 1992.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente**. Petrópolis: Vozes, 1993.

DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.) **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

DEUS, José Antônio Souza de. **Territorialidade e cultura dos povos indígenas (áreas norte-amazônicas e Juruá-Purus)**. (Tese em Geografia). Rio de Janeiro: IGEO/UFRJ, 2003.

DIEGUES, Antônio Carlos. Populações tradicionais em unidades de conservação: o mito moderno da natureza intocada. In: VIEIRA, P. F.; MAIMON, D. **As ciências sociais e a questão ambiental: rumo à interdisciplinaridade**. Rio de Janeiro: APED/ NAEAP-UFGA, 1993, p. 219- 262.

- _____, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: NUPAUB - Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – USP/Hucitec, 2008.
- DUNCAN, James. A paisagem como sistema de criação de signos. In: Corrêa, R. L.; Rosendahl, Z. (orgs) **Paisagens, textos e Identidades**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004, p. 90-132.
- FUNAI. **Fundação Nacional do Índio**. Etnias Indígenas do Brasil. Disponível em <http://www.funai.gov.br/>. Acesso set. 2012.
- GADELHA, Regina Maria A. Fonseca. Conquista e ocupação da Amazônia: a fronteira Norte do Brasil. **ESTUDOS AVANÇADOS**, n 16, 2002, p. 63-81.
- HALL, Stuard. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomás Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 103-133.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução revisada de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 4 ed. Editora Vozes: Petrópolis, 2009.
- HISSA, Cássia Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade**. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: EditoraUFMG, 2006.
- HOLZER, Werther. **A geografia humanista: sua trajetória de 1950 a 1990**. (Dissertação em Geografia). Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- _____, Werther. A Geografia Humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, UERJ/NEPEC, n. 3, 1996, p. 8-19.
- _____, Werther. A construção de uma outra ontologia geográfica: a contribuição de Heidegger. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 35, n. 2, mai./ago., 2010, p. 241-251.
- HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade européia e a filosofia**. (Tradução de Urbano Zilles) Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em agosto 2014.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Biblioteca- Fotografias e Censos. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.
- INSTITUTO ANTROPOS. **Pesquisa sociocultural e missiologia aplicada**. Disponível em: <<http://instituto.antropos.com.br>> Acesso em maio 2013.
- ISA. **Instituto Socioambiental**. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org/>>. Acesso em maio 2013.

- KELLY, B.; LONDON, M. **Amazônia: um grito de alerta**. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- KEMPER, Lurdes. **Cacoal: sua História, sua gente**. Goiânia: Editora Grafopel, 2006.
- KOZEL, Salete; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto (Orgs.). **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia cultural e humanística**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.
- LAMARCHE, Hugues (coord.). **A Agricultura Familiar**. Vol. II. Do mito à realidade. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.
- LEAL, Pedro Fonseca. **Colonização dirigida na Amazônia: os malabarismos do dirigismo estatal e os parceiros em descompasso com a lei – o caso do Projeto de Assentamento Rio Juma (AM)**. Porto de Galinhas: VIII Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural, 2010, p. 1-20.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: CEJUP, 1995.
- LUIJPEN, Wilhelmus. **Introdução à Fenomenologia Existencial**. São Paulo, EPU/EDUSP, 1973.
- MARANDOLA, Jr. Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. **Geografia Londrina**, v. 12, n. 2, jul/dez, 2003, p. 5-19.
- _____. Jr., Eduardo. Um sentido fenomenológico de paisagem: o sentir em mistura do ser-lançado-no-mundo. São Paulo: **Seminário Internacional Questões Contemporâneas sobre Paisagem**, 2014, p. 1-15.
- MARTINS, José de Souza. **O tempo da fronteira: retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 1996, p. 25-70.
- _____. José de Souza; **A fronteira. A degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- MARTINS, Ricardo Nogueira. Narrativas de lugar e memória: a importância de crescer o espaço na identidade do sujeito. **Geo-Working Papers do NIGP**. Minho, 2013, p. 5-24. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/OJS/index.php/geoworkingp>. Acesso em julho de 2014.

- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5ª Ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.
- MEINIG, Donald W. O olho que observa: dez visões sobre a mesma cena. **Espaço e cultura**, UERJ, n. 13, jan./jun. 2002, p. 35-46.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2 edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac Naify, 2004
- MINDLIN, Betty. **Nós Paiter os Suruí de Rondônia**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MONTE-MÓR, Roberto Luis de Melo. **Espaço e planejamento urbano: considerações sobre o caso de Rondônia**. (Mestrado em Engenharia). Rio de Janeiro: UFRJ, 1980.
- MOORE, D. **Classificação interna da família lingüística Mondé**. Estudos Lingüísticos XXXIV, 2005, p. 515- 520.
- NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Percepção e Representação Gráfica: A “Geograficidade” nos Mapas mentais dos Comandantes de Embarcações no Amazonas**. (Tese em Geografia) São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo, PUC, n.10 dezembro de 1993, p. 7-28.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Integrar para Não Entregar: políticas Públicas e Amazônia**. Campinas: Papyrus, 1991.
- PÁDUA, Letícia. **A Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências**. (Tese de Doutorado em Geografia). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.
- PEREIRA, Ernandes de Oliveira. A geografia fenomenológica: um olhar sobre a percepção ambiental dos povos ribeirinhos do rio Formosa a partir dos seus mapas mentais e de sua história oral. **Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos**. Porto Alegre, Junho de 2010, p. 1-14.
- PINHEIRO, A. **À margem do Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p. 200-212.
- PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, vol. 1, n 2, 1996, p. 59-72.
- RABELLO, Antônio Cláudio. Amazônia: uma fronteira volátil. **Estudos avançados**, n. 27, 2013, p. 213-235.

- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RELPH, Edward. C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**. Rio Claro, v.4, n 7, 1979, p.1-25.
- ROCHA, Lurdes Bertol. Fenomenologia, semiótica e geografia da percepção: alternativas para analisar o espaço geográfico. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**. Sobral, v.4/5, 2003, p.67-79.
- ROCHA, Samir Alexandre. Geografia humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **RAÍGA**, Editora UFPR, n. 13, 2007, p. 19-27.
- RONDON, C. M. da S. Relatório apresentado à Diretoria Geral dos Telégrafos e à Divisão Geral de Engenharia (G5) do Departamento da Guerra pelo coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, chefe da Comissão: construção (1907 a 1910). (Publicação n.39) Rio de Janeiro: CLTEMTA, 1907-1910.
- SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e Geografia. **Revista Finisterra**, XXXVI, 2001, p. 37-53.
- SANTOS, Cláudia Alves dos, SOUZA, Flávia Silva. Paisagem geográfica através da fenomenologia: possíveis caminhos para a construção de um método. Disponível em: **II Colóquio Nacional do NEER**, 2007. Disponível em: <http://www.neer.com.br/anais/NEER-2/trabalhos.html>. Acesso em jan. 2015.
- SARTRE, Jean-Paul. **A imaginação**. 3 edição. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- _____. Jean- Paul. Situações I. Lisboa: Publicações Europa-América, 1968.
- _____, Jean-Paul. O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____, Jean-Paul. **Esboço de uma Teoria das Emoções**. Porto Alegre: L&PM, 1939/2008.
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SERPA, Ângelo. Percepção e fenomenologia: em busca de um método humanístico para estudos e intervenções do/no lugar. In: **OLAN–Ciência & Tecnologia**. Rio Claro: Aleph, Engenharia e Consultoria Ambiental, 2001, p. 29-61.
- SIMMEL, Georg. **A filosofia da paisagem**. Política e trabalho, n.12, setembro, 1996, p.05-09. Disponível em: www.lusosofia.net. Acesso em fev. 2015.
- SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. A contra-reforma agrária em Rondônia: colonização agrícola, expropriação e violência. In: **V Encontro de Grupos de Pesquisa**, 2007. Disponível em: <http://w3.ufsm.br>. Acesso em jan. 2014.

- SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a Fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço Geográfico uno e múltiplo. **Scripta Nova**, n. 93, 2001. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-93.htm>. Acesso em nov. 2014.
- TEIXEIRA, M. A.D. e FONSECA, D. R. da. **História Regional: Rondônia**. Porto Velho: Rondoniana, 1998.
- THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Proj. História**, n15, 1997, p. 51-84.
- _____, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: FERREIRA, M. M., FERNANDES, T. M., ALBERTI, V. (Org.) **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC-FGV, 2000.
- TUAN, Yi-fu. **TOPOFILIA: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Ed. Difel, 1980.
- _____, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982, p. 143- 164.
- _____, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.
- VALVERDE, Orlando. **A Organização do espaço na faixa da Transamazônica**. 2v. Rio de Janeiro: IBGE, 1979-1989.
- VELHO, Otaviano G. **Frentes de expansão e estrutura agrária: estudo do processo de penetração numa área da Transamazônica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- VIEIRA, Daniel de Souza Leão. Paisagem e imaginário: contribuições teóricas para uma história cultural do olhar. **Revista de História e Estudos Culturais**, v. 3, ano III, n 3, jul/agosto/set de 2006, p. 1-14.